



**LILIANA PATRÍCIA  
FERREIRA DOS  
SANTOS**

**PELOS CAMINHOS DA (IN)DIFERENÇA: A  
QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS COM  
DIFICULDADES INTELECTUAIS E  
DESENVOLVIMENTAIS**



**LILIANA PATRÍCIA  
FERREIRA DOS  
SANTOS**

**PELOS CAMINHOS DA (IN)DIFERENÇA: A  
QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS COM  
DIFICULDADES INTELECTUAIS E  
DESENVOLVIMENTAIS**

Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Educação na área de Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Doutora Paula Ângela Coelho Henriques dos Santos, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Dedico este projeto a todas as pessoas que me ajudaram a desenvolvê-lo e me mostraram que, na vida, não há impossíveis e que todos os dias devemos lutar pelos nossos sonhos.

## **o júri**

Presidente

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Castro Leite Madeira  
Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

Ana Paula da Silva Pereira  
Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade do Minho

Professora Doutora Paula Ângela Coelho Henriques dos Santos  
Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

## **agradecimentos**

O desenvolvimento deste projeto foi um sonho tornado realidade e uma experiência muito significativa na minha vida académica, mas também na minha vida pessoal. Deste modo, não posso deixar de agradecer a todos o que contribuíram para o concretizar.

À Professora Paula Santos, a minha orientadora, agradeço o carinho e o entusiasmo com que abraçou o meu projeto, e me ajudou nas fases mais difíceis, sempre com uma palavra de confiança. Obrigada por me ter alargado horizontes e por ter partilhado comigo todo o seu conhecimento e sabedoria.

Aos profissionais e à Direção da instituição A., em especial à Dra. Elisa Lemos, agradeço a possibilidade de acesso à instituição e a todas as pessoas que dela fazem parte, bem como a disponibilidade e o apoio na concretização deste projeto.

Ao grupo com o qual trabalhei, na instituição A.: ao Mário, ao Alberto, ao Roberto, à Cristina, à Lara e à Leonor, agradeço a disponibilidade e afabilidade com que me acolheram, a vontade e a curiosidade revelada ao longo das sessões de trabalho, que me permitiram chegar até aqui. Com o desejo de que este projeto honre todo o trabalho que realizámos juntos e que, principalmente, vos dê voz.

Às minhas colegas de Mestrado, com quem tive oportunidade de trabalhar, trocar experiências e debater ideias que me conduziram a significativos questionamentos e aprendizagens no domínio da equidade e da justiça social.

Ao meu Tio João, esteja onde estiver, está a olhar por mim! Agradeço a sua proteção diária e por nunca me ter deixado desistir dos meus sonhos.

À minha família e amigos agradeço todo o apoio e compreensão, por ajudarem na realização dos meus sonhos e acreditarem que juntos podemos tornar o mundo num lugar melhor.

## palavras-chave

Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento. Qualidade de vida. Exclusão. Inclusão.

## Resumo

Este projeto teve o seu ponto de partida nas experiências pessoais de um grupo de seis pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais (DID) da instituição A. Reconhecendo a importância da Inclusão e da Qualidade de Vida das pessoas com necessidades especiais, foca-se nos seguintes objetivos: promover a inclusão das pessoas com DID junto da comunidade/instituição; dar visibilidade e voz ao grupo de participantes, promovendo o reconhecimento das suas capacidades e potencialidades pessoais; criar condições de *empowerment* do grupo de participantes, numa perspectiva de ajuda mútua e partilha das suas experiências de vida. O projeto foi desenvolvido segundo uma metodologia qualitativa, com recurso ao Estudo de Caso, centrando-se nos índices de qualidade de vida desenvolvidos por diversos investigadores. Recorreu-se a técnicas como o Photo Voice, Grupos de Discussão Focalizada, Ecomapa e PATH. Acreditamos que o projeto constituiu uma mais-valia para os participantes do grupo, uma vez que, através de um ambiente seguro e confortável – tanto do ponto de vista físico como humano/relacional -, foram criadas oportunidades de bem-estar emocional, abertura e confiança, para que pudessem partilhar as suas experiências pessoais e, em última instância, fazer ouvir a sua voz.

**Keywords**

Intellectual and developmental disability. Quality of life. Exclusion. Inclusion.

**Abstract**

This project had its starting point in the personal experiences of a group of six people with intellectual and developmental disabilities (IDD) of the institution we named "A". Recognizing the importance of Inclusion and Quality of Life of people with special needs, it focuses on the following goals: promoting inclusion of people with DID in the community / institution; giving visibility and voice to the group of participants; promoting the recognition of their capacities and capabilities; creating empowerment conditions of the group of participants, in a perspective of mutual aid and sharing of their life experiences. The project was developed using a qualitative methodology, and the Case Study method, focusing on the indexes of quality of life developed by several researchers. Supported in techniques such as Photo Voice, Focus Group, Ecological Map and PATH. We believe that the project was an added value for the participants of the group, since through a safe and comfortable environment - both from the physical and human/relational point of view -, opportunities have been created for emotional well-being, opening and confidence, so they could share their personal experiences and, ultimately, make their voices heard.

## **Abreviaturas**

**QV** - Qualidade de Vida

**LGP** - Língua Gestual Portuguesa

**PATH** - *Planning Alternatives Tomorrows with Hope*

**DID** - Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental

**CIF** - Classificação Internacional de Funcionalidade

**ASSOL** - Associação de Solidariedade Social de Lafões

**CERCIAG** - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos com Incapacidades de Águeda

**CDPD** - Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência



## Índice Geral

Abreviaturas .....	I
Índice Geral .....	II
Índice de Figuras .....	IV
Índice de Quadros .....	V
Introdução.....	13
Parte I: Enquadramento teórico .....	15
Capítulo 1: Deficiência como construção social .....	15
1.1– Conceito .....	15
1.2- Contextualização histórica .....	16
Capítulo 2: Representações sociais e os processos da exclusão .....	19
2.1- Conceito .....	19
2.2 - Outros conceitos associados .....	20
Capítulo 3 – Políticas sociais: o papel das instituições .....	23
3.1 - Em Portugal .....	23
3.2- Apoio Centrado nas Pessoas: uma abordagem para o “empowerment” da pessoa vulnerável .....	24
3.3- Abordagens desenvolvidas na ASSOL e na CERGIAG .....	26
Capítulo 4: A qualidade de vida das pessoas com deficiência: indicadores da qualidade de vida .....	29
4.1 – Desenvolvimento Pessoal .....	30
4.2 -Bem-estar emocional .....	31
4.3 - Bem-estar físico .....	32
4.4- Bem-estar material.....	32
4.5 – Relações interpessoais .....	33
4.6 – Autodeterminação .....	33
4.7 – Direitos .....	33
4.8 – Inclusão Social .....	35
Parte II – Metodologia de Investigação .....	37
Capítulo 5: Grupo Participante .....	37
5.1 – Apresentação dos participantes: percursos de vida, interesses e sonhos.....	37
5.2 – Contexto institucional .....	38
5.2.1 – Razões da Escolha.....	38
5.2.2 – A caracterização do Contexto .....	38
5.2.3 - Entrada no terreno .....	39
5.2.4 - Espaço e Tempo compartilhado com o grupo .....	40
Capítulo 6: Opções Metodológicas.....	43
6.1 – Método de Investigação: Estudo de Caso .....	43
6.2 – Técnicas e Instrumentos .....	44
6.2.1 – Grupos de Discussão Focalizada ( <i>Focus Group</i> ) .....	44
6.2.2 - <i>Photo Voice</i> .....	45
6.2.3 – Outros instrumentos .....	46

6.2.3.1 – PATH .....	46
6.2.3.2 – Ecomapa.....	48
6.2.3.2 – Notas de Campo .....	49
Capítulo 7: Apresentação e discussão de dados .....	51
Bibliografia.....	115
ANEXOS.....	121

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> - Disposição das mesas e cadeiras na sala.....	41
<b>Figura 2</b> - Exemplo de uma atividade realizada nas sessões de GDF .....	45
<b>Figura 3</b> - O grupo na atividade de <i>Photo Voice</i> .....	46
<b>Figura 4</b> - Exemplo de um PATH elaborado pelos participantes .....	47
<b>Figura 5</b> - Exemplo de um Ecomapa elaborado pelos participantes.....	49

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1</b> - Legenda Ecomapa .....	48
<b>Quadro 2</b> - Sentido de autodeterminação do Alberto .....	52
<b>Quadro 3</b> - Percepção do Alberto sobre os Direitos .....	54
<b>Quadro 4</b> - Percepção do Alberto sobre a Inclusão Social que experiencia .....	55
<b>Quadro 5</b> - Percepção do Alberto sobre as Relações Interpessoais em que está envolvido ....	56
<b>Quadro 6</b> - Percepção do Alberto sobre o seu Bem-Estar Físico .....	57
<b>Quadro 7</b> - Percepção do Alberto sobre o seu Bem-Estar Emocional .....	58
<b>Quadro 8</b> - Percepção do Alberto sobre o seu Bem-Estar Material .....	59
<b>Quadro 9</b> - Percepção do Alberto sobre o seu Desenvolvimento Pessoal .....	60
<b>Quadro 10</b> - Sentido de autodeterminação da Cristina .....	62
<b>Quadro 11</b> - Percepção da Cristina sobre os Direitos .....	64
<b>Quadro 12</b> - Percepção da Cristina sobre a Inclusão Social que experiencia .....	65
<b>Quadro 13</b> - Percepção da Cristina sobre as Relações Interpessoais em que está envolvida .	66
<b>Quadro 14</b> - Percepção da Cristina sobre o Bem-Estar Físico .....	68
<b>Quadro 15</b> - Percepção da Cristina sobre o Bem-Estar Emocional .....	69
<b>Quadro 16</b> - Percepção da Cristina de Bem-Estar Material .....	70
<b>Quadro 17</b> - Percepção da Cristina do Desenvolvimento Pessoal .....	71
<b>Quadro 18</b> - Sentido de autodeterminação da Lara .....	72
<b>Quadro 19</b> - Percepção da Lara sobre os Direitos .....	74
<b>Quadro 20</b> - Percepção da Lara sobre a Inclusão Social que experiencia .....	76
<b>Quadro 21</b> - Percepção da Lara sobre as Relações Interpessoais em que está envolvida ....	76
<b>Quadro 22</b> - Percepção da Lara sobre o Bem-Estar Físico .....	78
<b>Quadro 23</b> - Percepção da Lara do Bem-Estar Emocional .....	79
<b>Quadro 24</b> - Percepção da Lara do Bem-Estar Material .....	79
<b>Quadro 25</b> - Percepção da Lara de Desenvolvimento Pessoal .....	81
<b>Quadro 26</b> - Sentido de autodeterminação da Leonor .....	82
<b>Quadro 27</b> - Percepção da Lara sobre os Direitos .....	84
<b>Quadro 28</b> - Percepção da Leonor sobre a Inclusão Social que experiencia .....	85
<b>Quadro 29</b> - Percepção da Leonor sobre as Relações Interpessoais em que está envolvida ..	85
<b>Quadro 30</b> - Percepção da Leonor do Bem-Estar Físico .....	87
<b>Quadro 31</b> - Percepção da Leonor do Bem-Estar Emocional .....	88
<b>Quadro 32</b> - Percepção da Leonor sobre o Bem-Estar Material .....	88
<b>Quadro 33</b> - Percepção da Leonor sobre o Desenvolvimento Pessoal .....	89
<b>Quadro 34</b> - Sentido de autodeterminação do Mário .....	90
<b>Quadro 35</b> - Percepção do Mário sobre os Direitos .....	93
<b>Quadro 36</b> - Percepção do Mário sobre a Inclusão Social que experiencia .....	94
<b>Quadro 37</b> - Percepção do Mário sobre as Relações Interpessoais em que está envolvido ....	95
<b>Quadro 38</b> - Percepção do Mário do Bem-Estar Físico .....	96
<b>Quadro 39</b> - Percepção do Mário do Bem-Estar Emocional .....	97
<b>Quadro 40</b> - Percepção do Mário sobre o Bem-Estar Material .....	97
<b>Quadro 41</b> - Percepção do Mário sobre o Desenvolvimento Pessoal .....	98
<b>Quadro 42</b> - Sentido de autodeterminação do Roberto .....	100
<b>Quadro 43</b> - Percepção do Roberto sobre os Direitos .....	102
<b>Quadro 44</b> - Percepção do Roberto sobre a Inclusão Social que experiencia .....	103
<b>Quadro 45</b> - Percepção do Roberto sobre as Relações Interpessoais em que está envolvido .....	104
<b>Quadro 46</b> - Percepção do Roberto do Bem-Estar Físico .....	105
<b>Quadro 47</b> - Percepção do Roberto do Bem-Estar Emocional .....	106
<b>Quadro 48</b> - Percepção do Roberto sobre o Bem-Estar Material .....	107
<b>Quadro 49</b> - Percepção do Roberto sobre o Desenvolvimento Pessoal .....	107

## Introdução

“Ergo a minha voz não para gritar, mas para que as pessoas sem voz possam ser escutadas.”  
Malala Yousafzai

O projeto “Pelos caminhos da (in)diferença: a qualidade de vida das pessoas com deficiência” surge no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação na área da Educação Social e Intervenção Comunitária e da preocupação social em reverter os fenómenos de exclusão presentes na sociedade, nomeadamente em populações com necessidades especiais (NE).

O objetivo deste trabalho é dar voz às pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais (DID), muitas vezes colocadas à margem da sociedade, dando a conhecer a sua qualidade de vida nas instituições e em casa; identificar as necessidades não satisfeitas, com vista a sua resolução; reforçar a rede de relações no grupo de participantes no projeto e dinamizar algumas atividades como forma de promover o conhecimento mútuo e os laços de afeto entre as pessoas.

Na minha licenciatura em Língua Gestual Portuguesa (LGP), convivi com pessoas surdas, e após o seu término, iniciei a minha caminhada pelo voluntariado, conhecendo deste modo, as pessoas que integraram o meu projeto. Ao longo deste caminho, sinto que a minha atitude perante o mundo, os problemas e as desigualdades sociais, ficou enriquecida e mais esclarecida. Desde sempre senti uma enorme inquietação votada aos problemas sociais que me rodeavam, por isso, a minha vontade de optar pelo curso de LGP, e mais tarde, ingressar neste mestrado.

Sempre acreditei que poderia mudar o mundo, com a minha vontade de fazer justiça e dar voz aos que não são ouvidos ou que, por várias razões, são ignorados e colocados à margem.

Tendo realizado voluntariado no Centro C, no momento de procurar um grupo no qual pudesse colocar em prática o meu projeto, essa tornou-se a escolha *natural*. O grupo foi constituído por seis elementos, três homens e três mulheres, com idades compreendidas entre os 21 anos e os 46 anos, com deficiência intelectual moderada<sup>1</sup> (um elemento), deficiência intelectual leve/ligeira<sup>2</sup> (quatro elementos) e um caso de alterações de personalidade<sup>3</sup>, perda de olfacto, paladar e dificuldades visuais e de linguagem ligeiras (em resultado de um acidente no início da idade adulta com traumatismo crânio-encefálico grave).

O desenvolvimento deste projeto foi um processo intensamente partilhado entre a investigadora e os participantes; contudo, apesar da constante “agência” do “nós”, ao iniciarmos a escrita deste relatório de projeto, vimo-nos perante a inevitabilidade de recorrer

---

<sup>1</sup>, <sup>2</sup> e <sup>3</sup> Segundo dados do processo individual.

amiúde à primeira pessoa do singular para explicarmos as tomadas de decisão da investigadora, autora do relatório.

O projeto tem como referentes, os índices da Qualidade de Vida da Escala de Schalock et al., (2005): Desenvolvimento Pessoal, Bem-estar Emocional, Bem-estar Físico, Bem-estar Material, Relações Interpessoais, Autodeterminação, Direitos e Inclusão Social.

Cada uma das X sessões foi subordinada a um tema diferente, baseado nos índices da qualidade de vida a estudar. As sessões foram dinamizadas com recurso a diferentes metodologias, como *Grupos de Discussão Focalizada*, *Photo Voice*, Ecomapa e PATH. A metodologia utilizada foi o Estudo de Caso, que permitiu uma abordagem emancipadora da pessoa com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais (DID).

Ao longo deste relatório de projeto, buscamos mostrar os testemunhos de cada pessoa do grupo, a realidade em que vive e a sua percepção sobre a qualidade de vida, envolvendo desta maneira, a prática e a teoria, como forma de produção de conhecimento gerador de mudança social e desenvolvimento global das pessoas com NE.

O projeto será apresentado em dois momentos essenciais. Num primeiro momento, abordaremos as referências teóricas, nas quais sustentámos as nossas tomadas de decisão, intervenções, análises e reflexões ao longo do projeto; num segundo momento, descreveremos todo o processo prático de abordagem ao terreno, bem como, a escolha da metodologia que adotámos; analisamos criticamente e discutimos os dados obtidos.

## Parte I: Enquadramento teórico

### Capítulo 1: Deficiência como construção social

#### 1.1– Conceito

A palavra “deficiência”, desde sempre, acarretou consigo dúvidas, discussões e vários sentidos associados. O conceito de deficiência foi produzido ao longo dos tempos pela sociedade, uma vez que, as diferenças pronunciadas por algumas pessoas eram tratadas como desvantagens (Omote, s.d), sendo alvo de preconceitos e marginalização (Maciel, 2000). A OMS (2004) considera que é difícil encontrar o termo correto para se referir a alguém que possui uma limitação ou restrição funcional, considerando que, “os termos utilizados na classificação podem, apesar de todos os esforços, estigmatizar e rotular.” (p.215). Segundo Morato e Santos (2007, citados por, Santos & Morato, 2012), os termos utilizados possuem um carácter negativo e pejorativo perante a sociedade, uma vez que se associa a deficiência à irrecuperabilidade e inutilidade. Socialmente, a deficiência é vista como “sinónimo de opressão por parte de uma sociedade deficientizadora” (Oliver, 1991, citado por Fontes, 2009, p.74).

A OMS (2004) define deficiência como uma “anormalidade, defeito, perda ou outro desvio importante relativamente a um padrão das estruturas do corpo” (p.15). A deficiência pode considerar-se: temporária ou permanente; progressiva, regressiva ou estável; intermitente ou contínua (OMS, 2004). O termo “Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental” (DID) surge em 2002 como proposta de uma nova designação para referenciar diagnósticos outrora conhecidos como deficiência mental (Santos & Morato, 2012). A nova definição criou uma mudança de paradigma, vindo reivindicar apoios adequados ao desenvolvimento das pessoas com deficiência, considerando que cada uma tem capacidades e potencialidades desconhecidas, que exibirão se lhes forem proporcionadas oportunidades de ação para tal, numa lógica de desempenho de um papel ativo na sociedade. Esta definição não se centra apenas nas dificuldades individuais, dando maior relevo à interação entre o sujeito e o meio (Luckasson et al., 2002; Shalock, Borthwick-Duffy, & Buntinx, 2010, citados por Santos & Morato, 2012; Silva & Coelho, 2014).

Rosato e Leonardo (2011) levaram a cabo um estudo, cujo objetivo era compreender as expectativas da comunidade escolar no que diz respeito à educação especial. Verificou-se que o termo “deficiência” remete para algo que não tem possibilidade de mudar, irreversível e *alojado* na pessoa; por sua vez, “dificuldade” remete para um conceito que pode mudar, uma condição que tem hipótese de ser recuperada. Perante tais conclusões, os autores equacionaram uma série de questões dirigidas aos professores no âmbito da educação dada a pessoas com DID, revelando a urgência e necessidade da redefinição do conceito.

O conceito de deficiência transformou-se ao longo dos anos, sendo criados vários modelos para entender a deficiência. Deste modo, surgiu o modelo social, o modelo biomédico e o modelo biopsicossocial. O modelo biomédico, muito contestado pelo modelo social, assegura que a pessoa com deficiência deve centrar-se em corrigir os seus impedimentos, recorrendo à reabilitação, operações cirúrgicas ou outras práticas, de forma a ter uma vida como os demais, dentro da normalidade (Diniz, Barbosa & Santos, 2009). De acordo com a

OMS (2004), “os cuidados em relação à incapacidade têm por objetivo a cura ou a adaptação do indivíduo e a mudança de comportamento” (p.21). Segundo Diniz, Barbosa e Santos (2009), o modelo biomédico explica que, problemas sociais como o desemprego, a baixa escolaridade e a segregação, são causados por impedimento dos organismos, uma vez que lhes falta habilidade para trabalhar. As decisões sobre a vida das pessoas estava, nesse modelo, incumbida a profissionais especializados (Martins, Fontes, & Hespanha, 2012).

Por sua vez, o modelo social nasceu em Inglaterra no final dos anos 70 (Gesser, Nuernberg, & Toneli, 2012) e revelou-se de imensa importância para as pessoas com deficiência, uma vez que defendia que a desigualdade era criada pela sociedade, pois ignoravam os organismos com limitações, ou seja, a cultura da normalidade discriminava, segregava e oprimia todos os corpos/organismos com impedimentos (Diniz, Barbosa & Santos, 2009; Fontes, 2009). A OMS (2004) considera que “a solução do problema requer uma ação social e é da responsabilidade coletiva da sociedade fazer as modificações ambientais necessárias para a participação plena das pessoas com incapacidades em todas as áreas da vida social” (p.22).

O modelo biopsicossocial, o mais recente nesta matéria, nasce da junção dos dois modelos anteriores pela Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF), da autoria da OMS (2004), e pretende obter uma junção de diferentes perspetivas, designadamente, a biológica, a social e a individual. Este novo modelo concebe a deficiência “como resultado da interação entre funções do corpo, estruturas do corpo, atividades e participação, e fatores ambientais” (Martins, Fontes, & Hespanha, 2012, p.48).

As divergências sobre quais os termos corretos a utilizar - “pessoas com deficiência”, “pessoas com incapacidade”, “pessoas com necessidades especiais” – persistem, garantindo a OMS (2004) que não existe uma “prática universal” a ser adotada. No entanto, a mesma fonte garante que as pessoas tem o direito a serem chamadas da forma que quiserem e mais gostarem, pois o problema não reside apenas na questão da linguagem, mas também, nas atitudes da sociedade em relação à incapacidade. Salienta-se que “os indivíduos não devem ser reduzidos ou caracterizados apenas em termos das suas deficiências, limitações da atividade, ou restrições na participação” (OMS, 2004, p.215), mas sim valorizando as suas competências, capacidades e talentos.

## **1.2- Contextualização histórica**

Estima-se que mais de um bilião de pessoas em todo o mundo possuem alguma deficiência (OMS, 2012). Ao longo dos anos a deficiência foi encarada de forma diferente, porém, de acordo com Omote (s.d), a sociedade sempre categorizou as pessoas que aos seus olhos, eram consideradas “diferentes”.

No regime primitivo, presava-se a aptidão física e a participação dos cidadãos nas atividades da comunidade, portanto, todos aqueles que apresentassem incapacidades ou deficiências, eram eliminados (Guhur, s.d). Segundo o mesmo autor, acreditava-se que “a causa das enfermidades, deficiências e ou incapacidades era representada como estando



associada a sinais ou forças misteriosas latentes na própria natureza.” (p.77), fugindo desta forma ao controlo do homem. Em contrapartida, a sociedade feudal, via as pessoas com incapacidades, “como fazendo parte da ordem natural do universo” (Guhur, s.d, p.80). O novo paradigma, defende o autor, preconiza como vontade de Deus e incluído no plano divino, tudo o que acontece aos homens: injustiças, desigualdades, enfermidades, incapacidades e deficiências.

À medida que a produção emerge, as desigualdades sociais contrastam-se e evidenciam-se, sendo as pessoas que possuem algum tipo de incapacidade (física, mental, sensorial) consideradas inúteis para a realização do trabalho e, portanto, entregues aos cuidados do Estado e das instituições (Guhur, s.d).

Em meados do século XX, surge o tema da integração social da pessoa com deficiência pelo governo federal dos EUA. Este reconhecia a sua obrigação de assegurar os cuidados às pessoas com deficiência, bem como o seu acesso à educação e à reabilitação (Kanner, 1964; Bradley 1978; Rubin & Roessler 1978, citados por Aranha, 1995). Segundo estes autores,, a pressão imposta pela sociedade para a implementação de um programa público que ajudasse a lidar com este fragmento da população e os soldados feridos, vindos da Primeira Guerra Mundial, fez com que o governo criasse uma solução. Deste modo, deu-se origem a programas constitucionais que garantiam o sustentáculo financeiro dos programas de reabilitação. Kanner (1964), Bradley (1978), Rubin e Roessler (1978), citados por Aranha (1995), referem ainda que estes programas aumentaram durante a Segunda Guerra Mundial, uma vez que esta proporcionou a visibilidade das pessoas com deficiência na área laboral. Porém, a Guerra do Vietname veio aumentar o número de pessoas com deficiência: além de problemas físicos, evidenciaram-se problemas emocionais, decorrentes da participação na guerra. Em resultado disso, segundo os autores, a estigmatização das pessoas com deficiência e o seu isolamento, deram origem a movimentos de contestação pelos seus direitos.

De acordo com a OMS (2012), desde os anos de 1970, altura em que se verificaram os primeiros movimentos sociais impulsionados pelas pessoas com necessidades especiais, as respostas a esta população têm vindo a ser alvo de transformação, sendo encarada como uma questão central de direitos humanos. O conceito de normalização veio defender que “ao deficiente devem ser dadas as condições mais semelhantes às oferecidas na sociedade em que ele vive” (Miranda, 2003, p.1).



## **Capítulo 2: Representações sociais e os processos da exclusão**

### **2.1- Conceito**

De acordo com Diniz, Barbosa e Santos (2009), a deficiência é “um conceito que denuncia a relação de desigualdade imposta por ambientes com barreiras a um corpo com impedimentos” (p.65). Os processos de exclusão surgem culturalmente através da sociedade e vão-se reproduzindo com o passar do tempo, através das instituições, das técnicas e dos saberes que funcionam no seio da comunidade (Eizirik, 2002, citado por Quintão, 2005). De acordo com Saraiva (1999), a exclusão “é um processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros” (p.9), sendo, portanto, perturbadora da ordem social. Urge alterar a forma como os corpos são pensados e inventados pelos outros, para tal, é necessário modificar processos históricos, económicos e culturais (Skliar, 1999). De acordo com o autor, a deficiência é uma questão social e cultural, os sujeitos são infantilizados pela sociedade, que prioriza apenas a limitação dos seus corpos.

A sociedade é regulada por normas e valores, criados a partir das relações dos sujeitos em comunidade, e é nestas circunstâncias que se delimita quem fica e quem sai do sistema (Aranha, 1995), baseando-se nos padrões de beleza e perfeição (Sousa, 2003).

Segundo Vala (2002), as representações sociais são um fenómeno presente em todas as sociedades e têm como objetivo a produção de sentido. O autor refere ainda que, as representações sociais traduzem a realidade e exercem influência tanto sobre a interpretação dos acontecimentos e do meio circundante, como sobre as respostas ao que se pensa que aconteceu. Uma representação é social porque é partilhada por um conjunto de pessoas, por um lado, e porque é construída coletivamente, por outro (Vala, 2002): “as representações sociais são um produto das interações e dos fenómenos de comunicação no interior de um grupo social, refletindo a situação desse grupo, os seus projetos, problemas e estratégias, e as suas relações com outros grupos” (p. 461).

Num estudo desenvolvido por Jodelet (1989, citada por Vala, 2002) sobre a representação da doença mental, verificou-se a existência de dois comportamentos diferentes perante a sujidade: as roupas de doentes mentais que sofrem de encoprese ou enurese eram lavadas junto com qualquer outra peça de roupa da família, contudo, estas pessoas tinham um prato e talheres diferentes do resto da família (o que expressa receio de contaminação através da saliva, com base em antigas conceções sobre o corpo); quando questionadas acerca das motivações para o seu comportamento, as pessoas não eram capazes de explicar, o que demonstra que uma representação não consciente orientava os seus comportamentos.

As representações sociais, de acordo com Vala (2002), têm que ser partilhadas para serem consideradas verdadeiras e reais: as imagens e as ideias veiculadas pela televisão, porque acessíveis a um número muito abrangente de pessoas, transmitem a ideia de consenso, o que promove a adesão conformista.

## 2.2 - Outros conceitos associados

Jodelet (2001) identifica dois mediadores importantes da exclusão: o preconceito e os estereótipos. O preconceito define-se como um juízo a propósito de uma pessoa, um grupo ou um objeto, que pode ser positivo ou negativo, formado sem existência de quaisquer evidências que o confirmem ou desmintam. Para Buscaglia (1997), citado por Batista e França (2007), o preconceito está associado à raça, à cor da pele, à religião, ao estatuto social e às diferenças físicas e mentais. Os estereótipos traduzem imagens que permitem simplificar a realidade do meio social envolvente. Como exemplos, recorrendo às pessoas portadoras de deficiência, surgem os seguintes: na esfera do preconceito, pode referir-se que as pessoas com deficiência são improdutivas e inúteis, encontrando-se presentes as diferentes dimensões do preconceito, designadamente a cognitiva (ideia de que a deficiência é da inteira responsabilidade da pessoa e implica ausência de vontade de mudar), a afetiva (improdutivo e inútil têm conotações claramente negativas, pelo que a deficiência e, conseqüentemente, as pessoas portadoras de deficiência, despertam emoções negativas) e a conotativa (adoção de uma postura de marginalização/discriminação relativamente a esses sujeitos); por outro lado, como estereótipo pode avançar-se que as pessoas com deficiência sentem significativamente mais dificuldades no estabelecimento de relacionamentos entre os pares.

Através dos estereótipos de deslegitimação, um grupo é desumanizado pela interdição a normas e valores fundamentais, o que depois constitui justificação para quaisquer penalizações aplicadas, seja na forma de indiferença, de desprezo e/ou de violência (Jodelet, 2001).

É fundamental ter presente o efeito negativo e limitador que têm os sentimentos de insegurança e de inferioridade decorrentes do estatuto de marginalização: os grupos marginalizados, destituídos de poder, comportam-se de forma a confirmar as expectativas decorrentes da interiorização de imagens negativas transmitidas pela sociedade (Jodelet, 2001).

De acordo com Rodrigues (2006) “a diferença é antes de mais uma construção social histórica e culturalmente situada.” (p.5); ao classificar alguém como “diferente”, parte-se de princípio que existe uma categoria de “normal”, na qual o classificador se insere (e o sujeito classificado, não).

Santos (1999) refere que, através de “uma cultura, por via de um discurso de verdade, o Homem cria o interdito e o rejeita” (p. 2). De acordo com o autor, a regulação social dá origem a processos de desigualdade e de exclusão, instituindo, porém, mecanismos que permitem a sua gestão, mantendo-os dentro de determinados limites, e o seu controlo. A gestão da exclusão é, pois, efetuada através da assimilação, enquadrada numa cultura que visa a homogeneização e a homogeneidade: “em vez do direito à diferença, a política da homogeneidade cultural impõe o direito à indiferença” (Santos, 1999, p. 18).

As pessoas com incapacidades intelectuais, segundo Ditchman et al., (2013), estão entre a população que atualmente ainda é excluída pela sociedade; desta forma, encontram dificuldades na procura de emprego, habitação e no acesso à saúde, devido à persistência do estigma. Os autores chamam a atenção para o estigma como uma questão de justiça social.

Apesar dos esforços para a mudança de mentalidades nas últimas décadas, o estigma ainda persiste, resultando em preconceito e discriminação para com as pessoas que têm necessidades especiais, limitando desta forma a sua participação na vida da comunidade (OMS, 2001 citada por Ditchman et al., 2013). Goffman (1963, citado por Ditchman et al., 2013) descreve o estigma como uma atitude das pessoas face a uma pessoa que não cumpre as expectativas da sociedade.

Um estudo realizado por Ali, Strydom, & Hassiotis (2008 citado por Ditchman et al., 2013) contempla declarações de pessoas com deficiência intelectual e as suas experiências pessoais de comportamentos discriminatórios. Deste modo, foi concluído pelos testemunhos que: “as pessoas falam baixo para mim” (60%), “as pessoas na rua olham para mim de forma engraçada” (61%) e “as pessoas tratam-me como se fosse uma criança” (46%).

“Mas o que é afinal ser diferente? E diferente de quê?” (Rodrigues, 2006). Para o autor, ser diferente é viver numa sociedade que funciona à luz de determinados valores e crenças que classificam determinadas características das pessoas com necessidades especiais. Acrescenta ainda que, “ser diferente é uma característica humana e comum, e não um atributo (negativo) de alguns” (p.6).



## Capítulo 3 – Políticas sociais: o papel das instituições

### 3.1 - Em Portugal

O Estado desempenha um papel fundamental no combate à discriminação e exclusão das pessoas com deficiência, uma vez que é o órgão máximo de poder, garantindo-lhes deste modo, direitos de cidadania (Fontes, 2009). Porém, apesar da origem de várias instituições públicas, como a Comissão Permanente de Reabilitação e o Conselho Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, elas continuam a ser afastadas das decisões que afetam as suas vidas (Martins, Fontes, & Hespanha, 2012). É visível, segundo Martins, Fontes, e Hespanha (2012), a falta de empenho por parte do Estado, o que se evidencia na sociedade, uma vez que é incapaz de reverter situações de desigualdade a que as pessoas com deficiência estão expostas.

A Institucionalização, o primeiro paradigma existente, defendia que as pessoas com deficiência não eram produtivas e portanto, estariam melhor em ambientes protegidos e segregados da restante sociedade. Nesta fase, foram criadas *Instituições Totais*, nas quais as pessoas que apresentavam incapacidades ou deficiências passavam o resto da vida (Aranha, s.d). Após duras críticas ao paradigma vigente, é criado um segundo paradigma, o dos *Serviços* que, como defende a autora, preconizava que para as pessoas diferentes poderem conviver com a restante sociedade, tinham de se modificar e ajustar, para ficarem o mais semelhantes possível aos demais. Deste modo, multiplicaram-se instituições e organizações, com o intuito de oferecer às pessoas com deficiência a sua integração na sociedade, passando por programas de intervenção.

Na década de 80, de acordo com Aranha (s.d), prolifera em diversos países a ideia de que as pessoas com deficiência necessitam de reabilitação e habilitação, bem como de intervenção educacional e terapêutica. Deste modo, surge o *Paradigma dos Suportes*, baseado no princípio de igualdade, que permite o acesso da pessoa ao espaço da comunidade, independentemente do seu grau de deficiência ou limitação. Tal mudança implica recursos materiais, pessoais, físicos, técnicos e sociais, bem como, um processo de inclusão na comunidade e na escola (Aranha, s.d).

Vala e Marinho (2003) revelam um estudo realizado por Mikula (1993), com estudantes universitários austríacos, onde estes descrevem situações de injustiça social em que estiveram envolvidos. Os seus relatos reportavam para situações de injustiça como: na atribuição de recursos, factos que envolviam regras e procedimentos, e ainda situações em que narravam a forma como algumas pessoas eram tratadas. Esta última envolve episódios onde existem falta de consideração pessoal, violação da dignidade, desrespeito, entre outras. Os autores referem que em Portugal também foram realizados estudos deste tipo, com pessoas heterógenas e em contextos institucionais diversificados, tendo sido obtido resultados idênticos aos estudos de Mikula. Nestes estudos, o senso comum diferencia as várias fontes de injustiça, sendo elas: as distribuições, os procedimentos e as modalidades de relação.

De acordo com Vala e Marinho (2003), ao Estado compete um papel de organizador da vida social, porém, este papel não lhe é conferido pela intervenção que faz junto da

sociedade, mas pela regulação que aplica a todo o território. No que diz respeito aos direitos sociais, estes reportam para os objetivos sociais, económicos e culturais, concretizando-se ou não através das políticas sociais apropriadas. Os autores estudaram ainda, a adesão aos direitos sociais de cidadania, mais propriamente o indicador “a atitude face ao apoio do Estado aos mais necessitados”, revelando que, existe uma larga adesão por parte do Estado na ajuda aos mais necessitados, expressando-se na posição “são um direito por razões de justiça social” com 37%. Porém, 47% dos inquiridos acham que “só têm direito se estiverem disponíveis para trabalhar” e 16%, se “tiverem a vontade de trabalhar”.

Em relação às pessoas com necessidades especiais, Fontes (2009) afirma que os subsídios atribuídos são baseados na conceção médica da deficiência, uma vez que exigem uma avaliação médica para os atribuir. No entanto, apesar de distanciadas dos seus direitos cívicos, de acordo com os autores, as organizações que representam as pessoas com deficiência, fornecem os serviços necessários para a melhoria da qualidade de vida deste grupo social (Martins, Fontes, & Hespanha, 2012). Os apoios sociais prestados às pessoas com necessidades especiais são atribuídos num sistema de relações formais e informais, através das quais os sujeitos recebem apoio emocional, material e informação para que possam enfrentar situações potencialmente geradoras de tensão emocional. Este processo traz efeitos positivos para ambos, quem recebe e quem oferece a ajuda, concluindo-se que as pessoas necessitam umas das outras. O apoio social leva a que as pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais tenham uma maior satisfação com a sua vida (Faerstein & Lopes, 2003, citados por Resende & Gouveia, 2011).

### **3.2- Apoio Centrado nas Pessoas: uma abordagem para o “empowerment” da pessoa vulnerável**

O *Gentle Teaching*, em Portugal mais conhecido por *Pedagogia da Interdependência*, tem como objetivo, educar e ensinar com devoção crianças e adultos que se encontram em situação de marginalização. Exige dos cuidadores “espírito de bondade, na procura de forma de expressar calor e amor incondicionais para com as pessoas mais privadas de direitos e afastadas da vida da família e da comunidade” (McGee & Brown 2007, p.3). Nesta pedagogia, as pessoas que zelam pelos outros assumem um papel de compromisso, pois é sua missão conduzir a mudanças pessoais e sociais. As mudanças de que falam os autores iniciam-se em cada ser humano, no seu interior: no afeto e na disponibilidade que oferecem, sem pedir nada em troca, apenas a aspiração de que se podem estabelecer relações intensas, duradouras e especiais com as minorias da sociedade.

Em relação aqueles que servem, os cuidadores devem guiar-se por quatro sentimentos considerados fundamentais: o sentir-se seguro, o sentir-se amado, o sentir-se capaz de amar e o sentir-se envolvido na vida da comunidade. Para os autores, o amor e o espírito de bondade são considerados peças fundamentais para que alguns comportamentos violentos por parte dos grupos marginalizados desapareçam e se dê início ao florescer de outros. Para tal, é necessário, por parte dos cuidadores, fazer com que a pessoa apoiada evite hábitos e pensamentos negativos.



A Pedagogia da Interdependência distingue-se por possuir uma abordagem diferenciadora, em que os cuidadores dão amor incondicional às pessoas colocadas de parte pela sociedade. Desta maneira, procuram atenuar o sofrimento que lhes foi causado pela vida, a solidão em que se encontram, a impossibilidade de fazer escolhas e a opressão sentida por parte da sociedade (McGee & Brown, 2007).

Para aos autores da Pedagogia da Interdependência, no coração da abordagem está a resposta à pergunta “O que poderá ajudar esta pessoa a sentir-se segura comigo e amada por mim?”.

O Planeamento Centrado na Pessoa é uma técnica consubstanciada pela Pedagogia da Interdependência, caracterizado por uma abordagem humanista, visto que tem como meta proporcionar às pessoas mais vulneráveis, apoios centrados nos seus sonhos e aspirações futuras, e não da realidade atual ou do passado (Pereira, 2014). Desenvolveu-se como forma de encontrar apoios que permitissem às pessoas com deficiência viver integradas nas suas comunidades, principalmente as que viveram institucionalizadas vários anos. Esta técnica inovadora, segundo o autor, tem como objetivo “organizar os apoios existentes na comunidade, sejam eles profissionais ou não profissionais, no sentido de responder ao que a própria pessoa quer e às necessidades que ela própria sente” (p.16). A realidade em Portugal é que, os apoios assegurados para que as pessoas com deficiência possam participar na comunidade, são menores do que aqueles garantidos nos ambientes segregados. O Apoio Centrado na Pessoa enfatiza o poder de decisão das pessoas; o caminho a seguir é apontado pelo próprio; os profissionais estão envolvidos; foca-se nas escolhas, capacidades e aspirações da pessoa, e respeita os seus direitos de livre escolha. Os valores fundadores desta premissa são a construção de comunidades inclusivas, a cidadania plena, um olhar positivo, um pensamento visionário e as relações interpessoais como esteio de uma vida plena.

Este tipo de dinâmica obriga a instituição ou organização a adaptar-se de forma a gerir os seus recursos, com os objetivos da pessoa em mente. A experiência mostra que a satisfação da pessoa em questão aumenta, assim como a dos profissionais envolvidos. As organizações e as pessoas da comunidade são recursos utilizados nesta dinâmica, assim como, as famílias e os amigos das pessoas envolvidas (Pereira, 2014).

A missão das organizações passa por ajudar as pessoas a viverem uma vida melhor e mais integrada na comunidade. O Planeamento Centrado na Pessoa, de acordo com Pereira (2014), dispõe de um compromisso com os direitos humanos e o respeito pelas pessoas, desenvolvendo-se com o intuito de promover a inclusão social das minorias marginalizadas. Os serviços devem ser delineados com o objetivo de reforçar a capacidade de cada pessoa crescer, com a certeza de que todas as pessoas podem participar e ter um papel valorizado na comunidade.

O Planeamento Centrado na Pessoa está associado à autodeterminação de cada pessoa, tendo esta o controlo sobre a sua vida e do que acontece, podendo expressar os seus sonhos, fazer as suas escolhas, participar na definição do seu percurso individual e na

resolução dos seus problemas, aprender nos contextos em que está inserido, usufruir de uma rede social e ter controlo sobre os acontecimentos da sua vida (Pereira, 2014).

### **3.3- Abordagens desenvolvidas na ASSOL e na CERGIAG**

Em Portugal, algumas instituições ainda se mostram reticentes na utilização das abordagens expostas acima. No entanto, já existe quem esteja a implementar na sua organização, as abordagens inovadoras descritas. Exemplos de instituições em Portugal que se destacam por possuir uma visão inovadora na área do tratamento da pessoa com deficiência, são a ASSOL e a CERGIAG.

A ASSOL (Associação de Solidariedade Social de Lafões) é uma instituição situada na região de Lafões, localidade e concelho de Oliveira de Frades. Tive a oportunidade de visitar a instituição, ver de perto a maneira como funciona e promove a autonomia da pessoa com deficiência. Para além disso, obtive por parte do Diretor Mário Pereira, uma pequena explicação do modo como a instituição funciona. Esta instituição tem como missão a inclusão das pessoas com deficiência ou doença mental que poderão originar incapacidades, na região de Lafões (ASSOL, 2016). Os seus principais objetivos passam por: “Promover todos os esforços no sentido de dinamizar, orientar e sensibilizar os pais a prestar ou aceitar colaboração ativa a todas as pessoas singulares ou coletivas que visem fins idênticos aos da Associação; preparar a integração das crianças deficientes nos estabelecimentos regulares de ensino; procurar educar, valorizar e motivar profissionalmente o deficiente; procurar a criação de atividades estruturadas para permitirem uma ocupação profissional do deficiente” (artigo 3º) (ASSOL, 2016). De acordo com o seu diretor, Mário Pereira, a principal preocupação da instituição é proporcionar às pessoas experiências de vida que sejam relevantes para si próprias. Desta maneira, procuram saber os desejos das pessoas no momento e negociar, encontrar um ponto de encontro entre esses sonhos e desejos, e os recursos ou oportunidades existentes na comunidade (ou passíveis de serem criados para esse fim), pois aquilo que resulta terá de ser benéfico para eles.

A instituição deve assegurar todos os apoios de qualidade necessários para que as pessoas com deficiência possam ter acesso aos espaços e sítios normais, para que possam realizar os seus sonhos, para que aumentem a liberdade de escolha e para que se sintam satisfeitas com a sua vida (ASSOL, 2016). Os apoios disponibilizados devem ajudar cada pessoa apoiada a exercer a autodeterminação, sendo para tal necessário que cada pessoa possa expressar os seus sonhos, fazer as suas escolhas, participar na definição do seu percurso individual, participar na resolução dos seus problemas, aprender nos contextos – aprender fazendo, usufruir da rede social e ter controlo sobre os acontecimentos da sua vida (ASSOL, 2016). De acordo com o seu diretor, as atividades propostas pela instituição são um meio de os utentes atingirem a satisfação pessoal, e os planos individuais são motivos para que as pessoas se levanten todos os dias com alegria e energia renovada.

Normalmente, os processos de negociação/contrato começam pelas pessoas mais difíceis, ficando registados. Os profissionais envolvidos garantem que as coisas previstas

acontecem. Caso a pessoa em causa não se consiga expressar, a avaliação é feita por um grupo de pessoas próximas, sendo sempre formulado na primeira pessoa. Consoante as características e as idades, a negociação dá origem a contratos, como: o Plano de Intervenção com a Família, o Programa Educativo Individual, o Plano de Formação e Acordo de Apoio (ASSOL, 2016).

Apesar de nunca ter visitado as suas instalações, através do seu site e da entrevista com o Diretor Técnico e Coordenador dos Centros de Atividades Ocupacionais, consegui ter a percepção da maneira como opera a CERCIAAG. Funciona como uma Cooperativa de Solidariedade Social, a sua missão passando pela defesa dos direitos das pessoas mais desfavorecidas, designadamente de pessoas com deficiência e/ou incapacidade, apoiando deste modo, a sua participação e (re)integração na vida social e profissional. O seu leque de intervenção inclui os domínios do ensino especial, formação e emprego, atividades ocupacionais e socialmente úteis, apoio em residência e no domicílio, e intervenção social.

Esta instituição, tal como referido por Pedro Galveias, foca-se na atuação centrada na pessoa e descentralizada na ação. Deste modo, promove a inovação, qualidade e sustentabilidade das respostas que disponibiliza e a promoção dos direitos das pessoas que apoia, potenciando a participação ativa dos *clientes* na tomada de decisões.

O Plano Individual é sempre efetuado com base nos sonhos e desejos de cada utente. Na sequência desta metodologia, nasceram o Rancho Folclórico, as Fanfarras, o grupo de Malabares, o grupo de dança, o grupo de teatro, o programa Átomo, entre outros.

A CERCIAAG dá também grande importância ao movimento autorrepresentativo e ao *empowerment* dos seus clientes. Estes participam ativamente na vida da instituição através do Grupo de Autorepresentantes (que faz parte da Plataforma Nacional de Autorepresentantes, sendo a sua presidente, um dos três elementos dinamizadores), através da participação nas Assembleias Gerais da CERCIAAG, através da existência de elementos nos mais diversos grupos internos (comissões de festas, equipas de diversos eventos e iniciativas, etc.). Foram também os Autorepresentantes que elaboraram a Carta de Direitos e a Política de Autodeterminação do Manual de Governação.



## Capítulo 4: A qualidade de vida das pessoas com deficiência: indicadores da qualidade de vida

O conceito de QV é influenciado por vários fatores, podendo encontrar-se entre eles, a educação, a economia, a sociedade e a cultura, não sendo desta maneira possível chegar a um acordo na sua definição (Pinto-Neto & Conde, 2008). Este paradigma apoia-se na igualdade, que se repercute em conceitos como a autodeterminação, a emancipação, a inclusão e o *empowerment* (Morisse, Vandemaele, & Claes, 2013).

Segundo Nobre, a qualidade de vida é o que cada pessoa considera importante para viver e usufruir de forma plena da sua vida (1995); quando se trata de pessoas com necessidades especiais, torna-se necessário entender como elas percebem a sua qualidade de vida e lidam diariamente com a sua deficiência (Resende, 2006, citado por Resende & Gouveia, 2011).

De acordo com Nobre (1995), a qualidade de vida define-se por uma “sensação íntima de conforto, bem-estar ou felicidade no desempenho de funções físicas, intelectuais e psíquicas dentro da realidade da sua família, do seu trabalho e dos valores da comunidade à qual se pertence” (p.299). Esta é composta por oito domínios fundamentais: Bem-Estar Emocional, Relações Interpessoais, Bem-Estar Material, Desenvolvimento Pessoal, Bem-Estar Físico, Autodeterminação, Inclusão Social e Direitos (Shalock, Verdugo, Jenaro, Wang, Wehmeyer, Jiancheng & Lachapelle, 2005; Shalock, Keith, Verdugo & Gómez, 2010).

Em 2002, um grupo de investigadores da área deu a conhecer os princípios pelos quais a QV é medida: o grau de envolvimento nas experiências de vida das pessoas e a forma com estas as valorizam; os domínios da QV terão de contribuir para o exercício de uma vida plena e justa, com experiências comuns a todos os seres humanos e únicas para os sujeitos (Verdugo, Shalock, , & Stancliffe, 2005). Os mesmos autores consideram que a medição da QV deve ser pensada da mesma maneira para todas as pessoas, independentemente das suas competências e limitações.

Um estudo realizado entre três organizações que apoiam pessoas com problemas de saúde mental na Flandres teve como objetivo avaliar a importância das dimensões da QV - tal como concetualizadas no modelo de Shalock et al. (2005) para as pessoas com deficiência intelectual e problemas de saúde mental - de acordo com familiares e funcionários da organização que os apoiava; e explorar indicadores específicos relacionados com as oito dimensões da QV em relação ao mesmo grupo (Morisse et al. 2013). A amostra foi constituída por pessoas da rede natural dos sujeitos com deficiência intelectual e problemas de saúde mental, e funcionários das organizações de apoio. Formaram-se dois grupos de discussão focalizada para reunir dados qualitativos; o primeiro grupo foi composto por familiares de pessoas com deficiência intelectual e o segundo por profissionais das organizações de apoio. De acordo com os autores, cada sessão tinha a duração de 90 minutos, sendo gravada em áudio e vídeo, e depois transcrita.

O estudo confirma a relevância do modelo concetual da QV, sendo este o modelo mais fiável e válido para estudar a QV. Em resultado da primeira tarefa - um *brainstorming* em

relação aquilo que o grupo considerava ser “Qualidade de Vida”, no geral e para o membro da sua família com problemas de saúde mental ou deficiência intelectual - os domínios mais comuns a serem relatados pelos profissionais de apoio, foram as relações interpessoais e a autodeterminação. Em relação aos familiares, a Inclusão Social mereceu maior destaque e o Bem-Estar Emocional foi diversas vezes mencionado por ambos os grupos. Em contrapartida, os domínios do Direito e Bem-Estar Físico receberam menos atenção, também o Bem-Estar Material e o Desenvolvimento Pessoal foram mencionados com menos frequência (Morisse et al., 2013).

Relativamente à segunda tarefa, e tendo os dados obtidos na primeira atividade sido agrupados nos oito domínios do constructo da QV de Shalock et al. (2005) e posteriormente reunidos em indicadores, os domínios da QV mais discutidos, foram o Bem-Estar Emocional, as Relações Interpessoais, a Autodeterminação e a Inclusão Social (Morisse et al., 2013).

A QV torna-se útil na orientação das atividades organizadas pelas instituições públicas, prestadores de serviços e profissionais, dando à pessoa utilizadora do serviço um papel central, uma vez que poderá expor as suas opiniões e percepções acerca do mesmo (Verdugo, Shalock, & Keith, 2005).

#### **4.1 – Desenvolvimento Pessoal**

Segundo Loon, Hove e Claes (2008), o desenvolvimento pessoal tem como objetivo a descoberta do percurso educativo da pessoa com deficiência, incluindo, as aprendizagens ao longo da vida, as suas competências pessoais, isto é, a sua capacidade intelectual, inteligência, talento e habilidades.

Na sequência do pensamento de Loon et al. (2008), e de Vygotski (1997, citado por Rossato & Leonardo, 2011), explica-se que a educação das crianças com deficiência deve centrar-se no fato de que, aliada às limitações que a pessoa possa apresentar, está a dimensão psicológica, que encontrará na superação, a sua força motriz. Recorrendo desta ideia, segundo o autor, o papel do educador é desempenhar a função de encontrar e explorar vias por onde as pessoas com necessidades especiais possam envolver-se em situações relevantes à aprendizagem, e aprender. Normalmente, as pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais são facilmente descartadas, no sentido em que se desiste de investir em situações potencialmente promotoras da sua aprendizagem, devido às suas dificuldades (Rossato & Leonardo, 2011). Porém, para os autores, associadas à deficiência, existem possibilidades de superar as suas limitações, e essas possibilidades devem ser exploradas e dadas a conhecer às pessoas em causa, no processo educativo.

Para os sujeitos com necessidades especiais, o bem-estar pessoal é necessário e essencial na sua vida, tanto pessoal como social, implicando, de acordo com Tavares (2011), um equilíbrio entre o corpo e a mente. Para o autor, o bem-estar só é possível se existir “o equilíbrio interior e exterior de todos os fatores que nele intervêm: físicos, biológicos, psicológicos e socioculturais.” (p.145). Cabe ao ser humano, refere o autor, assimilar e

equilibrar todos estes fatores para que se adapte à realidade e consiga deste modo solucionar os seus problemas, realizar-se pessoalmente e atingir a felicidade.

Pereira (2009) levou a cabo um estudo com 15 sujeitos portadores de deficiência intelectual que frequentam uma instituição educacional e assistencial de Minas Gerais. Os participantes foram selecionados de acordo com as suas habilidades linguísticas e comunicação oral, respondendo ao Questionário de Qualidade de Vida desenvolvido por Shalock e Keith (1993) nos índices de produtividade, satisfação, independência e participação social. No índice “Produtividade”, concluiu-se que os participantes do questionário não exercem qualquer função laboral, e os poucos que exercem, fazem-no dentro da instituição, em oficinas protegidas. Os entrevistados revelam que as atividades a que se dedicam dentro da instituição são importantes (93%) e que se sentem satisfeitos com as habilidades que aprendem (80%); 47% dos participantes consideram que as habilidades que lhes são ensinadas os poderão ajudar na procura de um emprego melhor.

Lawton (1991, citado por Resende, & Gouveia, 2011), defende que é necessário à sobrevivência humana, o desenvolvimento de competências de vida diária, como o autocuidado e as atividades rotineiras, e as restantes atividades que permitam o contacto com o mundo externo e com o seu self. Os mesmos autores manifestam a intenção das pessoas com necessidades especiais procurarem o equilíbrio entre as suas limitações e as suas potencialidades, em busca de uma vida melhor e de um envelhecer com qualidade de vida.

#### **4.2 -Bem-estar emocional**

Segundo Batista e França (2007), a chegada de uma criança com deficiência a uma família é um momento de grandes mudanças. A forma como cada família recebe e lida com a criança, influenciará de maneira decisiva o seu futuro identitário, bem como o da sua família. O autor refere que a visão patológica é um dos desafios primordiais a ser superado. É fulcral que seja criada pela família e pela sociedade uma nova visão, e consequente mudança de atitudes, quanto à pessoa com deficiência.

O bem-estar emocional de qualquer pessoa, com ou sem limitações, integra a satisfação que a pessoa tem com a sua vida e consigo mesmo (autoconceito), e ainda, a capacidade de lidar com os problemas diários. (Loon, Hove, & Shalock, 2008). Portugal e Laevers (2010) definem o bem-estar emocional como um estado em que a pessoa no seu interior se sente relaxada e serena, envolvendo sentimentos como a satisfação e o prazer. Deste modo, a pessoa encontra-se mais aberta aquilo que a rodeia. Para os autores, a satisfação das necessidades básicas é fundamental para o bem-estar emocional: necessidades físicas (comer, beber, dormir, descansar), necessidades de afeto (proximidade física, abraçar, ligações afetivas), necessidades de segurança (confiança, saber o que se pode ou não fazer), necessidade de reconhecimento e afirmação (ser aceite, ser respeitado, ser parte de um grupo), necessidade de se sentir competente (ter sucesso, alcançar objetivos, ultrapassar obstáculos), necessidade de significados e valores (objetivos de vida, sentir-se bem consigo próprio e com os outros).

#### **4.3 - Bem-estar físico**

Segundo a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) (CERTIC, 2016), as pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais têm por parte do Estado e das instituições cuidadoras a que pertencem, direito a assistência individual e personalizada no que diz respeito ao bem-estar físico. As instituições oferecem condições físicas e humanas para que as pessoas com necessidades especiais desfrutem da qualidade de vida que merecem. Em consequência, os Estados-Parte reconhecem que as pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais têm direito e acesso à saúde; assim, foram tomadas medidas para assegurar o acesso das pessoas com deficiência a serviços de saúde, incluindo a reabilitação relacionada com a saúde. Neste domínio, na alínea a) do artigo 25º pode ler-se que se deve “prestar às pessoas com deficiência serviços e programas de saúde gratuitos ou a preços acessíveis, iguais aos prestados às demais pessoas em termos de variedade, qualidade e tipo, incluindo na área da saúde sexual e reprodutiva e programas de saúde pública dirigidos à população em geral” (CERTIC, 2016).

As instituições cuidadoras usufruem de transportes e colaboradores formados e disponíveis para a assistência individual ao sujeito com necessidades especiais, tendo por isso, possibilidade de se deslocarem com ele, quando necessário, para uma consulta ou tratamento.

#### **4.4- Bem-estar material**

Para as pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais, o bem-estar material é um dos índices com máxima importância, uma vez que, para estes sujeitos, as condições em que vivem são fundamentais para o seu bem-estar emocional e físico. Infelizmente, muito dos sujeitos com necessidades especiais são integrados em instituições cuidadoras, porque as suas condições financeiras e de habitação não correspondem às indicadas para a melhoria da sua qualidade de vida. Palacios e Bariffi (2007) corroboram a ideia anterior, afirmando que existe uma estreita ligação entre a deficiência e a pobreza. Deste modo, para os autores, cabe aos Estados-Parte (signatários da CDPD) assegurarem às pessoas com necessidades especiais uma vida digna, com um local adequado e seguro para elas e as suas famílias viverem, alimentação e roupa.

As instituições cuidadoras oferecem às pessoas com necessidades especiais condições de habitação e serviços, que respondem às necessidades reais existentes. Muitas das instituições contam com ajudas de pessoas externas que oferecem roupa, entre outras ajudas para os seus clientes.

As pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais normalmente não têm uma atividade laboral, salvo raras exceções (como na ASSOL). De maneira a suprimir esta falta, as instituições organizam atividades diárias em que os sujeitos com necessidades especiais colocam as suas habilidades em prática, fazendo com que se sintam úteis. Não há compensação monetária, apenas intelectual e motora.



#### **4.5 – Relações interpessoais**

Um estudo levado a cabo por Pereira (2009), citado anteriormente, com 15 sujeitos portadores de deficiência intelectual que frequentavam uma instituição educacional e assistencial de Minas Gerais, usando o Questionário de Qualidade de Vida desenvolvido por Shalock e Keith (1993), revelou que, no domínio da “Participação Social” existia uma oscilação nos dados apresentados pelos sujeitos. Dos participantes, 33% revelaram que pertenciam somente a este grupo, confinado à instituição. Alguns sujeitos, além da instituição, pertenciam a grupos religiosos. A maioria dos entrevistados (47%) relatou que quase nunca recebia visitas. O autor concluiu que os sujeitos viviam uma situação em que as vivências sociais e as interações sociais eram bastante reduzidas.

Aranha (1995) considera que “é no cenário das relações sociais interpessoais que se dá a apreensão do real, a construção do conhecimento, o desenvolvimento do homem e a construção da subjetividade e da própria sociedade” (p.70); deste modo, considera-se de suprema importância o contacto com os outros, para que o próprio sujeito se possa desenvolver enquanto ser humano e ter conhecimento da vida existente fora da instituição.

#### **4.6 – Autodeterminação**

De acordo com Dhanda (2008), as pessoas com deficiência sempre foram vistas como sendo incapazes de gerir as suas vidas, no que diz respeito à tomada de decisão sobre aspetos importantes, como: residência, negócios e casamento. Porém, segundo a autora, a CDPD vem contrariar as imagens pejorativas dada às pessoas com incapacidades, reconhecendo-lhes perante a lei, a sua condição de pessoas e cidadãos de pleno direito. Pereira (2009) também é de acordo que as pessoas com necessidades especiais devem ter a oportunidade de serem condutoras da sua própria vida, tendo a possibilidade de fazer escolhas e tomar decisões por si.

Os poderes concedidos às pessoas com deficiência são baseados no paradigma da interdependência, que reconhece a autonomia e a tomada de decisões com apoio, isto é, uma pessoa com deficiência poderá necessitar de apoio para exercer determinada capacidade legal, porém, a obtenção do apoio não conclui que a capacidade não existe (Dhanda, 2008).

A CDPD reconhece que o lugar das pessoas com necessidades especiais não é nas instituições, mas sim, no seio da comunidade e em conexão com os restantes cidadãos, promovendo deste modo, uma maior autonomia e inclusão social. Esta ideia é especialmente estabelecida na alínea a) do artigo 19º: “[...que] as pessoas com deficiência tenham a oportunidade de escolher o local de residência, onde e com quem desejam viver, em condições de igualdade com as demais, e não sejam obrigadas a viver num ambiente específico.”

Em geral, a sociedade não reconhece às pessoas com necessidades especiais a capacidade de tomar decisões e de escolha, impossibilitando deste modo, os próprios sujeitos de serem agentes do seu desenvolvimento (Pereira, 2009).

#### **4.7 – Direitos**

A participação política das pessoas com deficiência é inexistente, uma vez que as relações entre o Estado e as instituições que as representam sofrem de “parca democratização” (Martins, Fontes, & Hespanha, 2012, p.53). Civicamente, as pessoas com deficiência atravessam muitas barreiras físicas, sociais e psicológicas, que as impede de exercer em pleno os seus direitos de cidadania (Fontes, 2009). Por exemplo, no Brasil, as pessoas com limitações, ainda continuam segregadas e impedidas de participar na vida social (Aranha, 1995).

A maioria das vezes é a avaliação do corpo de outrem que leva à exclusão. A sociedade considera a deficiência algo irreversível, não sendo possível curar (Stoer, Magalhães, & Rodrigues, 2004). Os autores defendem que esta condição assenta no facto de se considerar que as pessoas com deficiência não possuem autonomia e cidadania. A fim de proteger as pessoas com deficiência, implementou-se um modelo de direitos consagrados na legislação, sendo ao Estado impostas obrigações legais e constitucionais. Deste modo, segundo Stoer, Magalhães e Rodrigues (2004), às pessoas com deficiência ficam-lhes reconhecidos direitos de cidadania, como a autonomia e a participação nas decisões políticas.

A CDPD, de acordo com Dhanda (2008), reconhece os direitos civis e políticos das pessoas com deficiência, entre eles: o direito à liberdade, o direito à segurança, o direito à liberdade de manifestação e à expressão. Deste modo, podemos concluir que a vida das pessoas com deficiência, inevitavelmente, terá que ser organizada, debatida e decidida por elas mesmas.

Em Portugal, os autores afirmam, em relação à avaliação do funcionamento da democracia e das instituições políticas, que “a justiça percebida na situação pessoal de cada um é um importante preditor da avaliação do sistema político” (p.167).

Em relação aos direitos sociais, que são consubstanciados pelo apoio do Estado aos mais necessitados, as respostas dos inquiridos mostram-se positivas. Vale e Marinho (2003) concluem que se trata de uma sociedade onde existe uma dupla realidade: por um lado, uma sociedade em que continuam a existir segmentos da população fortemente carenciada; e por outro lado, uma cultura política que reivindica intervenções por parte do Estado na área social.

A CDPD (CERTIC, 2016) preconiza que compete aos Estados-Parte o papel de assegurar que as pessoas com incapacidades participem plenamente na vida política e pública, em plena igualdade de condições que as restantes. Caso não seja possível, terá de ter um representante eleito por si que a proteja. A plena e efetiva participação na vida pública das pessoas com necessidades especiais inclui o direito a votarem e a serem eleitas (Palacios & Bariffi, 2007). Para os autores, compete também aos Estados-Parte, criar um ambiente favorável para que as pessoas com deficiência possam participar e tomar decisões acerca dos assuntos públicos.

O estudo que Pereira (2009) levou a cabo em Minas Gerais com 15 sujeitos portadores de deficiência intelectual que frequentam uma instituição educacional e assistencial, revelou que, no domínio da “Independência”, os sujeitos disseram ser pouco independentes, dando o exemplo da ida ao médico, em que têm de ser acompanhados por um responsável. O autor

aponta o enquadramento para estes resultados, uma vez que os sujeitos nasceram em famílias onde há 20/25 anos a inclusão ainda era uma miragem e o desenvolvimento da pessoa com necessidades especiais considerada uma utopia. A superproteção e o controle excessivo por parte da sua família ao longo da vida também se repercute nestes resultados.

#### **4.8 – Inclusão Social**

Para Glat (s.d.), a família constitui um importante suporte para a pessoa com deficiência, sendo considerada como o grupo social primário, uma vez que é no seu seio que a criança com deficiência inicia o seu contato com as pessoas e adquire a aprendizagem dos papéis sociais.

A CDPD (CERTIC, 2016) foi um passo importante no reconhecimento desta população, uma vez que tornou a deficiência visível, isto é, introduziu no seu vocabulário palavras como a igualdade e autonomia com apoios (Dhanda, 2008). A CDPD contém normas específicas no que se refere à acessibilidade, educação, emprego, desporto, religião, segurança social, entre outras. Deste modo, segundo a autora, a CDPD (CERTIC, 2016) reconhece que as pessoas com deficiência têm direitos iguais às demais, estando assim, em pé de igualdade. Exemplo disso é o ponto 3 do artigo 24º, que impõe que os Estados-partes “deverão assegurar às pessoas com deficiência a possibilidade de aprender as habilidades necessárias à vida e ao desenvolvimento social, a fim de facilitar-lhes a plena e igual participação na educação e como membros da comunidade” (CERTIC, 2016).

Segundo Dhana (2008) “enquanto têm direito ao mesmo respeito e dignidade do resto da humanidade, as pessoas com deficiência têm direito a um ajustamento razoável de sua diferença a fim de obter inclusão e plena participação” (p.47).

Ainda: as empresas usufruem de responsabilidade social, competindo-lhes a criação de projetos que visem a inclusão social das pessoas com deficiência (Quintão, 2005). Para Rossato e Leonardo (2011), a possibilidade de participação das pessoas com limitações na sociedade está relacionada com as oportunidades que lhes são conferidas e, consequentemente, com a sociedade económico-cultural em vivem.



## **Parte II – Metodologia de Investigação**

### **Capítulo 5: Grupo Participante**

#### **5.1 – Apresentação dos participantes: percursos de vida, interesses e sonhos.**

Os protagonistas da investigação são seis pessoas com necessidades especiais, com idades compreendidas entre os 21 e os 46 anos de idade, clientes da instituição A.

O Alberto tem 46 anos de idade. Reside em uns anexos da casa dos irmãos na zona centro do país. Frequenta durante o dia o CAO da instituição A. Aprecia música e motas. Gostava de um dia ter uma companheira, com quem possa formar uma família; enquanto isso não acontece, o seu sonho passa por um dia conhecer os elementos da banda “Santamaria”. Um acidente de trabalho aos 19 anos provocou-lhe um traumatismo crânio-encefálico grave, que lhe conferiu o grau de invalidez. Devido ao acidente, tem alterações de personalidade, perda de olfato, de paladar e dificuldades visuais ligeiras.

A Cristiana tem 28 anos de idade e é adotada. Passou por uma infância difícil, o que moldou a sua personalidade. Reside no Lar da instituição A. Adora andar de bicicleta, participando em várias provas de ciclismo. O seu maior sonho, além de conhecer os seus irmãos biológicos, era ter uma bicicleta. Apresenta uma deficiência intelectual moderada.

A Lara tem 32 anos de idade e reside no Lar da instituição A. Os seus pais morreram cedo, pelo que atualmente, a sua família são os irmãos e a madrinha, que vê frequentemente. Participa em provas de ciclismo, uma modalidade que adora. Gostava de um dia viver sozinha com os seus irmãos e ser costureira. Apresenta uma deficiência intelectual leve/ligeira.

A Leonor tem 36 anos de idade e vive com os pais. Possui um problema ortopédico que afeta a sua coluna, nomeadamente as vértebras, nas quais tem um traumatismo. Sonha um dia conhecer pessoalmente o David Carreira. Frequenta a instituição A. durante o dia. Apresenta uma deficiência intelectual leve/ligeira.

O Mário tem 36 anos e a sua única família é a mãe. Reside no Lar da instituição e aos fins-de-semana vai para a sua casa. Na aldeia onde reside, ajuda no café ao servir às mesas, limpar as mesas e levar os lixos. Gosta de música, distribui panfletos com anúncios de festas e atuações dos conjuntos. Revela ainda um forte sentido de associativismo, uma vez que ajuda na causa de revitalizar e angariar fundos para que o salão de bailes da sua aldeia continue de ativo. Possui uma deficiência intelectual leve/ligeira.

O Roberto tem 21 anos e vive com a sua mãe. Tem contacto com os restantes familiares, apesar de estarem longe, em Espanha. Frequenta o CAO da instituição A. durante o dia. Adora música e cantar, daí o seu envolvimento em grupos de folclore e orquestras. Sempre que pode, ajuda os bombeiros voluntários da sua vila. Apresenta uma deficiência intelectual leve/ligeira, Doença de Legg-Parthes com subsequente cirurgia para introdução de uma prótese na anca direita.

## **5.2 – Contexto institucional**

### **5.2.1 – Razões da Escolha**

A escolha do contexto de investigação foi realizada com base na minha intenção de, enquanto investigadora, escutar as pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais, de modo a compreender os seus problemas e a forma como percebem a sua vida, especificamente, a sua qualidade de vida.

Apesar de, ainda durante os estudos de licenciatura, ter vivenciado a experiência de estágio com alunos surdos, as pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais sempre despertaram em mim interesse, daí, a decisão de fazer voluntariado numa instituição que as acolhe e, subsequentemente, trabalhar com esses sujeitos no meu projeto de investigação. A instituição A. surgiu como uma boa possibilidade, uma vez que integra indivíduos com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais diversas e com idades muito heterogêneas, várias configurações familiares e diversos estatutos socioeconómicos. Acresce ainda o facto de a instituição se encontrar localizada perto da minha área de residência.

### **5.2.2 – A caracterização do Contexto**

A instituição A é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, devidamente registada na Direção Geral de Ação Social. A sua missão é contribuir para uma política de reabilitação, tendo como princípios básicos, a solidariedade, a ética, o rigor e o compromisso social. As suas diversas áreas de intervenção, são: a Escola de Ensino Especial, o Centro de Atividades Ocupacionais, o Lar Residencial, a Formação Profissional e o Serviço de Apoio Domiciliário (Regulamento Interno do Centro C.

O Centro C é uma delegação da instituição A, funcionou desde 1997 num apartamento, até 2007, quando foram inauguradas as novas instalações, com respostas sociais de CAO e Lar Residencial. As instalações da instituição são compostas por uma sala de estar, salas de atividades, gabinetes técnicos, sala de convívio, cozinha, refeitório, casas de banho e lavandaria. A resposta social em questão funciona de segunda-feira a sexta-feira das 8h00 às 17h00, exceto feriados nacionais e municipais.

O objetivo principal da instituição é proporcionar qualidade de vida aos seus clientes, passando pelo bem-estar daqueles com diagnóstico de deficiências profundas, a realização de um sonho ou a promoção de determinada atividade que os faça sentir realizados e concretizados.

O CAO é uma das respostas de Ação Social desta instituição, tendo a capacidade para 20 clientes, assegurando a prestação de alguns serviços fundamentais para os sujeitos como: a alimentação, a higiene pessoal, o transporte, o serviço social, o serviço de psicologia, o apoio clínico e a reabilitação. Para além dos serviços mencionados anteriormente, proporciona aos seus clientes atividades de acordo com três áreas de intervenção específicas: desenvolvimento biológico (atividade aquática, atividade física adaptada, equitação terapêutica, fisioterapia, hidroterapia, terapia psicomotora), desenvolvimento psicológico

(autorrepresentação, atividades de Vida Diária, estimulação sensorial, expressão corporal, expressão dramática, expressão plástica, expressão musical, técnicas de comunicação informática e comunicação social) e desenvolvimento social (trabalhos manuais, cerâmica, jardinagem, atividades socioculturais, atividades lúdico-pedagógicas, atividades desportivas e atividades de lazer), todas as atividades indicadas visam o fomento de estratégias de reforço e de autoestima, da valorização e autonomia pessoal, bem como a promoção do nível de qualidade de vida, nas suas várias dimensões, de acordo com as necessidades e expectativas de cada cliente (Estatutos da Instituição A).

O Lar Residencial tem como objetivo principal acolher jovens que não têm 'retaguarda familiar' ou cuja família não tem estrutura para cuidar deles, passando por isso a instituição a ser a primeira e única cuidadora. Possui um grupo de utentes mais dependentes, assegurando desta forma, os seguintes serviços: alojamento, alimentação, tratamento de roupa, cuidados de saúde primários, higiene e conforto pessoal, apoio no cumprimento dos planos individuais de medicação e apoio psicossocial. Os principais objetivos desta resposta social, são: dar suporte às famílias, assegurando o bem-estar e a qualidade de vida do seu familiar; prover a integração social de forma a minimizar os efeitos da institucionalização; manter e fomentar as relações interpessoais entre os clientes; promover a integração física e social dos clientes na comunidade; desenvolver e manter as aprendizagens de atividades da vida diária; promover a dignidade da pessoa e oportunidades para a estimulação da memória, do respeito pela história, cultura e espiritualidade pessoais e promover os contactos sociais e potenciar a integração social.

Para que possa ser admitido no Centro C, um indivíduo terá que ter idade igual ou superior a 16 anos ; ser portador de incapacidade intelectual grave, profunda ou outras incapacidades; residir no concelho da resposta social ou concelhos limítrofes; a família ter necessidade de apoio; e encontrar-se em situação de risco social ou vulnerabilidade económica (Regulamento Interno do Centro C).

### **5.2.3 - Entrada no terreno**

Apesar de ter conhecido os elementos do grupo durante a experiência de voluntariado no Centro C., isso não significou que o meu trabalho inicial estivesse adiantado, uma vez que só os conhecia em contexto de instituição, juntamente com os restantes clientes do Centro C. No contexto de sala, só com os seis elementos do grupo, foi uma vivência totalmente diferente.

A verdade é que possuía confiança e à vontade no grupo, mas tudo isso tive que reconstruir diariamente em todas as sessões, uma vez que o que pretendia era ter conhecimento dos seus trajetos de vida, das suas experiências pessoais, dos seus sonhos e da sua percepção de qualidade de vida, o que significava criar um ambiente familiar e de intimidade com os participantes. Estávamos cientes de que esse ambiente confortável entre os participantes requeria tempo, porque nem todos se sentiam à vontade para falar do seu mundo

em frente aos colegas. Portanto, requeria-se também um ambiente de respeito perante as vivências de cada um e as suas ideias.

O primeiro encontro com o grupo de participantes decorreu numa das salas do Centro C, onde normalmente decorrem as ‘atividades de sala’. Procurámos garantir que os sujeitos participantes não tivessem dúvidas quanto à natureza e objetivo do projeto, explicando-o detalhadamente e, no final, perguntando se estavam de facto, dispostos a participar e ajudar neste projeto. Mencionámos também que todos os assuntos tratados nas sessões seriam confidenciais. Explicitámos também o nosso interesse em ouvir as histórias e trajetórias de vida de cada um, até chegarem ao Centro C; em conhecer os seus sonhos e desejos, e a sua percepção de qualidade de vida nos domínios já apresentados neste projeto.

#### **5.2.4 - Espaço e Tempo compartilhado com o grupo**

O projeto de investigação decorreu entre 21 de janeiro e 20 de maio de 2016, perfazendo um total de 12 encontros com o grupo de pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais, todos gravados em áudio. Os encontros decorriam normalmente às sextas-feiras, no período da tarde; caso não houvesse disponibilidade por parte do Centro C, em alguma das datas agendadas, por os participantes terem outras atividades inadiáveis, ou por outro motivo, acordávamos com a responsável da instituição uma data alternativa.

Chegávamos por volta das 14h00, horário em que os clientes do Centro C se encaminhavam para as respetivas salas de atividades. Na sala de convívio podíamos encontrar todos os clientes da instituição; a investigadora dirigia-se para lá a fim de se encontrar com os participantes do projeto, e de os convidar para, todos em grupo, irem para a sala em que habitualmente funcionava a *Autorrepresentação* (atividade proporcionada pelo Centro C aos seus clientes); pelo caminho, e consoante a atividade prevista para a sessão desse dia, os elementos do grupo ajudavam a investigadora a levar o material necessário.

Na sala, não havia lugares previamente marcados; contudo a investigadora tomava em atenção a disposição das sessões anteriores, para que em cada sessão o lugar de cada elemento em relação aos outros fosse diferente de modo a haver mais interação e proximidade entre todos. Com o objetivo de criar um ambiente confortável e descontraído, favorecendo que o grupo se sentisse mais à vontade, a investigadora preparava previamente o espaço, colocando toalhas de cores vivas, biscoitos e sumos nas mesas que o grupo ia ocupar.

Assim, num ambiente que sentíamos agradável e descontraído, os elementos do grupo começavam por falar cada um da sua semana: o que tinham feito, onde tinham ido, o que mais tinham gostado, etc.; cerca de 15 minutos eram disponibilizados para esse diálogo com o grupo.

Por fim, e em consenso, chegámos também a um acordo sobre o nome a dar ao grupo: “Grupo de Amigos Ligados por Projetos e Histórias de Vida”. Pareceu-nos ser esta uma forma de identificar o grupo e de fomentar a sua coesão.

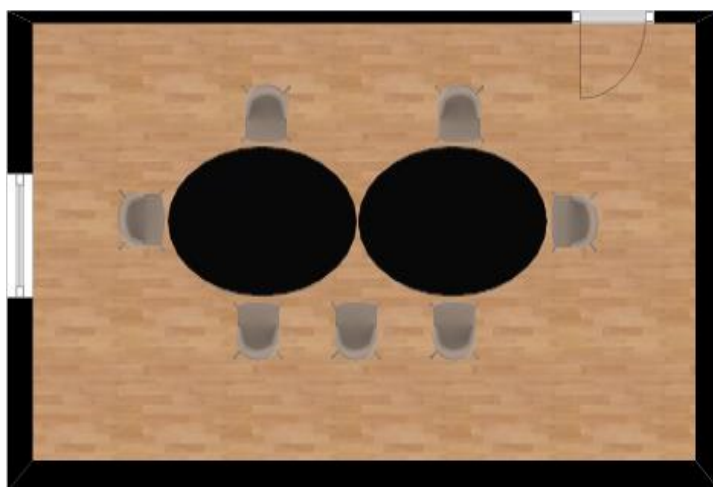
Mais tarde, coincidindo com as celebrações do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, dirigi-me ao Centro C, com o intuito de ver a exposição de alguns trabalhos



realizados pelo grupo ao longo do projeto, e também, de entregar ao grupo e à responsável da instituição/centro, um pequeno livro ilustrativo do caminho percorrido, que ajudará a tornar presentes os momentos vividos, fortalecendo, esperamos, a sua autodeterminação e as outras dimensões trabalhadas. Nesta ocasião, distribuí também aos elementos do grupo, o PATH de cada um, em forma de diploma, na convicção de que ajudará a manter presente a vontade de lutar pelos sonhos.

Infelizmente, o Roberto e a Cristina não compareceram à entrega dos PATH, por estarem em consultas médicas. No entanto, a psicóloga do Centro C ficou responsável por, posteriormente, lhes entregar os respetivos PATH.

*Figura 1 - Disposição das mesas e cadeiras na sala.*





## Capítulo 6: Opções Metodológicas

### 6.1 – Método de Investigação: Estudo de Caso

Nas áreas da educação e do serviço social, segundo Stake (2012), os ‘casos’ que interessam aos investigadores são as pessoas e os programas consignados. Quando um investigador entra no terreno, entra “com um interesse sincero em aprender” e “determinado a pôr de lado, enquanto aprende, muitas ideias pré-concebidas” (p. 17). Para a autora, um caso é algo específico, complexo e vivo, que se encontra *em funcionamento* enquanto o estudamos.

No Estudo de Caso é preciso imaginar o que irá acontecer. O investigador terá de planear boas perguntas de investigação que o irão direccionar; a autora afirma que “o planeamento de toda a investigação requer organização conceptual, ideias para exprimir a compreensão necessária, pontes conceptuais a partir daquilo que já é conhecido, estruturas cognitivas para orientar a recolha de dados, e linhas gerais para apresentar as interpretações a outros” (p.31).

A investigação qualitativa distingue-se por privilegiar a explicação e o controlo, as complexas inter-relações entre tudo o que existe. Os investigadores qualitativos dominam os acontecimentos através de casos-chave ou testemunhos, tendo deste modo uma interpretação direta e histórias pessoais como objeto de estudo, facilitando a compreensão do leitor.

A interpretação é considerada crucial nesta metodologia. Wittrock e Erickson (1986), citados por Stake (2012), consideram-na central na investigação qualitativa. Os autores referem que as descobertas realizadas pelos investigadores são, antes de mais, asserções, devido á forte ligação que mantém com os sujeitos, acabando por exprimir uma visão pessoal. Porém, segundo Stake (2012), a investigação qualitativa é subjetiva, ou seja, descobrem-se mais dúvidas do que soluções para as dúvidas já existentes.

O conhecimento neste tipo de metodologia é cerebral, nem tudo é registado, os investigadores são obrigados a tirar conclusões de falas e atitudes dos sujeitos do grupo de investigação. Os investigadores deverão possuir um sistema de armazenamento de dados, o que facilita a revisão da informação. Todas as investigações na área da educação e da ação social são realizadas em território privado, pelo que, é necessário um pedido de autorização à entidade onde se irá realizar o projeto de investigação, e aos participantes, dando a conhecer a natureza do estudo e os seus objetivos.

“A investigação de estudos de caso partilha o fardo de classificar as descrições e de sofisticar as interpretações” (p.117)

Antes de mais, o investigador terá de fazer uma revisão minuciosa da literatura, sempre com as questões iniciais da pesquisa, no seu pensamento, para não haver dispersões (Yin, 2015). Em segundo lugar, é necessário reconhecer as limitações da pesquisa inscrita nesta metodologia.

Com o objetivo de fortalecer a consistência interna do projeto, procedi à triangulação dos dados, através da diversificação dos meios de recolha, designadamente, Grupos de

Discussão Focalizada (*Focus Group*), *Photo Voice*, Ecomapa e PATH. Também a interpretação, análise e categorização dos dados foi validada pela orientadora do Projeto.

## **6.2 – Técnicas e Instrumentos**

Todos os temas tratados se basearam nos oito domínios da QV propostos por Shallock et al. (2005) e por Shallock, Keith, & Verdugo (2010), bem como nos conteúdos do “Questionário de Avaliação da Qualidade de Vida dos Adolescentes e Jovens Adultos” e da “Escala de Avaliação da Autodeterminação” ambos de Losada Puente, Pereira e Almeida (s.d.).

### **6.2.1 – Grupos de Discussão Focalizada (*Focus Group*)**

Os Grupos de Discussão Focalizada constituem uma técnica qualitativa de recolha de dados, com o objetivo de obter respostas através de textos, filmes ou questões sobre um determinado tópico proposto pelo investigador (Galego & Gomes, 2005) e que, a partir daí, desencadeia uma discussão sobre o tema e consequente interação no grupo, explorando-se diferentes perspetivas sobre o tópico comum.

A sua principal finalidade passa por “extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo, sentimentos, opiniões e reações que se constituirão em novo conhecimento” (Galego & Gomes, 2005, p. 175).

Para Morgan (1997, citado por Galego & Gomes, 2005), o *Focus Group* caracteriza-se por ser

“uma técnica qualitativa que visa o controle da discussão de um grupo de pessoas, inspirada em entrevistas não diretivas. Privilegia a observação e o registo de experiências e reações dos indivíduos participantes do grupo, que não seria possível captar por outros métodos, como por exemplo, a observação participante, as entrevistas individuais ou o questionário.” (p. 177)

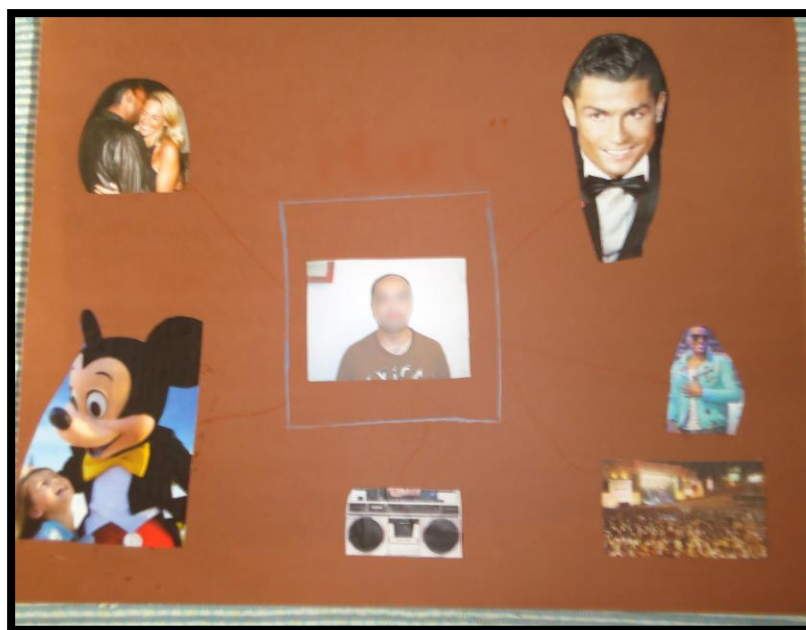
Normalmente, o grupo deverá conter entre seis a dez pessoas, um espaço comum e confortável a todos, e um tema de conversa, cabendo ao investigador garantir o anonimato dos intervenientes nos registos e transcrições resultantes desse momento. Este espaço comum permite aos participantes, segundo Galego e Gomes (2005), construir e reconstruir os seus pensamentos e posicionamentos acerca do tema e de futuras ações.

Para o investigador, este instrumento metodológico permite a construção de conhecimento numa situação real de dinâmica de grupo, tendo como suporte as opiniões de cada elemento (Galego & Gomes, 2005).

Na prática, o uso desta ferramenta motivou um elevado nível de interesse no grupo, uma vez que, num ambiente de descontração e amizade, todos se propuseram contar as suas vivências, dar azo à sua imaginação e aos seus sonhos, e refletir sobre tudo aquilo que os rodeia.

Foram realizadas cinco sessões de *Grupo de Discussão Focalizada (Focus Group)*; a primeira teve como objetivo dar conhecimento do projeto de investigação ao grupo; a segunda e a terceira centraram-se para a identificação das trajetórias de vida dos elementos do grupo; a quarta e a quinta tiveram como tema os Direitos. Os encontros foram sempre realizados na sala em que regularmente funcionava a atividade de Autorrepresentação (promovida pela instituição); com o objetivo de promover um ambiente acolhedor e descontraído, a investigadora levou toalhas coloridas para compor as mesas, sumos e biscoitos.

*Figura 2- Exemplo de uma atividade realizada nas sessões de GDF*



### **6.2.2 - Photo Voice**

Marques (2009) considera que, o mundo em que vivemos, e sobre o qual refletimos e opinamos, é construído transversalmente entre conceitos, objetos, palavras e imagens, que associamos a algo. Assumindo como premissa do projeto o recurso epistemológico à partilha e ao espaço de reflexão entre os participantes do grupo, consideramos que o *Photo Voice* é uma ferramenta metodológica essencial para esse efeito.

O *Photo Voice*, como refere Ruíz e Martínez (2013) é uma metodologia que ajuda os participantes a estruturarem o seu pensamento e a sua reflexão sobre os assuntos que os preocupam e ainda, fomenta o diálogo crítico através de grupos de discussão com base na fotografia.

A partir da fotografia, os participantes ganham voz, fazendo com que o/a investigador/a fique a conhecer a suas experiências e vivências.

Os autores referem ainda que, o *Photo Voice* é uma metodologia recomendada e adequada para quem trabalha na área social, pois é uma possibilidade de conhecer melhor as pessoas que participam na atividade. Corroborando esta ideia, foi também através do *Photo Voice*, realizado na comunidade envolvente, que pude conhecer melhor o grupo fora da área consignada ao Centro C. Num ambiente mais descontraído, foi possível observar a forma como se comportavam em sociedade e com os restantes membros do grupo; a oportunidade de usar, cada elemento do grupo, uma câmara fotográfica (requisitadas na UA e emprestadas pelo meu grupo de amigos), foi registada pelo grupo com apreço e entusiasmo, o que nos surpreendeu um pouco, uma vez que todos têm telemóveis com câmara. A posse de uma câmara parece ter ainda um efeito poderoso sobre as pessoas...

Ao todo, foram realizadas duas sessões de *Photo Voice*, dedicadas ao tema da Inclusão Social. Apesar de esta atividade ter sido uma das que os participantes mais gostaram, declarando terem-se sentido bem, livres a andar na rua e a tirar fotografias que considerassem relevantes para a tarefa; correu tudo muito bem, embora tenha havido a minha supervisão e de uma profissional do Centro C, que nos acompanhou sempre, por sugestão da responsável do centro.

*Figura 3 - O grupo na atividade de Photo Voice*



### **6.2.3 – Outros instrumentos**

#### **6.2.3.1 – PATH**

Adequada aos tramites do projeto, a PATH – Planning Alternative Tomorrows with Hope, que segundo Pearpoint, O'Brien, e Forest (citados por Falvey, Forest, & Pearpoint, 2011)

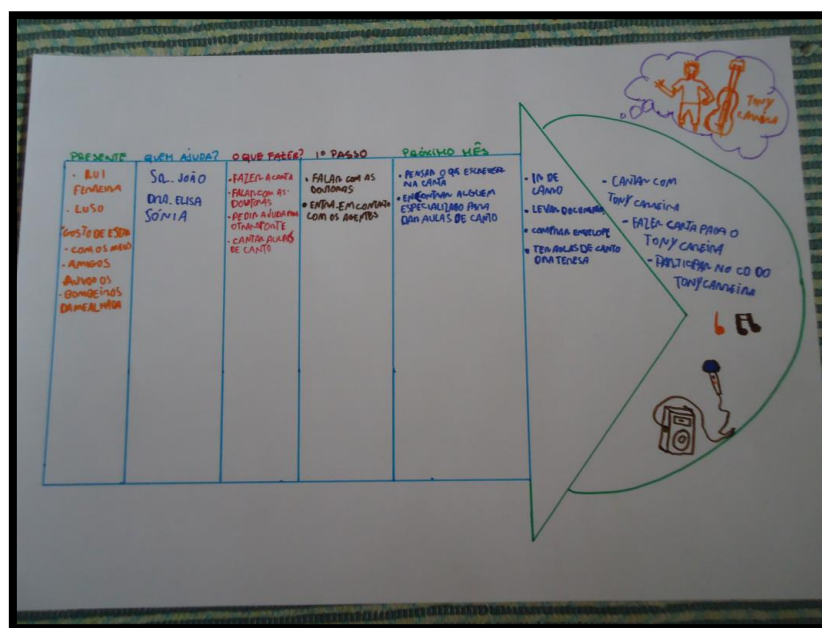
“põe de lado, por um momento, as confusões” do presente, criando uma oportunidade para procurar valores comuns e, em seguida, viajar na direção do futuro” (p.80). O seu principal objetivo é que as pessoas sem perspectiva de futuro e em situações difíceis possam focalizar os seus desejos em situações plenas de esperança (Pearpoint, O'Brien, & Forest, 2009); para tal, é necessário cumprir os passos orquestrados para chegar a tocar no sonho: 1) Tocar o sonho, 2) Sentir as metas, 3) Enraizar-se no Presente, 4) Identificar as pessoas a mobilizar, 5) Identificar maneiras de se tornar mais forte, 6) Apontar as ações para os próximos meses, 7) Planear o trabalho do próximo mês e 8) Compromisso com o primeiro passo.

Neste processo, os dinamizadores têm um papel essencial, pois necessitam de usar toda a sua imaginação para levar a outra pessoa ou grupo a sonhar, à *Estrela Polar*.

O método de elaboração do PATH com o grupo de participantes nem sempre foi fácil. Eles tinham muitos sonhos, mas foi difícil todo o processo que envolvia determinar os passos para os aproximar da respetiva concretização. Eu, antes de iniciar a atividade com o grupo e depois de analisar atentamente o livro/manual sobre esta ferramenta e fazer algumas outras pesquisas, realizei o meu próprio PATH para, posteriormente, poder apoiar melhor e mostrar o meu ao grupo.

Todos os apontamentos que fizeram, foram realizados numa folha à parte, de modo a evitar enganos recorrentes e normais na folha original do PATH. Desta forma, orientei o grupo em cada passo, sentindo que todos precisavam da minha ajuda no processo de criação do PATH. No fim, cada um passou o esquema do seu PATH para papel, onde tiveram liberdade para escrever consoante a cor que desejavam e concluir com desenhos ligados ao seu sonho.

*Figura 4 - Exemplo de um PATH elaborado pelos participantes*








### 6.2.3.2 – Ecomapa

O Ecomapa, desenvolvido em 1975 por Ann Hartman, é uma ferramenta metodológica utilizada para identificar as relações e ligações que uma pessoa ou uma família têm com o meio em que habitam (Agostinho, 2007). A maneira como é utilizado é muito característica, pois segundo a autora, por meio de representações gráficas e ligações, representa-se o vínculo que a pessoa ou família possui com as pessoas e as estruturas sociais do meio envolvente, e ainda, compreende quais as situações geradoras de stress e os recursos disponíveis para dar resposta às necessidades identificadas. De forma resumida e de fácil leitura, através do Eco Mapa obtém-se muita informação importante sobre a pessoa ou a família e o seu meio, uma vez que inclui áreas como a vizinhança, os serviços da comunidade, os grupos sociais, a educação, as relações pessoais mais importantes e o trabalho.

De acordo com a autora, os vínculos poderão ser caracterizados como:

*Quadro 1 - Legenda Ecomapa*

Vínculo intenso	
Vínculo normal	
Vínculo fraco	
Stressante	
Conflituoso	

Através do Ecomapa e guiados pelos princípios que lhe estão inerentes, construímos um consoante os temas e interesses do grupo, neste caso a Inclusão Social. Desta forma, cada participante criou o seu próprio Ecomapa, aproveitando as fotografias registadas na atividade de *Photo Voice*, assinalando nele as relações com as pessoas e os serviços em que se encontrava envolvido, os eventos/atividades em que participava, e considerava relevantes. Deste modo, obtivemos uma representação de cada participante na sua comunidade e das relações que mantinha com as pessoas e os serviços.

Curiosamente, os participantes, por vezes, assinalavam recursos que declaravam considerar importantes na comunidade, sem contudo, estarem ligados a eles próprios; por exemplo, a Leonor identificou a igreja como elemento importante para a sua comunidade, mas afirmou não ter qualquer tipo de ligação com ela.



*Figura 5- Exemplo de um Ecomapa elaborado pelos participantes*



#### **6.2.3.2 – Notas de Campo**

As notas de campo resultam de ações variadas como, entrevistas, observações ou análise de documentos. Podem ser manuscritas, digitadas, registadas em fitas de áudio ou em arquivos de processamento de palavras ou outros arquivos electrónicos” (Yin, 2015, p.128). São breves anotações do trabalho de campo feitas *in loco*, que, segundo o autor, serão posteriormente complementadas e convertidas em notas de campo; para passarem a fazer parte da base do Estudo de Caso, têm de ser organizadas, completadas e estar disponíveis sempre que necessário consultá-las.

As notas de campo permitiram-me dispor de um registo evolutivo das sessões e, inerentemente, de apoio à reflexão e à tomada de decisão sobre os próximos passos a dar.



## Capítulo 7: Apresentação e discussão de dados

Com o objetivo de fortalecer a consistência interna do projeto, procedi à triangulação dos dados, através da diversificação dos meios de recolha, designadamente, do *Grupo de Discussão Focalizada*, do *Photo Voice*, do Mapa Social e do PATH. Assim, de seguida passarei a apresentar a análise dos dados recolhidos ao longo do projeto junto a cada participante do grupo. Optei pela apresentação e análise individualizada dos dados, por acreditar que, deste modo, poderei melhor evidenciar as particularidades do percurso vivenciado por cada um e a respetiva percepção em relação aos temas apresentados em cada sessão.

Nos Quadros 2 a 49, apresentam-se os indicadores extraídos dos dados recolhidos pelos quatro diferentes meios, organizados segundo as categorias e subcategorias emergentes das Escalas de Qualidade de Vida de Shanlock et al. (2005). Acredito que esta organização clarifica o significado atribuído pelos participantes ao seu próprio discurso, favorecendo a consistência interna do conjunto de dados de cada membro do grupo, permitindo vislumbrar com mais clareza o seu próprio projeto de vida.

O Alberto evidenciou-se ao longo das sessões por ser o mais falador, um comunicador nato, mantendo uma agradável conversa em torno dos temas propostos, não só nos momentos de lazer, mas também nos momentos em que se apelava à concentração e ao trabalho. Revelou ser o elemento com uma mais acurada percepção do mundo e de si mesmo. Sempre disposto a participar na conversa e com opinião acerca de diversos assuntos.

Na verdade, no enquadramento oferecido pelas categorias que emergiram das sessões de *Grupo de Discussão Focalizada (Focus Group)*, *Photo Voice*, Ecomapa e PATH, com base na Escala de QV, de Schalock et al. (2005), o Alberto foi o mais interventivo e participativo na partilha de ideias.

Na categoria da Autodeterminação, este participante mostrou ser uma pessoa independente, salientando que faz a sua higiene diária sozinho e tem casa própria, vivendo nos anexos da casa dos irmãos. A sua capacidade intelectual e a sua determinação são forças essenciais para que faça as suas próprias escolhas, baseadas nas suas crenças e convicções. O acidente de trabalho que teve condicionou-o em certas atividades, como a piscina. Porém, a sua capacidade de sonhar manteve-se intacta. Vive a música, é bem visível que adora a música, por isso gostava de um dia poder continuar com o projeto de uma banda de Rock, que outrora tinha. Atualmente, o seu maior sonho é conhecer a banda de música “Santamaria”: assistir a um concerto, ter a oportunidade de conhecer os elementos da banda e, quiçá, tocar alguns instrumentos. No campo pessoal, gostava de um dia encontrar o amor da sua vida. Enquanto tudo isso não acontece, afirma sentir-se satisfeito .

*Quadro 2 - Sentido de autodeterminação do Alberto*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMEN TO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Alberto</b>	Sentido de autodeterminação (Percepção de...)	Independência (autonomia pessoal)	<p>"Tomo banho sozinho, visto-me sozinho ..." (GDF)</p> <p>"[Antigamente] Tinha mais liberdade, tinha mais dinheiro no bolso, tinha a minha mota, a minha namorada... Tinha uma vida ativa!" (GDF)</p> <p>"Eu ia para a escola B na minha mota!" (GDF)</p> <p>"... eu vivo na minha casa." (GDF)</p> <p>"Não, eles [irmãos] têm a casa deles e eu tenho a minha." (GDF)</p> <p>"Temos de ter cuidado ao andar na rua!" (EM)</p> <p>"[É capaz de fazer] Sopa de letras... Andar de mota, soldar..." (EM)</p>
		Liberdade de escolha e decisões	<p>"...então para não me "pirar" de casa... a minha mãe colocou-me aqui [Centro C]!" (GDF)</p> <p>"Sim, eu é que escolho a minha roupa!" (GDF)</p> <p>"Eu não decido nada, só faço o que me mandam! [Em relação à escolha das atividades do Centro]" (GDF)</p> <p>"Não! Se não gosto [de determinada atividade] o que vou para lá fazer?" (GDF)</p> <p>"Sim! [Toma as suas próprias decisões, como participar numa determinada atividade]"(GDF)</p> <p>"Antes do 25 de abril não havia muito bem essa vontade de escolha..." (PV)</p>
		Limitação/Desafio	<p>"Eu quando nado tenho dificuldade neste braço [esquerdo]." (GDF)</p> <p>"... na piscina só vou ver os meus colegas. Eu não posso nadar!" (GDF)</p>
		Preferências pessoais	"Eu gosto de música!" (GDF)

			<p>“Porque a Cristina Ferreira, além de ser uma boa mulher, é uma boa apresentadora.” (GDF)</p> <p>“...adoro crianças ...” (GDF)</p> <p>“Quem gosta de animais gostaria de ter um cãozinho destes!” (GDF)</p> <p>“Gosto, mas, não sei cantar.” (GDF)</p> <p>“Foi a de tirar fotos [a sessão que mais gostou]!” (EM)</p> <p>“Eu gostei de todas as sessões que tive contigo, principalmente aquela que falaste dos nossos direitos e aquela que fomos tirar fotos...” (PV)</p> <p>“Que é uma música que eu gosto [dos Santamaria]!” (PATH)</p>
		Sonhos/Desejos	<p>“Tenho tantos [sonhos]!” (GDF)</p> <p>“O meu sonho é ser como era, ter uma banda rock...” (GDF)</p> <p>“O sonho é manter-me aqui!” (GDF)</p> <p>“Arranjar uma mulher só para mim e que me calhasse o Euromilhões.” (GDF)</p> <p>“Uma profissão que adorava ter era ser o melhor treinador do Mundo, como este senhor é! [Relativamente à fotografia de José Mourinho]” (GDF)</p> <p>“Um dia, se pudesse cantar faria um dueto com o David Carreira. “ (GDF)</p> <p>“Conhecer pessoalmente os elementos dos Santamaria.” (PATH)</p> <p>“Fui [ao concerto dos Santamaria na sai imaginação]! E quando me aproximei deles, dei um abraço a todos eles!” (PATH)</p> <p>“Ter contacto com os Santamaria, planejar alguma coisa com eles...” (PATH)</p>

Ao longo das sessões, o Alberto revelou ter conhecimento dos seus direitos e também compreender e conhecer o seu significado, o que é possível constatar no Quadro 3. Foi o elemento do grupo que sugeriu mais exemplos de direitos, quando foi pedido por mim, durante a entrevista. Quanto à percepção de ser escutado, não existem indicadores relevantes para o estudo.

*Quadro 3 - Percepção do Alberto sobre os Direitos*

PARTICIPANTE	CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO	SUBCATEGORIAS	INDICADORES/FONTE
Alberto	Direitos (Percepção de...)	Direitos próprios	<p>“Um bom exemplo: tenho direito a uma refeição todos os dias, tenho direito a água para tomar banho...” (GDF)</p> <p>“Temos o Direito a ter uma sala própria para trabalhar!” (GDF)</p> <p>“Temos direito a ir à casa de banho!” (GDF)</p> <p>“Se trabalharmos, temos direito a ter um ordenado mensal!” (GDF)</p> <p>“Tenho direito a ser respeitado!” (GDF)</p> <p>“Direito a ter uma alimentação razoável!” (GDF)</p> <p>“Ter direito a uma sala própria para os trabalhos!” (GDF)</p> <p>“Ter direito a tomar, pelo menos, duas vezes café por semana!” (GDF)</p> <p>“[Direito a ter atividades como] Hipoterapia, cavalos...” (GDF)</p> <p>“Temos direito a estar 10 minutinhos com o nosso amor!” (GDF)</p> <p>“[Direito a] Ter acesso à saúde...” (GDF)</p> <p>“Temos Direito a ser ajudados, como Direito a tentar ajudar os outros...” (GDF)</p>
		Significado atribuído aos direitos próprios	<p>“Só que, maior parte dos portugueses não sabe que Direitos são esses...” (GDF)</p> <p>“Porque uma pessoa só com deveres nunca chega a fazer nada...” (GDF)</p> <p>“[Os direitos são importantes na vida porque servem para] Tornar as coisas mais fáceis...” (GDF)</p> <p>“É um direito nosso e um dever delas [colaboradoras ajudar], não é isso?” (GDF)</p> <p>“[Direito a uma sala para os trabalhos, é importante] Porque nós somos muitos e não convém trabalharmos todos na mesma sala, não é? Dividir 4 numa sala, 4 noutra...” (GDF)</p>

			“[Direito a ter atividades como: música, teatro, ciclismo, piscina, ginástica, etc., é importante] Para termos uma vida ocupada...” (GDF) “[Direito a namorar, é importante porque] Qualquer pessoa tem esse direito...” (GDF)
		Ser escutado	S/Indicadores

No que diz respeito à categoria da Inclusão Social, que apresento no Quadro 4, o Alberto, apesar de ser um sujeito bastante independente e com uma ótima estrutura familiar, revelou indicadores que apontaram para alguma debilidade no seu sentido de pertença à comunidade; na minha opinião, poderá a rebeldia que emana das suas palavras, justificar essa fraqueza nos laços de pertença... Na verdade, o Alberto parece experienciar mais pertença à comunidade quando está inserido em atividades do Centro C. Na subcategoria “Participação na comunidade” não foram encontrados indicadores; tal facto, poderá ser explicado por uma informação que obtive sobre o comportamento do Alberto: quando está em casa, os seus irmãos terão de lhe trancar a porta, para impedir que saia e se envolva em atividades que podem colocá-lo em perigo (álcool em excesso, etc.).

*Quadro 4 - Percepção do Alberto sobre a Inclusão Social que experiencia*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Alberto</b>	Inclusão Social (Percepção de...)	Sentido de pertença à comunidade	“[No Dia Mundial do Sorriso] Andámos por aí a tirar fotos à população com uns tais malucos, umas cabeleiras pretas...” (PV)

		Participação na comunidade	S/Indicadores
--	--	----------------------------	---------------

Durante as sessões, o Alberto revelou ser um comunicador nato, tendo conversado muito agradavelmente sobre as suas relações com muitas pessoas, no âmbito da rede de apoios informais e formais. Como já referi, o Alberto revelou dispor de uma ótima base familiar - irmãos e a restante família alargada -, que muito o apoia. Os dados apresentados no Quadro 5 deixam bem visível que possui uma família bastante unida, que se reúne sempre que possível. Em relação aos apoios formais, o Alberto conhece e mantém uma relação saudável com muitas pessoas, elementos de serviços da comunidade que o apoiam e também, funcionários da instituição A e da sua delegação na aldeia O, o Centro C, que o auxiliam e o incentivam na realização dos seus sonhos.

*Quadro 5 - Percepção do Alberto sobre as Relações Interpessoais em que está envolvido*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Alberto</b>	Relações Interpessoais (Percepção de...)	Rede de apoios informais	“Um irmão e uma irmã.” (GDF) “Foram lá almoçar, a minha sobrinha e os meus tios que tem duas filhas gêmeas ... “ (GDF) “É muito importante para a minha vida! Tanto a minha irmã como o meu irmão!” (EM) “Porque ele [irmão] é como se fosse meu pai...” (PATH)
		Rede de apoio formais	“Sim, as funcionárias daqui [ajudam]...” (GDF) “Conhecer novos adversários [nas provas]...” (GDF) “... também tirei [fotografia] aqui à loja da Senhora Manuela que nos tem ajudado muito...” (EM) “O senhor do trator é o nosso enfermeiro...” (EM) “Tenho aqui uma senhora [apontando para a imagem], mãe de uma colega minha, que mostra ter vontade de trabalhar!” (EM) “Com a reforma que eu tenho, pagar isto aqui, quando chegasse ao dia 15 estava a pedir ao vizinho do lado.” (EM)



			“Ou o senhor Joaquim [motorista da instituição A para a ajudar a realizar o sonho]...” (PATH) “Porque eu estou à responsabilidade delas [Doutoras], não é?” (PATH) “Falar com a Dona Fátima [motorista instituição A]...” (PATH) “A Drª Tânia [ajudar a tocar os instrumentos]!” (PATH) “Falar com a Drª Tânia e autorização da banda para poder trabalhar mais com eles...” (PATH)
--	--	--	---

Durantes as sessões e de acordo com o Quadro 6, o Alberto mostrou sentir que o acidente que teve lhe destruiu a sua vida, não só no que refere à autonomia, liberdade e sonhos, mas também ao aspeto físico. Apesar de participar em muitas atividades proporcionadas pelo Centro C, algumas são limitadas pelo facto de “a sua parte direita do cérebro não funcionar”.

*Quadro 6 - Percepção do Alberto sobre o seu Bem-Estar Físico*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Alberto</b>	Bem-Estar Físico (Percepção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	S/ Indicadores
		Estado de saúde próprio	“... neste momento, só tenho metade do cérebro a funcionar” (GDF) “A minha parte direita morreu!” (GDF)
		Participação em atividades que promovem a mobilidade/saúde	“Eu participo na música, equitação...” (GDF)

O Quadro 7 mostra-nos que o Alberto, apesar de viver satisfeito com a vida que leva atualmente, sente saudades da vida que levava antes do seu acidente. Sente necessidade de pensar na vida longe de tudo e de todos, num espaço calmo e tranquilo que lhe permitam refletir. Nota-se que é um indivíduo melancólico, os seus sentimentos de saudade pela vida que tinha e pelas antigas instalações da instituição, expressam bem esse estado.

*Quadro 7 - Percepção do Alberto sobre o seu Bem-Estar Emocional*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Alberto</b>	Bem-Estar Emocional (Perceção de...)	Satisfação com a vida	<p>“Estou satisfeito com a vida que levo atualmente mas, nada comparada com a que levava antigamente.” (GDF)</p> <p>“[Espaços verdes] Faz-nos sentir descansados, para repousar um bocadinho, meter a cabeça em dia, não é?” (EM)</p> <p>“É uma alegria andar aqui [no Centro C], em relação à que eu andava!” (MS)</p> <p>“Pensam, mas não tanto como eu [na vida que poderia ter tido]! Eu passo noites que nem consigo adormecer...” (PV)</p> <p>“Emoção [quando está no futuro que deseja criar]...” (PATH)</p>
		Emoções/sentimentos perante as situações da vida	<p>“Antes do jogo começar, nós temos sempre aquele nervoso...” (MS)</p> <p>“Tenho saudades desta escola [antigas instalações da instituição A] ... Aqui é a entrada da nossa nova escola, acho que todos sabem e todos sentem o mesmo que eu!” (EM)</p>

Como podemos observar no Quadro 8, o Alberto tem ótimas condições de habitação, sempre auxiliado pelos irmãos e pela restante família. Além disso, os momentos em família são-lhe claramente caros: o Alberto faz questão de dizer a composição das suas refeições e mesas em alturas de festa.

*Quadro 8 - Percepção do Alberto sobre o seu Bem-Estar Material*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Alberto</b>	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situação Financeira	“Tenho dois ou três [CD's Santamaria]...” (PATH) “Claro [levar dinheiro e documentos para ver os Santamaria]!” (PATH)
		Condições de habitação	“E neste momento, vivo com os meus irmãos.” (GDF) “Sim, tenho sala, quarto, casa de banho e cozinha.” (GDF) “Tem outra estabilidade, tem muito mais condições [Centro C]...” (EM)
		Outras condições de Bem-Estar Material	“Numa semana dá-me um o almoço e o jantar, na outra semana é o outro.” (GDF) “No sábado apresentaram-me batatas fritas com leitão assado à bairrada. Mas eu não comi batatas fritas, comi arroz!” (GDF) “A Páscoa foi outra coisa, no domingo tinha borrego e sopa de legumes... E sobremesas tinha, tarte de ananás, mousse de chocolate, baba de camelo, natas do céu...” (GDF) “De carro [ver os Santamaria]...” (PATH)

O Alberto ingressou cedo no Centro C, o acidente que teve obrigou-o a isso e, mais tarde, as condições de saúde dos pais também não ajudaram. Considera-se um homem com azar, por tudo o que lhe aconteceu na vida, inesperadamente, sendo ele tão jovem. Tem consciência do que ocorreu no passado, relembrando-o muitas vezes: o que foi e o que poderia ter acontecido caso não tivesse tido o acidente. Mostrou possuir um enorme apreço pela escola primária que frequentou, chegando a afirmar que esta contribuiu para o seu desenvolvimento como homem e ser humano. Considera ser uma pessoa normal, mas quando tem por perto alguém que sabe possuir “mais estudos”, sente-se inferior, chegando mesmo a autointitular-se de “maluco”, como é visível no Quadro 9.

*Quadro 9 - Perceção do Alberto sobre o seu Desenvolvimento Pessoal*

PARTICIPANTE	CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO	SUBCATEGORIAS	INDICADORES/FONTE
Alberto	Desenvolvimento Pessoal (Perceção de...)	Percurso educativo/Trabalho/ Ocupação	<p>“22 anos [idade que ingressou na instituição A]” (GDF)</p> <p>“[Tem habilidade para] Pintar...” (GDF)</p> <p>“Tirei aqui à escola, porquê? Porque todos nós frequentámos uma escola primária...” (EM)</p> <p>“[Foi na escola primária] Que me transformei homem!” (EM)</p> <p>“[Na escola primária] Aprendi a resolver certos problemas ... E aprendi a comportar-me!” (EM)</p> <p>“Tirei esta foto, para que lembrar da primeira escola da instituição A que tive...” (EM)</p> <p>“Porque a primeira instituição onde andei, foi aqui [apontando para instalação da instituição A]...” (EM)</p> <p>“Eu ia casar em agosto e tive o acidente em maio... Já poderia ter os meus filhos, a minha mulher... Oh pá, eu chorava! Via os meus colegas a passar de mota e eu não poder conduzir...” (PV)</p> <p>“Tinha uma vida muito ativa, eu jogava futebol no União de Coimbra, trabalhava e tocava num conjunto da cidade J, mal tinha tempo para dormir!” (PV)</p> <p>“Porque eu também vivia de serralharia, era soldador!” (PATH)</p>
		Momentos-chave na vida	<p>“Eu tive um acidente de trabalho...” (GDF)</p> <p>“Infelizmente os meus pais já morreram, a minha mãe com Alzheimer e o meu pai com três tumores, um na cabeça, outro nos pulmões e outro na garganta.” (GDF)</p> <p>“Quando tinha a minha mota tive um acidente, tudo por excesso de álcool.” (GDF)</p> <p>“O acidente que eu tive deu-me cabo da vida!” (PV)</p> <p>“O que me aconteceu já foi há uns anos atrás...” (PATH)</p>

			"O meu sonho foi-se quando tive o acidente..." (PATH)
		Atividades de lazer	<p>"Além de ver televisão, ouço música, jogo cartas, sudoku, damas..." (GDF)</p> <p>"Para termos uma vida ocupada [as atividades] ..." (GDF)</p> <p>"Conhecer os Santamaria, ouvir músicas dos Santamaria, trocar instrumentos da banda, ver concerto dos Santamaria [passos para realizar o sonho]..." (PATH)</p> <p>"Preciso de treinar [com os instrumentos idênticos aos da banda]!" (PATH)</p> <p>"Pensar no que vou dizer quando conhecer o grupo... Ser simpático, claro!" (PATH)</p> <p>"Arranjar quem me leve, quem me dê boleia [a ver o concerto dos Santamaria]..." (PATH)</p>
		Autoimagem	<p>"Os teus "stores" não se admiram de nós sermos deficientes e fazermos assim um trabalho?" (GDF)</p> <p>"Eu tive um acidente e fiquei assim, porque eu era normal..." (GDF)</p> <p>"É incrível como aprendes com pessoas inferiores a ti." (GDF)</p> <p>"Oh pá, tu tens um curso, nós não!" (GDF)</p> <p>"Mas sabes mais..." (GDF)</p> <p>"Quando tinha a minha mota tive um acidente, tudo por excesso de álcool." (GDF)</p> <p>"E considero-me normal..." (GDF)</p> <p>"Que é para provar que tenho jeito para alguma coisa [levar as fotografias que tirou para casa] ..." (MS)</p> <p>"Porque eu sou um bocadinho "desnorteado", "despassarado" a andar na rua..." (MS)</p> <p>"Todos temos problemas, não é?" (MS)</p> <p>"Nós não somos incapazes, nós somos capazes de qualquer coisa, não é?" (MS)</p> <p>"Somos todos malucos, somos quase doidos!" (PV)</p> <p>"Eu considero-me um homem com azar..." (PV)</p>

No início das sessões, a Cristina mostrou-se bastante insegura, recatada e com receio de proferir palavras que estivessem relacionadas com o seu passado, ligadas aos seus pais biológicos. Contudo, com o decorrer das sessões, aumentou a sua confiança e segurança, e revelou uma nova faceta: mais descontraída e participativa nas atividades propostas, tornando-se numa das participantes mais interventivas.

Carrega consigo um passado muito difícil, que ainda hoje a persegue. É adotada e adora ciclismo.

Na categoria da Autodeterminação, como revela o Quadro 10, sente-se uma pessoa independente, mas a tarefa de escolher as atividades em que irá participar durante a semana é incumbida às responsáveis do Centro C, a própria cliente não tem uma palavra a dizer na escolha e parece não se sentir afetada por isso. Adora tudo o que envolve a música e o desporto; no ciclismo, inclusivamente, já ganhou bastantes provas e medalhas. O seu sonho é viver com o homem que ama e fazer uma vida normal; e ainda, ter uma bicicleta pessoal para que possa ir às provas.

*Quadro 10 - Sentido de autodeterminação da Cristina*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMEN TO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Cristina</b>	Sentido de autodeterminação (Perceção de...)	Independência (autonomia pessoal)	“Eu também! [Considera ser uma pessoa independente] ” (GDF) “Quando uma pessoa está constipada ou doente temos o direito a ir com alguém connosco...” (GDF)
		Liberdade de escolha	“Sou eu que preparo a minha roupa!” (GDF) “Nós temos o plano das atividades e de vez em quando, eu principalmente, vou lá ver quais são as atividades que tenho.” (GDF) “Não, são as doutoras que fazem o plano. Elas é que decidem!” (GDF)
		Limitação/Desafio	“...e na prova de ciclismo, olha, não tive tanta força, mas, fiquei em 2º lugar!” (GDF)
		Preferências Pessoais	“Eu gosto muito [ de natação] porque tenho provas e vou ...” (GDF)

			<p>“...mas gosto mais da atividade aquática e de ciclismo.” (GDF)</p> <p>“... posso escrever por baixo da imagem “Eu gosto das músicas do Mikael Carreira”?” (GDF)</p> <p>“Nunca fiz, mas gostava de fazer... Ténis...” (GDF)</p> <p>“Ciclismo e natação [deportos preferidos] ” (GDF)</p> <p>“Aqui é o Anselmo Ralph, gosto muito das músicas dele. Acho que é um bom cantor!” (GDF)</p> <p>“Gosto também de namorar...” (GDF)</p> <p>“E nesta imagem que está o Mikael Carreira e a mãe... Pronto... Também gosto das músicas dele...” (GDF)</p> <p>“...gosto mais de comer...” (GDF)</p> <p>“É simples, salchichas com batatas fritas [comida preferida] ...” (GDF)</p> <p>“Sim! [Gosta do ator Pedro Teixeira]” (GDF)</p> <p>“ Gosto [de sorrir] ...” (GDF)</p> <p>“Eu adoro tirar e tiro muito bem [fotografias]!” (GDF)</p> <p>“E gosto desta foto [do Parque da Via Romana]! (EM)</p> <p>“Se fossem jogos assim fáceis, eu fazia! Agora andar lá a correr a jogar à bola, canso muito e ...” (EM)</p> <p>“[Gostou] De todas [as sessões]!” (PV)</p> <p>“Eu nunca tinha visto um concerto daqueles! Adorei, mesmo!” (PATH)</p> <p>“Sim [gosta da amizade e do convívio com as outras pessoas da comunidade]!” (PATH)</p>
		Sonhos/Desejos	<p>“As doutoras sabem o meu sonho, no nosso PDI está escrito o nosso sonho! “ (GDF)</p> <p>“Não! [Nega ter outro sonho para além daquele que não pode dizer]” (GDF)</p> <p>“Ter uma vida normal.” (GDF)</p> <p>“...é estar junta ou casar com o homem e estar a fazer a vida normal. Isto é que é a vida que eu queria fazer.” (GDF)</p> <p>“Ter uma bicicleta.” (PATH)</p> <p>“Ir a provas com ela [bicicleta] ...” (PATH)</p> <p>“Mais complicado de vocês quase todos, é o meu [outro sonho]!” (PATH)</p>

			"Sim! Levar dinheiro... Ir comprar bicicleta..." (PATH)
--	--	--	---

Como podemos verificar nos dados do Quadro 11, a Cristina, além de ter conhecimento dos seus direitos, também tem consciência do que eles significam para si e na sua vida. Contudo, revela uma infância em que os seus direitos não foram respeitados, simbolizando essa ausência com uma oportunidade que qualquer criança tem, e ela não teve: beber no biberon.

*Quadro 11 - Percepção da Cristina sobre os Direitos*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Cristina</b>	Direitos (Percepção de...)	Direitos próprios	"Direito a respeitar uns aos outros..." (GDF) "Direito a ter aulas de teatro!" (GDF) "Na semana passada tive Direito a ir ao médico..." (GDF) "[Direito] A ir ao Doutor..." (GDF)
		Significado atribuído aos direitos próprios	"Eu estava a dizer que todas as pessoas tem de ter o seu Direito..." (GDF) "[Direito a ir ao médico, é importante porque] Quando uma pessoa está constipada ou doente temos o direito a ir com alguém connosco... Não vamos sozinhos!" (GDF) "[Direito à educação, é importante porque] Então porque nós temos de ter o direito a ter educação como as outras pessoas..." (GDF)
		Ser escutado	"Eu não tive essa oportunidade [de ter direitos], não é? ... Beber no biberon não..." (GDF)



De acordo com o apresentado no Quadro 12 na categoria da inclusão social, a Cristina refere que apenas experiencia a participação na comunidade em atividades realizados pelo Centro C. De outra forma, a sua ligação com a comunidade era nula, uma vez que, a sua família raramente a vai buscar ao Lar Residencial da instituição A.

*Quadro 12 - Percepção da Cristina sobre a Inclusão Social que experiencia*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Cristina</b>	Inclusão Social (Percepção de...)	Sentido de pertença à comunidade	S/Indicadores
		Participação na comunidade	<p>“Eles [crianças do infantário] é que vem cá!” (GDF)</p> <p>“[Fazer] Maquilhagem [para ir ao baile] ...” (GDF)</p> <p>“Eles ajudam-nos muito e gosto de estar com os idosos.” (EM)</p>

Na categoria das Relações Interpessoais, a Cristina revela possuir muitos apoios informais: namorado, uma prima, os pais adotivos e o irmão biológico. Pessoas que para ela são importantes e fazem com que se sinta bem. O irmão biológico é a pessoa que faz brilhar os seus olhos; com o apoio da instituição, travou uma grande luta para o encontrar; encontra-se agora numa outra instituição. Apesar de não falarem diariamente, mantêm o contacto. O namorado aparenta também ser um grande apoio para a Cristina, uma vez que reside na instituição A e passam as datas festivas juntos, fazendo com que a falta da família seja superada. Quanto aos apoios formais, a Cristina constrói amizades e conhece pessoas através do envolvimento do Centro C com os serviços/comunidades limítrofes, pessoas essas que a apoiam e ajudam no seu sonho.

*Quadro 13 - Percepção da Cristina sobre as Relações Interpessoais em que está envolvida*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Cristina</b>	Relações Interpessoais (Percepção de...)	Rede de apoios informais	<p>“Sim! [tem namorado]” (GDF)</p> <p>“Tenho a minha prima que é daqui da aldeia I, é a Sofia...” (GDF)</p> <p>“Os meus pais adotivos como estão... Prontos, a minha mãe adotiva está a fazer tratamento...” (GDF)</p> <p>“Eles [pais adotivos] vem cá buscar-me... De vez em quando vem aqui buscar e levam-me e eu passo o fim-de-semana lá com eles...” (GDF)</p> <p>“Sim, tenho um irmão que está a viver em Coimbra [irmão biológico] ...” (GDF)</p> <p>“É o Celso, só conheço este que está a viver em Coimbra...” (GDF)</p> <p>“Sim, são duas, estão fora daqui [irmãs que não conhece] ...” (GDF)</p> <p>“A minha foi aqui passada a Páscoa... Com o namorado cá [no Centro C].” (GDF)</p> <p>“... já não namoro, sabias?” (EM)</p> <p>“O Tiago acabou!” (EM)</p> <p>“[Irmão] Porque é do mesmo sangue que eu... (EM)</p> <p>“Quando eu não tenho saldo ligo daqui [ao irmão]! Quando tenho saldo ligo eu, quando não tenho ligo daqui da escola, do telefone, do telemóvel daqui da instituição.” (EM)</p> <p>“É um amigo [o Roberto]...” (PATH)</p>
		Rede de apoios	“Gosto muito da Patrícia, prometi-lhe que lhe ia pintar as unhas!” (EM)

		formais	<p>“Eles [idosos] ajudam-nos muito e gosto de estar com os idosos.” (EM)</p> <p>“Este é o nosso enfermeiro daqui, que dá as injeções aos miúdos... É o enfermeiro da casa, prontos! Como anda no rancho e tudo...” (EM)</p> <p>“Eu preciso da Dra. [para a ajudar a realizar o sonho]!” (PATH)</p> <p>“Ajuda a ligar-me para o meu irmão [A Dra. Tânia]...” (PATH)</p> <p>“Não, é o outro sonho [de conhecer os restantes irmãos]!” (PATH)</p> <p>“É a parte da Dra. Ana [responsável pela Cristina]...” (PATH)</p> <p>“É a que me ajuda aqui na sala [a Soraia]...” (PATH)</p> <p>“Sim, ou com as Doutororas ou com a Engenheira, porque ela é que é a minha tutora.” (PATH)</p> <p>“Falar com a Engenheira ou com o professor Cristovão...” (PATH)</p>
--	--	---------	--

De acordo com os dados do Quadro 14, a Cristina têm acesso aos cuidados de saúde necessários ao Bem-Estar Físico do ser humano. Necessita, efetivamente, desses cuidados por possuir alguns problemas concretos: ser asmática e na infância ter ingerido bebidas alcoólicas que lhe afetaram o desenvolvimento psicológico. Apesar de apresentar problemas de saúde, a Cristina é bastante ativa e participativa nas atividades da instituição junto da comunidade e dos serviços, nomeadamente, no ciclismo, prova e piscina, onde chega sempre ao pódio.

*Quadro 14 - Percepção da Cristina sobre o Bem-Estar Físico*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Cristina</b>	Bem- Estar Físico (Percepção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	“Ontem fui ao médico de família...” (GDF)
		Estado de saúde próprio	“É assim, natação comigo não é assim muito “coiso” ... Mas faz-me bem, por causa do problema que tenho.” (GDF) “De ser asmática. Sou asmática, não me posso assim cansar muito!” (GDF) “... mas depois, o que é que me receitou? Aquilo para as aftas, que eu apanho muitas vezes aftas e por causa da parte do estômago, sou muito atacada a isso.” (GDF) “Eu é por causa da parte da cabeça, da parte do álcool e essas coisas...” (GDF)
		Participação em atividades que promovem a mobilidade	“Eu é ciclismo e prova, e piscina também [atividades preferidas].” (GDF) “Eu participo em todas [as atividades] ...” (GDF) “Esta semana tivemos prova de remo...” (GDF) “Aqui é o pavilhão, aqui em baixo, onde nós fazemos atividade física.” (EM)

No que diz respeito à categoria do Bem-Estar Emocional, que apresentamos no Quadro 15, a Cristina considera estar satisfeita com a sua vida, os prémios individuais que ganha deixam-na contente e fazem-na feliz por aquilo que consegue alcançar no ciclismo. Em relação à sua vida pessoal, no momento em que realizei as sessões, atravessava uma má fase na relação com o namorado, este tinha terminado o namoro com ela e a Cristina não se encontrava bem: estava chorosa, sentia-se triste e revoltada.

Em alguns momentos, durante as sessões, consoante o que lhe perguntava, a Cristina inibia-se; foi, aliás, o elemento do grupo que mais se mostrou reticente em falar da sua vida e do seu percurso até chegar ao Centro C.

*Quadro 15 - Percepção da Cristina sobre o Bem-Estar Emocional*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS / ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Cristina</b>	Bem-Estar Emocional (Percepção de...)	Satisfação com a vida	<p>“...fiquei toda feliz, toda contente [quando ficou em 1º lugar].” (GDF)</p> <p>“Em segundo [lugar], mas não queria!” (GDF)</p> <p>“Eu estou! [Satisfeita com a vida que leva]” (GDF)</p> <p>“Mais ou menos. [Nega estar satisfeita com a vida que tinha]” (GDF)</p> <p>“Um ciclista de Gaia, esse moço, uma vez foi comigo a uma prova de ciclismo... Disse-me para ter força e deu-me sorte, e eu fiquei em 1º lugar!” (GDF)</p> <p>“Pois, mas custou-me... É muito tempo com uma pessoa...” (EM)</p> <p>“Eu dei cabo de mim por causa dele!” (EM)</p> <p>“Oh pá quando eu soube a novidade, oh pá comecei a chorar, porque ainda gosto dele e ele não me sai da cabeça!” (EM)</p>
		Emoções/Sentimentos perante as situações da vida	<p>“Eu na natação fico [nervosa antes da prova]...” (GDF)”</p> <p>“Eu posso-me lembrar de alguma coisa mesmo de mim, é por isso que não quero apresentar hoje...” (GDF)</p> <p>“De vez em quando faço também um bocadito de birra para ir!” (EM)</p>

De acordo com os dados no Quadro 16, a Cristina não revela indicadores suficientes para ilustrar a categoria “Bem-Estar Material”. Pela sua história de vida, é compreensível esta ausência de indicadores: vive no Lar Residencial da instituição A e durante o dia vai para a delegação na aldeia O, o Centro C; passa a maioria das festividades com os restantes clientes da instituição, que também não têm oportunidade de ir a casa. A carência de condições materiais é visível, não fosse a prestação de cuidados e apoio por parte do Centro C.

*Quadro 16 - Percepção da Cristina de Bem-Estar Material*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Cristina</b>	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situação Financeira	S/Indicadores
		Condições de Habitação	S/Indicadores
		Outras condições de Bem-Estar Material	S/Indicadores

Como já referido, a Cristina teve uma vida bastante complicada. Ingressou cedo no Centro C, terminando o seu percurso escolar na instituição A, com a frequência dos cursos de formação profissional que esta proporcionava aos clientes. Neste momento, quer aprender a cozinhar. Apesar de, durante as sessões e consoante o tema, se ter evidenciado a sua fragilidade, possui uma autoimagem bastante intensa, segura, e é determinada de si: uma imagem de alguém que não desiste, vai à luta e ganha tudo, inclusive medalhas.

*Quadro 17 - Percepção da Cristina do Desenvolvimento Pessoal*

PARTICIPANTE	CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAM ENTO E REFLEXÃO	SUBCATEGORIAS	INDICADORES/FONTE
Cristina	Desenvolviment o Pessoal (Percepção de...)	Percurso educativo/Trabalho/ Ocupação	<p>“... já estou aqui há bastante tempo. Fui para a vila E, os meus pais os adotivos puseram-me lá, devia ter quê ... uns .... 4 ou 5 anitos por aí.” (GDF)</p> <p>“... como fiz a formação profissional e depois andei a estagiar ... e depois vim para aqui!” (GDF)</p> <p>“Sim, para fazer... E tenho que aprender [a cozinhar] ...” (GDF)</p>
		Momentos-chave na vida	<p>“Quando nasci não tive a vida como tu nem como os outros que aqui estão... Eu tive uma vida muito complicada!” (GDF)</p>
		Atividades de lazer	<p>“Antes não tínhamos ninguém que fizesse atividades [no Lar Residencial da Instituição A], agora, temos...” (GDF)</p> <p>“E de vez em quando, faz atividades connosco [a prima] ...” (GDF)</p> <p>“Muitas variedades de músicas...” (GDF)</p> <p>“Para enfeitar [a bicicleta] ...” (PATH)</p>
		Autoimagem	<p>“Sim e já tenho experiência de nadar e saber nadar!” (GDF)</p> <p>“A segunda vez que fiquei em primeiro lugar foi na cidade B... Na freguesia C fiquei em 1º lugar!” (GDF)</p> <p>“... fiquei em 2º lugar na prova de ciclismo!” (GDF)</p> <p>“Esta semana tivemos prova de remo e eu fiquei em 1º lugar!” (GDF)</p> <p>“Sim, ganhei uma medalha [no remo] ... ” (GDF)</p> <p>“... na prova de ciclismo, olha, não tive tanta força, mas, fiquei em 2º lugar!”</p>

			"Cada um de nós tem o seu problema..." (EM)
--	--	--	---

Durante as sessões, a Lara foi bastante cumpridora das tarefas e respeitadora de todos os participantes; esteve, em todos os momentos, muito envolvida. Órfã de pais, ingressou cedo na instituição A, na qual até hoje se mantém. Adora música e ciclismo, desporto no qual ganhou já várias medalhas. O seu maior sonho é um dia poder viver com os irmãos!

Na categoria da Autodeterminação, como podemos observar no Quadro 18, a Lara considera ser uma pessoa independente e desembaraçada, quando não sabe algo pede ajuda e mesmo não sabendo nadar, vai à piscina; quando questionada sobre o modo como exerce o seu direito de escolha, afirma ter em consideração a opinião das responsáveis. Apesar de afirmar a sua limitação física - um problema ortopédico que a obriga a ter cuidados redobrados nas atividades em que participa no Centro C -, a Lara encara-a como um desafio, impedindo que seja uma barreira na sua vida. Participa em várias atividades proporcionadas pelo Centro C e gosta de várias coisas, como: futebol, passear, comer broa quente, namorar, andar de bicicleta, tirar fotografias e conviver com as pessoas idosas, como se pode verificar no Quadro 18. Gostava de um dia sair da instituição e ir viver com o namorado, casar e ter um trabalho na área da costura ou numa padaria, ou então, viver junto dos irmãos numa casa.

*Quadro 18 - Sentido de autodeterminação da Lara*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Lara</b>	Sentido de autodeterminação (Perceção de...)	Independência / autonomia pessoal	"Eu também sou independente!" (GDF) "Quando a gente não sabe alguma coisa, a gente pede ajuda e elas vem ajudar!" (GDF) "[É capaz de] Cozinhar!" (EM)
		Liberdade de escolha	"Eu é que escolho a roupa." (GDF)



			<p>"Também sou eu que preparo a minha roupa." (GDF)</p> <p>"Sim, mais ou menos! Eu dou a minha opinião mas tenho de perguntar às doutoras se é, se não é, se fica bem, se não fica." (GDF)</p> <p>"[É capaz de] Cozinhar!" (EM)</p>
		Limitação/Desafio	<p>"Eu também não sei nadar e vou para a piscina na mesma!" (GDF)</p> <p>"Houve uma vez que eu, na prova da freguesia C, estava na última volta tive de parar porque os pedais já se estavam a partir. Mas fiquei em 2º lugar na mesma!" (GDF)</p> <p>"A minha [limitação] é das pernas..." (GDF)</p>
		Preferências Pessoais	<p>"Ciclismo e rancho [atividades preferidas]." (GDF)</p> <p>"... eu gosto muito de viajar e andar... Passear..." (GDF)</p> <p>"O que mais gosto? Espanha..." (GDF)</p> <p>"... gosto também de comer assim, broa quentinha com manteiga..." (GDF)</p> <p>"...também gosto de andar de carro de praça." (GDF)</p> <p>"Também gosto de ver futebol..." (GDF)</p> <p>"Gosto de estar num sítio a namorar..." (GDF)</p> <p>"E gosto de andar de bicicleta..." (GDF)</p> <p>"Eu adoro [tirar fotografias]!" (GDF)</p> <p>"Gosto de conviver com os idosos..." (MS)</p> <p>"É o campo de futebol, que eu também adoro jogar futebol!" (EM)</p> <p>"...também gostamos de estar a brincar, pronto, fazer jogos, como a gente já fez com o professor Cristóvão lá em baixo." (MS)</p> <p>"Eu gostei de todas as sessões... Foi espetacular!" (PV)</p> <p>"Sim [gostava de estar mais vezes com os irmãos]!" (PATH)</p> <p>"Porque gosto muito de flores... Do cheiro e da cor!" (PATH)</p> <p>"Gostei desta [PATH] e da outra [PATH], e a última da fotografia [<i>Photo Voice</i>]." (PATH)</p>

		Sonhos/Desejos	<p>"Neste momento, era estar com o meu namorado e fazer a minha vida sozinha. Ele já vive sozinho e gostaria de viver com ele!" (GDF)</p> <p>Casar e sair daqui. E ir para uma padaria ou ... costura." (GDF)</p> <p>"Também me perguntaram se eu não queria fazer a minha vida sozinha... Eu disse que até gostava, mas tenho de ir devagar..." (GDF)</p> <p>"O meu é, estar mais vezes com os meus irmãos." (PATH)</p> <p>"Queria viver com eles [irmãos]!" (PATH)</p> <p>"Ou virem para aqui [Centro C] ou estarmos numa casa à parte." (PATH)</p> <p>"Estar mais tempo com eles..." (PATH)</p> <p>"Todos numa casa [Lara e os irmãos] ..." (PATH)</p>
--	--	----------------	---

De acordo com os dados no Quadro 19, a Lara tem percepção dos seus direitos, bem como, do significado que eles têm na sua vida. Os direitos que mencionou, têm, maioritariamente, relação com a atividade física, o que se compreende, quando se relaciona com o facto de ser uma pessoa muito ligada ao desporto.

*Quadro 19 - Percepção da Lara sobre os Direitos*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENT O E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Lara</b>	Direitos (Percepção de...)	Direitos próprios	<p>"E temos direito a andar de bicicleta, por exemplo." (GDF)</p> <p>"Direito a ajudar as outras pessoas!" (GDF)</p> <p>"Direito a ter aulas de música!" (GDF)</p>

			“Temos Direito a andar de bicicleta!” (GDF) “[Direito a ter atividades como] Piscina...” (GDF) “[Direito a ter atividades como] E ginástica!” (GDF) “E Direito a ir a outras instituições...” (GDF)
		Significado atribuído aos direitos próprios	“[Se a gente não respeita-se os outros andávamos] À batatada e à porrada!” (GDF) “[Direito a ter atividades como: música, teatro, ciclismo, piscina, ginástica, etc., é importante porque] E ganhar provas! Eheheh” (GDF) “[Direito a visitar/conhecer outras instituições, é importante] Para ter mais amizade, mais amigos... Fazer um desporto com eles e para ter mais amizade com eles.” (GDF)
		Ser escutado	S/Indicadores

De acordo com o Quadro 20, na categoria da Inclusão Social, a Lara evidencia um forte sentido de pertença à comunidade. Por exemplo, quando inserida em atividades da instituição, quando vai ao café perto da casa da madrinha ou quando vai às festas no mês de agosto. Participa na comunidade quando incluída em atividades do Centro C, como é o caso das provas de ciclismo, e relaciona-se com os serviços da comunidade, como é o caso do infantário.

*Quadro 20 - Percepção da Lara sobre a Inclusão Social que experiencia*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Lara</b>	Inclusão Social (Percepção de...)	Sentido de pertença à comunidade	<p>“Esta semana, na... segunda... terça... na quarta,... na quarta-feira à tarde ainda fomos para a cidade M entregar... cartões dos beijinhos.” (EM)</p> <p>“Aqui [comunidade do Centro C] gosto muito de conviver lá no café, com as pessoas...” (EM)</p> <p>“Aqui [palco de festas da comunidade do Centro C] ... por causa do mês de agosto, gosto de festa!” (EM)</p>
		Participação na comunidade	<p>“Temos já dia 5, uma prova de ciclismo!” (GDF)</p> <p>“É com as crianças lá no infantário [a peça de teatro sobre a Páscoa].” (GDF)</p>

De acordo com o Quadro 21, em relação à categoria das Relações Interpessoais, a Lara possui uma ótima rede de apoios informais, onde se incluem os seus irmãos, o namorado, os amigos do Centro C, a madrinha e os amigos da terra da madrinha. Os seus apoios informais estendem-se a algumas pessoas da comunidade da zona limítrofe do Centro C e a novas amizades que faz quando participa em provas ou quando visita outras instituições.

*Quadro 21 - Percepção da Lara sobre as Relações Interpessoais em que está envolvida*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
---------------------	---	----------------------	--------------------------

Lara	Relações Interpessoais (Perceção de...)	Rede de apoios informais	<p>"Tenho [namorado] ... " (GDF)</p> <p>"Tenho dois [irmãos]..." (GDF)</p> <p>"... ontem estive a falar com a minha irmã que hoje fez anos..." (GDF)</p> <p>"No ano passado vieram cá aos meus anos, 'tiveram aí... E este ano, não sei ainda se eu vou lá [visitá-los] quando tiver a consulta lá perto, para entregar a prenda, ou eles vem cá... Ainda não sabemos..." (GDF)</p> <p>"Tenho [amigos fora do Centro C]..." (GDF)</p> <p>"Quando vou para casa da minha madrinha, a minha madrinha não me deixa estar em casa..." (GDF)</p> <p>"E estou com os meus amigos [quando vai para casa da madrinha] ... Eles pagam-me cafés e..." (GDF)</p> <p>"Tive com a minha madrinha..." (GDF)</p> <p>"Nessa quarta-feira fui ver os meus irmãos." (GDF)</p> <p>"Aqui a minha madrinha como ... Dias de festa, ou assim, vem-me buscar. E ela é muita fixe!" (EM)</p> <p>"Às vezes eu vou lá nos anos da minha irmã ou do meu irmão..." (PATH)</p> <p>"Na última vez não comprei, a Doutora é que me deu um creme para dar á minha irmã." (PATH)</p>
		Rede de apoios formais	<p>"Fiz um postal para a dona da loja..." (GDF)</p> <p>"Como o grupo que vem da CERCIAG [com quem fazem amizades]..." (GDF)</p> <p>"Para ter mais amizade, mais amigos..." (GDF)</p> <p>"Escuteiros [ajudam o Centro C]!" (EM)</p> <p>"Aqui os idosos igual [ajudam o Centro C]..." (EM)</p> <p>"Aqui, gosto da Patrícia ..." (EM)</p> <p>"Dra. Tânia, a auxiliar Letícia [para a ajudar a realizar o sonho] ..." (PATH)</p> <p>"E a Dra. Eduarda [para a ajudar a realizar o sonho]..." (PATH)</p> <p>"A D. Fátima, a motorista [da instituição A para a ajudar a realizar o sonho]..." (PATH)</p> <p>"Com a Engenheira Margarida, a minha tutora..." (PATH)</p>

De acordo com o Quadro 22, a Lara tem acesso aos cuidados de saúde necessários, sendo o Centro C responsável por isso. Para bem da sua saúde, participa em várias atividades promovidas pelo Centro C, destacando-se nas provas de ciclismo.

*Quadro 22 - Percepção da Lara sobre o Bem-Estar Físico*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Lara</b>	Bem-Estar Físico (Percepção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	“Eu na terça-feira fui [ao médico]!” (PV)
		Estado de saúde próprio	S/Indicadores
		Participação em atividades que promovem a mobilidade	“São ciclismo, piscina, ginástica, teatro, música e também temos o rancho.” (GDF) “Ah pois, também temos o remo.” (GDF) “Terça-feira é que vamos começar a andar de bicicleta!” (GDF)

Como mostram os dados do Quadro 23, a Lara sente-se satisfeita com a vida que tinha e que leva atualmente. Na atividade do PATH mostrou-se bastante empolgada com a visão de futuro que o seu sonho lhe estava a proporcionar, sentindo-se contente pela visão que estava a criar. Ao mesmo tempo, percebia que, lembrar-se do que desejava, só aguçava a sua vontade de estar ainda mais junto dos seus irmãos.

Ficou também evidente o seu lado solidário e sensível, quando fala na Patrícia.

*Quadro 23 - Percepção da Lara do Bem-Estar Emocional*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENT O E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGO RIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Lara</b>	Bem-Estar Emocional (Percepção de...)	Satisfação com a vida	"Sim! [Satisfeita com a vida que tinha antigamente e com a que tem neste momento]" (GDF) "Fiquei contente [por imaginar o que se passou no último ano em relação ao seu sonho]..." (PATH) "Contente [quando está no futuro que deseja criar]..." (PATH)
		Emoções/sentimentos perante as situações da vida	"Ela [Patrícia] não fez nada por mim, mas eu tenho pena dela,... ela estar na cama e não andar..." (EM) "Porque penso mais nos meus irmãos, que podia estar ao pé deles [na atividade do PATH]..." (PATH)

De acordo com o Quadro 24, a Lara usufrui de condições de habitação favoráveis, uma vez que reside no Lar Residencial do Centro C durante a semana e aos fins-de-semana no Lar Residencial da instituição A, a "instituição-mãe". Como não tem pais, a sua família limita-se à madrinha, que a leva consigo nas épocas festivas e em alguns fins-de-semana. É na casa da madrinha que lhe são proporcionadas outras condições de bem-estar material, fortemente ligadas também ao sentido de pertença e ao bem-estar emocional que essa pertença traz: a oferta que, nessa comunidade, lhe fazem, de bolo, chocolates, amêndoas, dinheiro, cafés...

*Quadro 24 - Percepção da Lara do Bem-Estar Material*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
---------------------	---	----------------------	--------------------------

Lara	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situação Financeira	S/Indicadores
		Condições de habitação	<p>“Não tinha mais sítio para onde ir [quando a mãe faleceu].” (GDF)</p> <p>“Fui na quinta-feira embora para casa [da madrinha], só vim na segunda-feira à noite...” (GDF)</p>
		Outras condições de Bem-Estar Material	<p>“Depois no sábado fui um bocadito até á loja, cá a cima, comprar-me [a madrinha] coisas ...” (GDF)</p> <p>“...deu-me [a dona da loja] um...um... uma tarte pequena de bolo de chocolate, tem um recheio por dentro... Depois, a outra senhora deu-me chocolates, deu-me outros bolos, deu-me...” (GDF)</p> <p>“Deu-me [a outra senhora] um pacote de amêndoas que misturei junto com as outras... Depois a minha professora deu-me 5 euros e essa pessoa que me comprou isso, ainda me deu 3 euros. E o meu padrasto ainda me deu um café, descafeinado!” (GDF)</p> <p>“Vou de carrinha [visitar os irmãos], sim!” (PATH)</p>

A Lara encontra-se na instituição A, instituição-sede, e no centro C, respetiva delegação, desde cedo. Considera que o momento da sua vida que determinou isso foi o dia em que a sua mãe faleceu e os problemas em casa começaram a aparecer. Corroborando as citações que contém o Quadro 25, tem uma vida muito ocupada entre jogos, peças de teatro, música e realização de pequenas lembranças feitas à mão para oferecer aos seus irmãos, quando os visita. Considera-se uma campeã, pelas provas que já ganhou e vezes em que chegou ao pódio; reconhece que não tem determinados conhecimentos ou não saber fazer algo e, por isso, não tem receio de pedir ajuda quando sente que é necessário.



*Quadro 25 - Percepção da Lara de Desenvolvimento Pessoal*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENT O E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Lara</b>	Desenvolvimento Pessoal (Percepção de...)	Percurso educativo/Trabalho/ Ocupação	<p>“Quando vim para a instituição, tinha em 19 anos.” (GDF)</p> <p>“...agora acabei um trabalho para a minha irmã que... Não entreguei na Páscoa nem nos anos dela... Só que ainda falta acabar.” (GDF)</p> <p>“Uma peça de teatro e duas músicas!” (PV)</p> <p>“Fizemos aqui um jogo com a Dânia... [Tinha] Uma mensagem lá dentro... E a gente enchia e aquilo estava lá dentro, depois a gente tinha que rebentar um balão para tirar a folha...” (EM)</p>
		Momentos-chave na vida	“Eu estou aqui porque a minha mãe faleceu e houve problemas em casa, por isso tive de vir para aqui.” (GDF)
		Atividades de lazer	<p>“Quando a minha mãe foi viva andava sempre [a passear] ao fim-de-semana...” (GDF)</p> <p>“Ouço música e agora, no fim-de-semana tenho que ver se faço as coisas do dia da Páscoa para dar aos meus amigos...” (GDF)</p> <p>“Autorização das Doutoradas, falar com os meus irmãos para ver o melhor dia para visitá-los porque eles estão numa instituição, pensar no que comprar aos meus irmãos...” (PATH)</p>
		Autoimagem	<p>“Mas aqui na cidade M fui em que fiquei em 1º lugar...” (GDF)</p> <p>“Tenho sempre ficado em segundo lugar e pronto...” (GDF)</p> <p>“À segunda vez é que fiquei em 1º lugar das meninas (no remo!)” (GDF)</p> <p>“Quando a gente não sabe alguma coisa, a gente pede ajuda e elas [colaboradoras] vem ajudar!” (GDF)</p> <p>“Agora assim de repente... Não vejo nenhuma [imitação]” (GDF)</p>

Ao longo das sessões realizadas, a Leonor revelou-se tímida e comedida nas suas palavras, respondendo ao essencial. Porém, a sua personalidade não afetou a sua participação das atividades: sempre que solicitada, respondia às questões e foi a escolhida do grupo para representar graficamente várias atividades, como no cartaz sobre os Direitos e no *brainstorming* para escolher o nome do grupo.

Em relação à categoria da Autodeterminação, de acordo com o Quadro 26, a Leonor mostrou ser bastante independente e decidida - toma banho e veste-se sozinha; ajuda a mãe: põe a mesa e varre o chão; sabe cozinhar e, apesar do seu problema de coluna, vai à natação. Este problema afeta-a em determinadas atividades, como a equitação e a ginástica, em que por isso não participa.

Possui vários sonhos e preferências. Gosta de nadar, música, flores, rosas, comer, ir às compras com a mãe, leitão, bolo de côco, do Centro C e de andar a tirar fotografias pelas ruas. Apesar de ter afirmado que não desejava que acontecesse nada na sua vida atualmente, sonha em ser feliz com o namorado e conhecer o Mikael Carreira, envolvendo assistir ao concerto dele e oferecer-lhe uma carta.

*Quadro 26 - Sentido de autodeterminação da Leonor*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMEN TO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Leonor</b>	Sentido de autodeterminação (Perceção de...)	Independência (autonomia pessoal)	“Tomo banho sozinha!” (GDF) “Também (se veste sozinha)!” (GDF) “Às vezes [ajuda a mãe] ...” (GDF) “Ponho a mesa...” (GDF) “Salsichas com batatas fritas [comida que sabe fazer] ...” (GDF) “Ponho a mesa... Varro o chão...” (EM) “[É capaz de] Ir à natação...” (EM)
		Liberdade de escolha	“Eu é que escolho a roupa.” (GDF)

			<p>"Sim! (GDF)</p> <p>"Sim! [Toma as suas próprias decisões, como participar numa determinada atividade]" (GDF)</p>
		Limitação/Desafio	"Participo em todas [as atividades], menos na equitação e na ginástica." (GDF)
		Preferências Pessoais	<p>"É a piscina [atividade preferida], eu adoro nadar!" (GDF)</p> <p>"E gosto de música!" (GDF)</p> <p>"Gosto muito de flores!" (GDF)</p> <p>"É a rosa [flor preferida]!" (GDF)</p> <p>"Gosto deste comer, adoro! [Apontando para a imagem do prato de bacalhau]" (GDF)</p> <p>"Gosto de fazer compras com a minha mãe!" (GDF)</p> <p>"Esta comida também é boa! [Apontando para a imagem do leitão]" (GDF)</p> <p>"O meu é bolo de côco [bolo preferido]" (GDF)</p> <p>"A anterior [sessão que mais gostou realização do Ecomapa com base nas fotografias tiradas na 1ª sessão]." (PV)</p> <p>"Sim [gosta de andar no Centro C]!" (PATH)</p> <p>"Eu também [gostei de andar de câmara pelas ruas..." (PATH)</p>
		Sonhos/Desejos	<p>"Era ser feliz com o meu namorado!" (GDF)</p> <p>"Não gostava que acontecesse nada..." (GDF)</p> <p>"O meu sonho é conhecer o Mikael Carreira." (PATH)</p> <p>"Escrever uma carta [ao Mikael Carreira]..." (PATH)</p> <p>"Sim [assistir a um concerto dele]!" (PATH)</p>

A Lara tem percepção dos direitos que as pessoas devem possuir, contudo, não foi capaz de lhes atribuir significado, em relação à subcategoria do "Ser escutado" também não foi possível incluir nenhum indicador. Na minha opinião, deve-se à falta de esclarecimentos sobre o assunto.

*Quadro 27 - Percepção da Lara sobre os Direitos*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAM ENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Leonor</b>	Direitos (Percepção de...)	Direitos próprios	“Direito a ajudar as outras pessoas!” (GDF) “Direito a ter uma família e uma casa!” (GDF)
		Significado atribuído aos direitos próprios	S/Indicadores
		Ser escutado	S/Indicadores

De acordo com os dados no Quadro 28, a Leonor sente-se integrada e participa na comunidade através das atividades que o Centro C promove junto dos seus clientes; indica como oportunidades prazerosas, a ida do Ruizinho de Penacova (cantor) à instituição, bem como, o baile do Dia Internacional da Mulher e as festas de Carnaval no pavilhão dos escuteiros. Em contrapartida, afirma não manter qualquer tipo de ligação com a igreja, indicando no Ecomapa, ter uma ligação fraca.

*Quadro 28 - Percepção da Leonor sobre a Inclusão Social que experiencia*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAM ENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Leonor</b>	Inclusão Social (Percepção de...)	Sentido de pertença à comunidade	“Às vezes vou à igreja, mas não entro lá dentro.” (EM) “Tivemos aqui a presença do Ruizinho de Penacova! Até tirámos fotografias com ele!” (PATH)
		Participação na comunidade	“Fizemos um baile [no Dia Internacional da Mulher].... ” (GDF) “É os escuteiros, o pavilhão dos escuteiros! ... É onde a gente fazia as festas dos carnavais ... ” (EM)

A Leonor possui uma rede de apoios informais bastante reduzida, mas ao meu tempo, bastante coesa: a sua mãe, o seu padrasto, as irmãs, a avó, os colegas do Centro C e o seu cunhado. De acordo com o Quadro 29, a sua rede de apoios formais estende-se ao Centro C, instituição onde está inserida e que as colaboradoras, ressaltando a Soraia, a ajudam naquilo que é necessário; e aos escuteiros, grupo que mantém ligações com o Centro C, razão pela qual decidi incluí-lo no quadro dos apoios formais.

*Quadro 29 - Percepção da Leonor sobre as Relações Interpessoais em que está envolvida*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAM ENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>e o s</b>	Relações	Rede de apoios	“Com a minha mãe e o meu padrasto [com quem vive] ...” (GDF)

	Interpessoais (Percepção de...)	informais	<p>“Duas irmãs, mais novas.” (GDF)</p> <p>“Às vezes vou até à casa da minha avó...” (GDF)</p> <p>“Passei [a Páscoa] com a minha mãe e o meu padrasto...” (GDF)</p> <p>“Porque gosto muito dos meus colegas [do Centro C]!” (EM)</p> <p>“Sim [fora do Centro C tem amigos]!” (EM)</p> <p>“É mais forte [a ligação] com os meus colegas [do Centro C]!” (EM)</p> <p>“Porque gosto muito dos meus colegas!” (EM)</p> <p>“É a minha mãe! ... Se não fosse ela eu não existia no mundo!” (EM)</p> <p>“O meu cunhado [ajudar no transporte]...” (PATH)</p>
		Rede de apoios formais	<p>“Aqui é a instituição... É muito importante para mim! Se ela não existia, eu não estava aqui!” (EM)</p> <p>“É os escuteiros, o pavilhão dos escuteiros!” (EM)</p> <p>“A Soraia é auxiliar daqui da escola... Podem ajudar a escrever a carta [para o Mikael Carreira]!” (PATH)</p>

De acordo com os dados disponibilizados no Quadro 30, a Leonor tem percepção do seu estado de saúde próprio, referindo que tem um problema de coluna, que a limita em certas atividades proporcionadas pelo Centro C. Quanto à subcategoria “Acesso aos cuidados de saúde”, não revelou indicadores. Revela ainda, participar em atividades que promovem a sua mobilidade e saúde, como a piscina e as atividades de sala.

*Quadro 30 - Percepção da Leonor do Bem-Estar Físico*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAM ENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORI AS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Leonor</b>	Bem-Estar Físico (Percepção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	S/Indicadores
		Estado de saúde próprio	“Eu vim para aqui porque tenho uma deficiência na coluna.” (GDF)
		Participação em atividades que promovem a mobilidade/saúde	“Piscina e atividades de sala.” (GDF)

Como dito inicialmente, apesar de responder às questões, a Leonor mostrou-se vaga e comedida nas suas palavras. Em relação à categoria “Bem-Estar Emocional” afirmou estar satisfeita com a vida que levava e com a que leva atualmente, e declarou ainda, no final do *Focus Group*, que as portas do Centro C estavam sempre abertas para eu os ir visitar.

*Quadro 31 - Percepção da Leonor do Bem-Estar Emocional*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAM ENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Leonor</b>	Bem-Estar Emocional (Percepção de...)	Satisfação com a vida	“Sim! [Satisfeita com a vida que tinha antigamente e com a que tem neste momento]” (GDF)
		Emoções/Sentimentos perante as situações da vida	“As portas estão sempre abertas [para eu voltar]!” (PATH)

Consegui apurar dados, ainda que pouco esclarecedores, acerca do Bem-Estar Material da Leonor, quando esta afirmou ser necessário levar para o concerto do Mikael Carreira os seus documentos e dinheiro. Outra afirmação que me permitiu tirar conclusões sobre o seu Bem-Estar Material, foi a ementa do seu almoço de domingo de Páscoa, em que é costume cultural ter na mesa o melhor almoço possível, e o que a Leonor relatou apontou no sentido de a sua família apresentar dificuldades financeiras relevantes.

*Quadro 32 - Percepção da Leonor sobre o Bem-Estar Material*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAM ENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
---------------------	--	----------------------	--------------------------



<b>Leonor</b>	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situação Financeira	"Levar dinheiro e os documentos [ao concerto]..." (PATH)
		Condições de habitação	S/Indicadores
		Outras condições de Bem-Estar Material	"Foi...Churrasco [o comer da Páscoa]..." (GDF) "De carro [assistir ao concerto do Mikael Carreira]..." (PATH)

Como se pode ver nos dados constantes no Quadro 33, a Leonor afirma que o Centro C é muito importante na sua vida. Quanto às atividades de lazer, revela que ouve música nos seus CD's em casa.

Quanto aos passos a dar para que o seu sonho se concretize, estruturou-os com algum apoio, mas determinação: terá ainda de escrever uma carta para entregar ao Mikael Carreira, falar com o cunhado por causa do transporte e, por fim, enviar a carta pelo correio.

*Quadro 33 - Percepção da Leonor sobre o Desenvolvimento Pessoal*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAM ENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Leonor</b>	Desenvolvimento Pessoal (Percepção de...)	Percurso educativo/Trabalho/Ocu pação	"É muito importante para mim [Centro C]!" (EM)
		Momentos-chave na vida	S/Indicadores
		Atividades de lazer	"Vou lá aos CD's [em casa]!" (GDF) "Fazer a carta, falar com o meu cunhado e enviar a carta pelo correio [passos para realizar o sonho]..." (PATH) "Pensar o que escrever na carta [para o Mikael Carreira]..." (PATH)

		Autoimagem	S/Indicadores
--	--	------------	---------------

Ao longo das sessões, o Mário mostrou-se várias vezes inativo, o que a Dra. Tânia, psicóloga do Centro C, explicou declarando que a sua postura poderá ser consequência da mudança de medicamentos que ingere para as alterações de personalidade. Porém, sempre que o assunto que tratávamos se relacionava com atividades realizadas no Centro C, ou falava das questões ligadas à Associação da sua terra, a aldeia H, o Mário revelava-se bastante interventivo e empolgado. Também o Photo Voice lhe despertou bastante interesse.

O Mário deu a conhecer o seu lado associativista: pertence à direção da Associação da aldeia H, a sua terra, a fim de manter ativo o salão/pavilhão de festas. Vive sozinho com a mãe, residindo durante a semana no Lar Residencial do Centro C, indo aos fins-de-semana a casa, e ajudando no café da aldeia: limpa as mesas e tira os lixos. Adora música e distribui os panfletos de publicidade das bandas.

No âmbito da categoria da Autodeterminação, declarou ser independente naquilo que faz e decide. Gosta de piscina, do Cristiano Ronaldo, do Anselmo Ralph, do Mickey, do rancho da aldeia O, de ir beber café numa esplanada, de ginástica e de tirar fotografias. Em contrapartida, não gosta de arrancar erva (integra o grupo de jardinagem do Centro C).

Acredita que se encontra limitado por estar no Centro C, como podemos constatar no Quadro 34, uma vez que isso não permite que ajude mais frequentemente a banda com que trabalha aos fins-de-semana. O seu sonho é trabalhar regularmente na banda SENSE; por comparação com os restantes elementos do grupo, é o participante que considero estar a passos da realização daquilo que deseja. Atualmente, já distribui os panfletos da publicidade dos concertos e sempre que está disponível, vai com a banda, para depois desmontar os materiais. É só este o seu sonho!

*Quadro 34 - Sentido de autodeterminação do Mário*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENT O E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
---------------------	--	----------------------	--------------------------

<b>Mário</b>	Sentido de autodeterminação (Percepção de...)	Independência (autonomia pessoal)	<p>“Não! [não necessita de ajuda de outras pessoas para realizar tarefas básicas como tomar banho ou vestir-se]” (GDF)</p> <p>“[É capaz] De ir aos cavalos, equitação...” (EM)</p> <p>“É aqui [Centro C que tratam do dinheiro]!” (PATH)</p> <p>“Conheço [o dinheiro]...” (PATH)</p>
		Liberdade de escolha	<p>“Eu escolho a roupa sozinho...” (GDF)</p> <p>“Também!” (GDF)</p> <p>“Sim! [Toma as suas próprias decisões, como participar numa determinada atividade]” (GDF)</p>
		Limitação/Desafio	<p>“Eles eram para me ir buscar no sábado, mas eu não podia, era mordomo da festa da minha terra. Não podia!” (PATH)</p> <p>“Mais ou menos, dou erros [a escrever]!” (PATH)</p> <p>“Porque estou aqui [Centro C]! Se não tivesse aqui ajudava [na banda]...” (PATH)</p>
		Preferências Pessoais	<p>“A piscina (atividade preferida)” (GDF)</p> <p>“Gosto deste, porque é bom jogador [Cristiano Ronaldo]!” (GDF)</p> <p>“É o Anselmo Ralph. Gosto dos concertos dele...” (GDF)</p> <p>“Este [Mickey] é o meu desenho animado preferido!” (GDF)</p> <p>“Eu gostei [do Ecomapa]!” (EM)</p> <p>“[Gosta] Do rancho da aldeia O...” (EM)</p> <p>“Porque gosto de lá [esplanada] ir beber café!” (EM)</p> <p>“A anterior [sessão que mais gostou].” (PV)</p> <p>“Ir à piscina e à ginástica...” (PATH)</p> <p>“Arrancar erva [não gosta]...” (PATH)</p> <p>“Deste agora [PATH] e de tirar fotografias...” (PATH)</p> <p>“Porque gosto de tirar fotografias e por causa do sonho...” (PATH)</p>
		Sonhos/Desejos	<p>“O meu sonho é fazer publicidade dos conjuntos de música.” (GDF)</p> <p>“Quase em todas as festas entrego (publicidade).” (GDF)</p>

			<p>“Não sei... (O que se vê a fazer nos próximos anos, o que gostaria que acontecesse na sua vida nos próximos anos)” (GDF)</p> <p>“Descarregar os camiões das bandas e tirar os pratos das mesas...” (GDF)</p> <p>“Era isso que gostava [de ter uma família]...” (GDF)</p> <p>“Só um [sonho]!” (PATH)</p> <p>“É trabalhar numa banda!” (PATH)</p> <p>“Sim [trabalhar com regularidade]! Banda SENSE...” (PATH)</p> <p>“Eles precisam [ajuda regular]! É só os músicos que andam a trabalhar... Os músicos e mais alguns...” (PATH)</p>
--	--	--	---

De acordo com o Quadro 35, o Mário conhece os seus direitos próprios; porém, nas subcategorias “Significado atribuído aos direitos próprios” e “Ser escutado” não revelou nenhuma informação relevante e concisa.

*Quadro 35 - Percepção do Mário sobre os Direitos*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Mário</b>	Direitos (Percepção de...)	Direitos próprios	“Sim, eu tenho [conhecimento dos seus direitos]!” (GDF) “Partilhar!” (GDF) “Respeitar os outros!” (GDF) “[A fazer] Ciclismo...” (GDF) “[Direito a ter atividades como] E ginástica!” (GDF) “[Direito a ter atividades como] Educação Física...” (GDF)
		Significado atribuído aos direitos próprios	S/Indicadores
		Ser escutado	S/Indicadores

Na minha opinião e corroborando o Quadro 36, o Mário é o elemento do grupo que mais sentido de pertença à comunidade possui, por estar inserido em várias atividades que lhe proporcionam essa experiência. Esta afirmação consubstancia-se no facto de pertencer à Associação da aldeia O, onde mora, também ser um elemento constituinte da respetiva Direção, e ainda de, sempre que disponível, ajudar a banda SENSE.

A sua participação na comunidade revela-se também pelo facto referido acima: a sua inclusão na Associação e na banda faz com que seja um elemento ativo na comunidade. Também o Centro C lhe confere essa vivência pelas atividades internas ou externas, que lhe proporciona.

*Quadro 36 - Percepção do Mário sobre a Inclusão Social que experiencia*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Mário</b>	Inclusão Social (Percepção de...)	Sentido de pertença à comunidade	“Reunião da Direção da minha terra para não fecharem o salão. Este domingo também vou para lá!” (GDF) “Porque faço para da direção e vou ajudar!” (EM) “E vou jantar com eles [com a banda]!” (PATH) “Eu ando sempre com eles [banda SENSE]” (PATH)
		Participação na comunidade	“Fui montar a barraca... Para vender no dia 19, no dia dos Zés... [Para ajudar] A Associação lá da minha terra...” (GDF) “Fomos à Feira de Março!” (EM) “Aqui é onde eu ajudo lá na minha terra... É o salão de festas.” (EM)

A rede de apoios informais do Mário é muito limitada, como nos revelam os dados no Quadro 37. Apesar de apontar para uma contradição com os conteúdos do Quadro 36, os elementos que pertencem à sua rede de apoios informais, são: a mãe, a namorada, os amigos que tem na vila N e a sua amiga Júlia. O mesmo acontece com os elementos de apoios formais: a Junta de Freguesia da aldeia O, o enfermeiro, os idosos do Centro de Dia da mesma aldeia, a senhora da mercearia e a Dra. Tânia. Na minha opinião, só referiu os elementos essenciais para este trabalho, uma vez que pudemos constatar que, na sua rede de apoios informais, referiu vínculos bastante fortes com o Centro C, tendo em conta a população, os serviços e as entidades da aldeia O; esses elementos ajudam o Centro C, e por isso também considera que o apoiam.

*Quadro 37 - Percepção do Mário sobre as Relações Interpessoais em que está envolvido*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Mário</b>	Relações Interpessoais (Percepção de...)	Rede de apoios informais	“Com a minha mãe [com quem vive]...” (GDF) “Já tenho [uma namorada]!” (GDF) “... mas não tenho família.” (GDF) “Tenho lá amigos e vou para lá para a festa [vila N]...” (EM) “... fui ao funeral de um colega meu!” (EM) “Ai falta a Júlia! É minha amiga!” (EM) “A minha mãe já sabe [do sonho]...” (PATH)
		Rede de apoios formais	“A junta... Porque ajuda a gente também aqui...” (EM) “O enfermeiro anda cá no rancho também...” (EM) “Porque eles [idosos] ajudam... ajudam não, vamos lá [ao Centro de Dia visitá-los]!” (EM) “A senhora da mercearia.” (EM) “Dra. Tânia! ... Porque ela é psicóloga e ajuda!” (PATH)

Na categoria do “Bem-Estar Físico”, de acordo com o Quadro 38, o Mário apenas revelou indicadores relevantes para a subcategoria “Participação em atividades que promovem a mobilidade”: piscina, cavalos, ginástica e atividades de sala. Não foram gerados indicadores que permitissem ilustrar as restantes subcategorias.

*Quadro 38 - Percepção do Mário do Bem-Estar Físico*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Mário</b>	Bem-Estar Físico (Percepção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	S/Indicadores
		Estado de saúde próprio	S/Indicadores
		Participação em atividades que promovem a mobilidade	<p>“Na piscina, nos cavalos, na ginástica ...” (GDF)</p> <p>“Porque tenho provas de natação.” (GDF)</p> <p>“Onde [pavilhão] vamos fazer ginástica às sextas-feiras...” (EM)</p> <p>“Atividades de sala, só... E piscina, mais nada!” (PATH)</p>

No que refere aos dados do Quadro 39, o Mário mostra-se satisfeito com a vida que tinha e com a que tem atualmente. Afirmou até, sentir-se bem com o futuro que estava a idealizar na atividade do PATH; porém, ao longo da atividade e depois de perceber que o seu sonho ainda está longe de ser real, ficou triste por não ter a oportunidade de trabalhar regularmente com a banda.

Nega ficar nervoso antes do início das provas de natação. (apesar de os colegas o terem questionado em relação a isso, sugerindo que fica nervoso nessas circunstâncias).



*Quadro 39 - Percepção do Mário do Bem-Estar Emocional*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Mário</b>	Bem-Estar Emocional (Percepção de...)	Satisfação com a vida	“Sim! [Satisfeito com a vida que tinha antigamente e com a que tem neste momento]” (GDF) “Senti-me bem [no futuro] !” (PATH) “Estou aqui [Centro C] não posso fazer nada [trabalhar com a banda]...” (PATH) “Triste [por não poder trabalhar com a banda]...” (PATH)
		Emoções/Sentimentos perante as situações da vida	“Não! [Nega ficar nervoso antes das provas de natação]” (GDF)

Os dados no Quadro 40 permitem afirmar que, no que diz respeito ao “Bem-Estar Material”, o Mário possui percepção da subcategoria “Condições de habitação”. Tem casa, porém, as restantes subcategorias não lhe mereceram observações/contributos, sugerindo a sua atitude, alguma falta de à-vontade para falar nesses assuntos.

*Quadro 40 - Percepção do Mário sobre o Bem-Estar Material*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
---------------------	---	----------------------	--------------------------

<b>Mário</b>	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situação Financeira	S/Indicadores
		Condições de habitação	“Tenho casa...” (GDF) “... e sexta-feira vou para casa!” (PATH)
		Outras condições de Bem-Estar Material	S/Indicadores

O Mário ingressou cedo na instituição-sede (instituição A) e só mais tarde se mudou para a sua delegação na aldeia O, o Centro C. O motivo pelo qual foi para a instituição, afirma, foi ter sido saído do trabalho. Aos fins-de-semana, quando vai a casa, trabalha, ajuda uma banda, sempre que eles atuam por perto, a distribuir publicidade e montar e desmontar as colunas e as luzes; também num café da sua aldeia.

Os seus momentos de lazer, como revelam os dados do Quadro 41, são apenas quando viaja de carro com a banda, conhece outras terras e vê as paisagens. Em relação á subcategoria da “Autoimagem” não deu contributos.

*Quadro 41 - Percepção do Mário sobre o Desenvolvimento Pessoal*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Mário</b>	Desenvolvimento Pessoal (Percepção de...)	Percurso educativo/Trabalho/Ocupação	“Com 18 anos. [Idade com que ingressou na instituição A]” (GDF) “Pintar, pintar [atividades do Centro C] ...” (GDF) “Dão fichas para a gente fazer, trabalhos [as colaboradoras]...” (GDF) “Ajudo no café [quando vai a casa] ...” (GDF) “Trabalho [ao fim-de-semana]!” (GDF) “Trabalho, ando a ajudar [numa banda]!” (PATH) “Às vezes ajudo e outras vezes ando a espalhar a publicidade dos conjuntos.” (PATH) “Eu distribuo publicidade dos conjuntos e ando a trabalhar com uma banda...” (PATH)

			<p>“Se eles tiverem perto vou ajudar, quando eles tiverem longe não...” (PATH)</p> <p>“[Ajudar] A montar as coisas... E vou jantar com eles!” (PATH)</p> <p>“A montar as coisas [o que faz]...” (PATH)</p> <p>“[Desmontar] As colunas, as luzes...” (PATH)</p> <p>“... cliente do CAO do Centro C, vivo no Lar Residencial...” (PATH)</p> <p>“Ouvir as músicas... Desmontar as colunas e as luzes...” (PATH)</p> <p>“Trabalhar [com a banda]...” (PATH)</p> <p>“Até às 06h00 da manhã, quando acaba o baile. Começa às 23h30 e acaba às 06h00 da manhã... E depois às 06h00 da manhã ainda temos de desmontar aquilo!” (PATH)</p>
		Momentos-chave na vida	“Saí do trabalho. Estava a trabalhar numa fábrica, saí logo e vim para aqui.” (GDF)
		Atividades de lazer	“Conhecer as terras [quando vai com a banda]...” (PATH)
		Autoimagem	S/Indicadores

O Roberto foi um participante muito envolvido ao longo das sessões, inteligente e perspicaz, foi muito ativo. Vive e respira música! Empolga-se com tudo o que esteja ligado à música. Por isso, a sua participação em coros e até no teatro.

Considera-se uma pessoa independente; no entanto, é a sua mãe que escolhe a roupa que veste. Em relação às atividades em que participa no Centro C, é ele que decide. Tem muitas preferências, entre elas as atividades de música e teatro, carros, o programa “Encantador de Cães”, desporto, desenhar, tocar e fotografar.

Nos próximos anos quer conhecer novas coisa e novos sítios, para além do desejo de ser o melhor artista do país. Em consequência, sonha conhecer o seu ídolo, o Tony Carreira, e cantar com ele num concerto. Além do seu gosto pela música, também nutre uma paixão pela mecânica, não colocando de lado a ideia de um dia poder estudar na área.

*Quadro 42 - Sentido de autodeterminação do Roberto*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORI AS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
Roberto	Sentido de autodeterminação (Perceção de...)	Independência (autonomia pessoal)	“Sou independente!” (GDF) “[É capaz de] Fazer música, cantar...” (EM)
		Liberdade de escolha	“A minha mãe é que escolhe a roupa.” (GDF) “Sim! [Toma as suas próprias decisões, como participar numa determinada atividade]” (GDF)
		Limitação/Desafio	S/Indicadores
		Preferências Pessoais	“As minhas [atividades] preferidas são a música e o teatro.” (GDF) “Sim [gosta de carros]!” (GDF)

			<p>“E os cães lembram-me o “Encantador de Cães” que, recentemente passou na televisão [programa que gostava de ver]” (GDF)</p> <p>“Aqui o campo de futebol, porque eu gosto de desporto...” (EM)</p> <p>“O parque da Via Romana porque gosto de diversão e brincadeira.” (EM)</p> <p>“...é uma das coisas que eu gosto de fazer, que é tocar!” (EM)</p> <p>“... é mais com o desenho [da parede do antigo Lar de Idosos]. Porque gosto de desenhar...” (EM)</p> <p>“Gostei de todas as sessões até agora...” (PV)</p> <p>“Eu gosto de carros...” (PATH)</p> <p>“Gostei de andar de câmara pelas ruas...” (PATH)</p>
		Sonhos/Desejos	<p>“O meu maior sonho era ser o melhor artista do país!” (GDF)</p> <p>“Não sei ... Conhecer novas coisas [nos próximos anos].” (GDF)</p> <p>“Conhecer novos sítios [nos próximos anos] ...” (GDF)</p> <p>“...de eu um dia fazer uma coisa diferente, ir para uma mecânica.” (GDF)</p> <p>“Conhecer o meu ídolo, o Tony Carreira.” (PATH)</p> <p>“Cantei com ele no concerto [com o Tony Carreira]...” (PATH)</p> <p>“[Fazer]Uma carta! Gravar um CD com ele [Tony Carreira]...” (PATH)</p>

De acordo com o Quadro 43, o Roberto tem percepção dos seus direitos e também tem noção do significado que lhes é atribuído. Aliás, ele próprio explicou o porquê da importância dos direitos que mencionou. Na subcategoria “Ser escutado”, não produziu indicadores.

*Quadro 43 - Percepção do Roberto sobre os Direitos*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Roberto</b>	Direitos (Percepção de...)	Direitos próprios	“Falámos sobre os nossos Direitos e Deveres...” (GDF) “Direito à paz!” (GDF) “Eu tinham tantos direitos quando era bebé, tinha direito a roupa, a chupeta, a biberon...” (GDF) “Direito a ter transporte!” (GDF) “Direito a levantar cedo! Oh, isso é uma dever!” (GDF) “Direito a ter uma alimentação saudável!” (GDF) “Direito a ser ajudado ou a ter ajuda...” (GDF) “[Direito a] Ter um emprego!” (GDF)
		Significado atribuído aos direitos próprios	“Até antes de nascer já tenho [direitos]!” (GDF) [Direito a utilizar os transportes, é importante porque] Permite ir a sítios mais longe!” (GDF) “[Direito a ter uma alimentação saudável, é importante] Porque, porque... Devemos ter uma alimentação saudável e equilibrada...” (GDF)
		Ser escutado	S/Indicadores

De acordo com os dados no Quadro 44, o Roberto tem percepção do sentido de pertença à comunidade, não só através das atividades que o Centro C lhe proporciona junto da população, mas também pela sua ligação com o teatro, a música e, antigamente, com a igreja. Hoje em dia, revela que mantém um vínculo com a igreja, segundo informações geradas através do Ecomapa. A sua participação na comunidade iniciou-se desde cedo, com o seu ingresso no Coro de Santo Amaro de R.

*Quadro 44 - Percepção do Roberto sobre a Inclusão Social que experiencia*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Roberto</b>	Inclusão Social (Percepção de...)	Sentido de pertença à comunidade	<p>“Oferecemos flores às funcionárias daqui [no Dia Internacional da Mulher] ... “ (GDF)</p> <p>“Fomos à cidade M comemorar o Dia do Autismo.” (EM)</p> <p>“Andámos a oferecer pulseiras e colares da cor que as pessoas queriam...” (EM)</p> <p>“A igreja, eu agora não... não... não vou muito à igreja.” (EM)</p> <p>“Antigamente sim! ... Porque eu era acólito!” (EM)</p> <p>“O cine-teatro... é... ah... costumo fazer peças de teatro com a escola! Já fiz peças sem ser da escola...” (EM)</p> <p>“Foi com outro grupo de teatro... Era de... de... da cidade J se bem me lembro.” (EM)</p> <p>“O Grupo Regional da P...” (EM)</p> <p>“Sim [sente-se incluído na sociedade]!” (PV)</p>
		Participação na comunidade	<p>“... foi mais ou menos com esta idade [em que andava no ATL] que entrei para o Coro de Santo Amaro de R” (GDF)</p>

De acordo com o Quadro 45, o Roberto possui uma rede de apoios informais bastante reduzida, uma vez que tem uma família enorme, mas que está muito afastada territorialmente e, por isso, se veem poucas vezes; afirma ainda que os seus amigos da sua vila pouco o contactam. Neste caso, pode contar com a sua mãe e os seus irmãos. Em relação à rede de apoios formais, está muito ligado ao Centro C, sendo a Soraia e a Dra. Tânia as pessoas que o apoiam e, neste caso, o poderão ajudar no seu sonho.

*Quadro 45 - Percepção do Roberto sobre as Relações Interpessoais em que está envolvido*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENT O E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Roberto</b>	Relações Interpessoais (Percepção de...)	Rede de apoios informais	<p>“Não, porque eles não me... não me contactam muito [os amigos fora do Centro C]” (GDF)</p> <p>“Vivo com a minha mãe.” (GDF)</p> <p>“Sim, três. Um rapaz e duas raparigas [irmãos].” (GDF)</p> <p>“Sim, onde estão os meus tios e os meus primos [Sevilha].” (GDF)</p> <p>“E esta imagem [imagem de uma numerosa família] ... representa o tamanho da minha família.” (GDF)</p> <p>“Nós vemo-nos muito raramente [a família toda] ...” (GDF)</p> <p>“Por acaso é a minha irmã [responsável], mas cá na escola é ela [Dra. Tânia]!” (PATH)</p>
		Rede de apoios formais	<p>“Para ajudar a fazer a tal carta [a Soraia]...” (PATH)</p> <p>“A Dra. Tânia [dá aulas de canto]!” (PATH)</p>

Segundo os dados constantes do Quadro 46, o Roberto tem percepção do estado de saúde próprio, incluindo o problema físico que apresenta na perna. Porém, a sua necessidade especial não o impede nem o impossibilita de participar em todas as atividades organizadas pelo Centro C que promovem a mobilidade e a saúde; na verdade, o Roberto faz das suas fraquezas, as suas maiores habilidades.



*Quadro 46 - Percepção do Roberto do Bem-Estar Físico*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Roberto</b>	Bem-Estar Físico (Percepção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	S/Indicadores
		Estado de saúde próprio	“O meu problema é um problema físico...” (GDF)
		Participação em atividades que promovem a mobilidade	“... participo em todas [as atividades]!” (GDF)

O Roberto diz estar satisfeito com a sua vida, a antiga e a atual. Quando se encontra no futuro que deseja criar, a felicidade invade-o. Atualmente, e mesmo sem o sonho ainda concretizado, afirma sentir-se contente. É evidente que é uma pessoa bastante positiva e feliz, mesmo em situações mais difíceis. Não houve indicadores gerados relevantes para a subcategoria “Emoções/Sentimentos perante as situações da vida”.

*Quadro 47 - Percepção do Roberto do Bem-Estar Emocional*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENT O E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIA S</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Roberto</b>	Bem-Estar Emocional (Percepção de...)	Satisfação com a vida	“Sim! [Satisfeito com a vida que tinha antigamente e com a que tem neste momento]” (GDF) “Felicidade [quando está no futuro que deseja criar]...” (PATH) “Contente [na atualidade]!” (PATH)
		Emoções/Sentimento s perante as situações da vida	S/Indicadores

No Quadro 48, na categoria “Bem-Estar Material” o Roberto evidencia ter apenas percepção das suas condições de habitação, apesar de estas representarem as da sua casa em Espanha. Quanto às restantes subcategorias, não foram preenchidas por não existirem indicadores. É perceptível que existe uma carência de outras condições de Bem-Estar Material.

*Quadro 48 - Percepção do Roberto sobre o Bem-Estar Material*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
<b>Roberto</b>	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situação Financeira	S/Indicadores
		Condições de habitação	“Esta casa representa a casa que eu tenho em Espanha.” (GDF)
		Outras condições de Bem-Estar Material	S/Indicadores

O Roberto ingressou ainda jovem no Centro C; ele afirma ter sido a sua doença na perna, o fator que determinou esse trajeto, quando está em casa, nos tempos livres, passeia-se pela sua vila, ouve e toca música, joga *Playstation*, faz peças de teatro e tem os ensaios do Grupo Regional da P. No Centro C também tem atividades de lazer, como a ida à Feira de Março. Ainda, de acordo com o seu sonho, terá de falar com “as Doutoradas”, fazer a carta e ainda encontrar alguém especializado para que possa ter aulas de canto. Na subcategoria da “Autoimagem” não revelou dados que pudessem ser analisados.

*Quadro 49 - Percepção do Roberto sobre o Desenvolvimento Pessoal*

<b>PARTICIPANTE</b>	<b>CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES/FONTE</b>
---------------------	---	----------------------	--------------------------

Roberto	Desenvolvimento Pessoal (Percepção de...)	Percurso educativo/Trabalho/Ocupação	<p>"Vim para aqui com 18 anos. [Idade com que ingressou no Centro C]" (GDF)</p> <p>"Temos andado a ensaiar aquela peça com a Dânia..." (GDF)</p> <p>"E este menino [da fotografia] lembra-me o ATL." (GDF)</p>
		Momentos-chave na vida	"Eu estou aqui porque tenho uma doença na perna." (GDF)
		Atividades de lazer	<p>"Tenho estado em casa, tenho andado a passear..." (GDF)</p> <p>"Esta imagem (David Carreira), para mim, representa música, que é o que eu costumo fazer nos meus tempos livres." (GDF)</p> <p>"Ouço música, toco, jogo na Playstation..." (GDF)</p> <p>"Nós [na Feira de Março] a andar de carroceis e a chuva a bater-nos na cara!" (EM)</p> <p>"O cine-teatro... é... ah... costumo fazer peças de teatro com a escola! Já fiz peças sem ser da escola..." (em)</p> <p>"Sim [atuações e ensaios com o Grupo Regional da P]!"</p> <p>"Fazer a carta, falar com as doutoras, transporte [passos para realizar o sonho]..." (PATH)</p> <p>"Pensar o que escrever na carta, encontrar alguém especializado para dar aulas de canto gratuitas [em relação ao sonho]..." (PATH)</p>
		Autoimagem	S/Indicadores

Chegada a este momento da análise dos dados, refletindo sobre os mesmos, uma ideia emerge com clareza: o Centro C desempenha na vida dos elementos do grupo, um papel central; atrevo-me mesmo a dizer, que é o sistema mais proeminente nas suas vidas, com destaque para o papel desempenhado pelos profissionais, inclusive ao nível das dimensões mais privadas. A título de exemplo, o caso do Mário, que, apesar de pertencer à Direção de uma associação na sua comunidade, de trabalhar regularmente (todos os fins de semana) no café da mesma, de colaborar no apoio técnico e publicidade de uma banda musical (também com frequência e regularidade), e de muitas vezes ter referido isso ao longo deste percurso como coisas boas da sua vida, quando chegou o momento de indicar os apoios formais e informais de que dispõe, indicou apenas as técnicas do Centro C, a sua mãe, a namorada e alguns amigos (que vê raramente). Interrogo-me sobre o porquê desta atitude.

Na verdade, as condições precárias em que vive a maioria das pessoas com necessidades especiais em Portugal terá levado as organizações a centralizar os seus esforços no sentido da melhoria da sua QV (Martins et al. 2012). Atualmente, os cuidadores e serviços que prestam apoios às pessoas com DID buscam uma maior longevidade, oferecendo aos sujeitos condições de bem-estar que outrora não existiam, por falta de condições materiais. Hoje em dia, como pude verificar no estudo, ainda que de forma pouco consistente no panorama nacional, são oferecidos às pessoas com NE espaços de reflexão pessoal, de lazer, de atividades que promovem a sua mobilidade e um estilo de vida saudável, a escolha do seu caminho e a promoção do seu sonho. As organizações são vistas, de acordo com Martins et al. (2012), como uma extensão do Estado Providência, investindo os seus esforços na eliminação das barreiras físicas, na manutenção dos benefícios sociais e na criação de oportunidades de lazer e de realização pessoal.

Diniz et al. (2009), defendem que a desvantagem social a que as pessoas com DID estão submetidas, resulta num movimento sentenciado pela cultura da normalidade, que traça os impedimentos corporais e mentais como impossibilidade de experienciar a vida em sociedade. Porém, como é visível no estudo, as pessoas com NE, em conjunto com as organizações de apoio, vivenciam situações de integração e participação na sociedade que estas lhes proporcionam; de outra forma, as suas experiências sociais seriam reduzidas. A maioria dos clientes do Centro C, como afirmado pelos próprios neste projeto, só experienciam inclusão na comunidade através da participação em várias atividades criadas pela organização, e são esses momentos que os fazem sentir que pertencem a essa comunidade, e que estão próximos dos outros cidadãos. Alguns participantes confessam que, quando estão em casa, não têm contacto com a comunidade envolvente; o caso do Alberto é para isto um bom exemplo.

A comunidade limítrofe das instituições, segundo Silva (2002, citado por Bastos & Deslandes, 2008), através da partilha de vivências e eventos sociais, é sensibilizada para aceitar as diferenças e valorizar cada ser humano, postulando uma aprendizagem comum das diversidades.

De acordo com Faerstein e Lopes (2003, citados por Resende & Gouveia, 2011), os apoios sociais que se apresentam na forma de relações formais e informais, oferecem aos sujeitos ajuda emocional e material para enfrentar as situações da vida. O apoio social revela-se como uma experiência pessoal geradora de maior satisfação.

No caso dos participantes do projeto, existem bastantes apoios formais e informais que eles referenciam como importantes fontes de suporte, fazendo com que se sintam protegidos, vivos e autónomos, tendo portanto um grande impacto na sua vida. De salientar que apontam pouquíssimas fontes de stresse ou elementos com quem experienciem relações conflituosas, sugerindo uma existência mais ou menos protegida. Contudo, parece também estar presente um sentimento de não estarem a experienciar uma vida plena, de parecerem aguardar que as coisas realmente comecem a acontecer nas suas vidas... Parecem sentir-se num estado “de passagem”, transitório, para aquilo que realmente serão (ou seriam...) as suas vidas.

As pessoas com DID presentes no estudo são independentes, contradizendo desta forma, a ideia defendida por Gignac e Cott (1998, citados por Resende & Gouveia, 2011) que afirmam que a deficiência é um acontecimento multidimensional e, neste contexto, devem ser reconhecidas as dificuldades físicas que estas pessoas apresentam nos seguintes domínios: cuidados pessoais, que incluem tarefas básicas do dia-a-dia, como comer, vestir-se e tomar banho; tarefas domésticas, como limpar a casa e ir às compras; levantar-se sem ajudas e descer e subir as escadas; participação reduzida na comunidade e nas atividades de lazer, devido à sua pouca mobilidade. Pensamos, contudo, que estas asserções ou advertências se aplicam a pessoas com DID a viver de modo independente, sem a proteção e supervisão que lhes confere o contexto institucional que, no caso presente, é uma realidade.

Os participantes do Projeto, sendo pessoas com NE, demonstram muitas capacidades e habilidades, corroborando Lawton (1991, citado por Resende & Gouveia, 2011) e infirmando Gignac e Coot (1998, citados por Resende & Gouveia, 2011). Os autores apontam, para além da necessidade de as pessoas com DID desenvolverem competências de vida diária (incluindo o autocuidado e as rotinas diárias), a urgência de proporcionar-lhes oportunidades de realizarem atividades de lazer à sua escolha, promovendo o contacto com o mundo exterior e também com o seu *self*. Desta forma, as atividades que fomentam a sua participação na comunidade e a sua inclusão, percepcionam-se de máxima importância, não só para aumentar o seu sentido de pertença à comunidade, como também para promover a construção de uma autoimagem positiva.

De acordo com Glat (s.d), os indivíduos que estão integrados socialmente, ou seja, que levam uma vida “normalizada” na comunidade, são também os mais aceites, isto é, vistos como “normais” pelas suas famílias.

A concretização do sonho da pessoa com DID, atualmente e como se verificou nas asserções dos participantes do Projeto, começa a revelar-se um agente essencial na promoção da sua QV. Um bom exemplo de aplicação prática desta abordagem inovadora é a ASSOL, já referida neste trabalho. Em algumas organizações, esta ideia ainda se encontra em fase embrionária.

Segundo Pearpoint et al. (2009), é fulcral que pessoas em situações de vida complexa, caracterizada por circunstâncias que frequentemente resultam em marginalização, possam focalizar os seus desejos e energias na criação de um projeto repleto de esperança, assentando na ideia de que, citando os autores, o respetivo futuro “está cheio de coisas pelas quais vale a pena trabalhar” (p.47).

Infelizmente, existe uma estreita ligação entre a pobreza e a deficiência (Palacios & Bariffi, 2007). O bem-estar material das pessoas com NE é assegurado essencialmente pelas instituições cuidadoras com a ajuda do Estado. Como verificado neste projeto, a maioria dos participantes tem a experiência de bem-estar material apenas no Centro C. Salvo raras exceções, como o Alberto, não possuem uma casa própria ou uma mesa cheia de sabores e tradições em dias de festa.

No campo dos direitos, os participantes do estudo identificaram como sendo importantes para a sua vida, direitos como: utilizar os transportes, ter uma “sala de trabalhos”, respeitar as pessoas, ter atividades, namorar, educação, ter ajuda, conhecer/visitar outras instituições, ter uma alimentação saudável, ter uma família, ter um emprego e ter uma casa. Como se pode verificar, nenhum dos direitos citados pelos participantes do estudo salienta a necessidade de participar civicamente na sociedade, ter uma voz ativa e lutar pela melhoria das suas condições de vida e dos acessos aos serviços públicos. Martins et al. (2012), afirmando o desconhecimento e a fragilidade da participação das pessoas com DID na senda política, atribuem essa condição ao escasso entendimento existente entre o Estado e as organizações cuidadoras, faltando oportunidades de analisar e debater esta dimensão da vida das pessoas com DID.

A Autodeterminação das pessoas com DID também é afetada. Apesar de, como nos revela o estudo, estarmos a caminhar para um novo paradigma, ainda há muito por que lutar. As organizações começam gradualmente a dar importância e a preocupar-se com estes assuntos, possibilitando e dando oportunidade às pessoas com NE de realizarem as suas próprias escolhas, embora em coisas simples, como as atividades em que querem ou não participar. É um começo. Aliás, a própria CDPD confere às pessoas com DID o poder de gerir os seus próprios assuntos (Dhanda, 2008). O reconhecimento, pela CDPD, da autonomia com apoios às pessoas com NE, conferiu uma maior visibilidade a este grupo, dando-lhes voz e fazendo delas parte integrante da sociedade (Dhanda, 2008).





## Considerações finais e implicações

A motivação central para este Projeto, foi que, no fundo, queria fazer a diferença na vida de alguém. Identifico-me com a afirmação de Cristas (2016): *"Não conseguimos mudar o mundo sozinhos, mas talvez consigamos mudar a nossa rua. E isso já é um começo"*.

Apesar de, no início desta caminhada, ter em mente apenas algumas reduzidas ideias pertinentes para a realização do Projeto, tinha em mente a premissa básica e essencial de que, ao colocá-lo em prática, teria de promover nos sujeitos envolvidos, conhecimento acerca de temas que lhes dissessem respeito, e que fossem relevantes para a sua Qualidade de Vida. Acreditamos que foi o que, afinal, aconteceu: estamos convictas de que, os temas que abordámos, os passos que demos, a partilha em que todos nos envolvemos, fizeram diferença nas nossas vidas, uma diferença positiva, que terá concorrido para o nosso autoconhecimento, autodeterminação e emancipação.

Todas as tomadas de decisão inerentes ao desenvolvimento deste projeto tiveram um princípio subjacente: que a participação nele trouxesse ao Alberto, à Lara, ao Mário, ao Roberto, à Leonor e à Cristina, oportunidades positivas e reais de transformarem algo nas suas vidas, de se aproximarem dos seus desejos e sonhos, das Pessoas que desejam Ser.

Creio ter concretizado essa premissa; na verdade, o 'simples' ato de tornar consciente um sonho, de o trazer ao plano da expressão partilhada – e, neste caso, houve oportunidades de expressão pela linguagem oral e escrita, pela fotografia e pelo desenho (embora codificado, no caso do Ecomapa e do PATH) - confere-lhe força e urgência de concretização; favorece o vislumbrar de caminhos para o alcançar; torna-o legítimo e aceite pelo próprio sujeito, através da aceitação que recebe dos Outros com quem o partilha.

A exequibilidade dos sonhos dos participantes foi sempre tomada em consideração; o objetivo era direccionar os elementos do grupo para a procura de tarefas que os orientava na direção do sonho e de pessoas à sua volta que os pudessem ajudar a caminhar rumo à Estrela Polar; exemplo disso foi o sonho do Roberto, que ao refletir sobre as pessoas que o poderiam apoiar e os pequenos passos que todos os dias daria para chegar à concretização do sonho, decidiu encontrar alguém especializado em canto junto da comunidade que o rodeava para o ajudar nessa tarefa: a Dra. Tânia, do Centro C.

Acredito que os nossos companheiros neste projeto-percurso estão agora mais emancipados, porque mais próximos de si mesmos. E estou grata do fundo do coração, por me terem permitido aproximar e tomar parte nesta 'viagem' ao mundo de nós mesmos e das nossas 'comunidades'...

Em conclusão, gostaria de deixar a última frase dirigida à investigadora pela participante Leonor, e que permite visualizar o bem-estar emocional presente no conjunto formado pelo grupo e pela investigadora: "As portas estão sempre abertas para ti!".

E, a finalizar, a imortal, verdadeira e significativa frase de Mead (s.d.):

*"Não pense que um pequeno grupo não pode mudar o mundo."*

*Na verdade, essa tem sido sempre a única via  
para as mudanças que têm acontecido”.*

*Margaret Mead (s.d.)*

## Bibliografia

Agostinho, M. (2007). Ecomapa. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, vol. 23, p. 327-330.

Aranha, M. S. F. (1995). Integração social do deficiente: análise conceitual e metodológica. *Temas em Psicologia*, nº2, p. 63-70.

ASSOL. (2016). Identidade. Retrieved from [http://www.assol.pt/?page\\_id=333](http://www.assol.pt/?page_id=333)

ASSOL. (2016). Manual da Qualidade.

ASSOL. (2016). Metodologia. Retrieved from <http://www.assol.pt/>

Batista, S. M., & França, R. M. (2007). Família de pessoas com deficiência. Desafios e Superação. *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG*, vol. 3, nº10, p.117-121.

CERTIC (2016). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Retrieved from <http://www.acessibilidade.net/convencao.php>

Cristas, A. (2016). Ao radicalismo dos populismos responder com o radicalismo do amor. Retrieved from <https://www.publico.pt/2016/11/22/mundo/noticia/ao-radicalismo-dos-populismos-responder-com-o-radicalismo-do-amor-1751935>

Dhanda, A. (2008). Construindo um novo léxico dos Direitos Humanos: Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. *SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos*, vol.5, nº8, p.42-59.

Diniz, D., Barbosa, L., & Santos, W. R. (2009). Deficiência, Direitos Humanos e Justiça. *SUR*, v.6, nº11, p.65-77.

Ditcham, N., Werner S., Kosyluk K., Jones N., Elg B., & Corrigan P. W. (2013). Stigma and Intellectual Disability: Potential Application of Mental Illness Research. *Rehabilitation Psychology*, vol.58, nº2, p.206-216.

Falvey, M. A., Forest M., Pearpoint J., & Rosenberg R. L. (2011). *Toda a minha vida é um círculo*. Oliveira de Frades: Edição ASSOL.

Fontes, F. (2009). Pessoas com deficiência e políticas sociais em Portugal: Da caridade à cidadania social. *Revista Crítica de Ciência Sociais*, vol. 86, p.73-93.

Galego, C., & Gomes A. A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, nº 5, p. 173-184.

Gesser, M, Nuernberg, A., & Toneli, M. (2012). A contribuição do modelo social da deficiência à Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, vol. 24, nº3, p. 557-566.

Glat, R. (s.d). O papel da família na integração do portador de deficiência. *Revista Brasileira de Educação Especial*, p.111-118.

Guhur, M. L. P. (s.d). A Representação da Deficiência Mental Numa Perspectiva Histórica. *Revista Brasileira de Educação Especial*, p. 75-83.

Jodelet, D. (2001). Os processos psicossociais da exclusão. In B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Editora Vozes.

Loon, V. J., Hove G. V., Shalock R., & Claes C. (2008). A Scale to Assess an Individual's Quality of Life. Universiteit Gent.

Maciel, M. (2000). Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. *São Paulo em Perspectiva*, vol.14, nº2, p.51-56.

Marques, S. C. S. (2009). Imaginado Kolkata: O Turismo Internacional e as Representações de Terceiro Mundo em Photo Voice. *Antropologia, Arte e Imagem*, nºs 5 e 6. Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa.

Martins, B. S., Fontes, F., Hespanha, P., & Berg, A. (2012). A emancipação dos estudos da deficiência. *Revista Crítica de Ciência Sociais*, nº 98, p.45-64.

McGee J. J., & Brown M. (2007). *O Essencial da Pedagogia da Interdependência. Uma abordagem não-adversiva para ajudar pessoas com deficiência mental*. Oliveira de Frades: ASSOL.

Miranda, A. A. B. (2003). História, Deficiência e Educação Especial. p.1-7. Retrieved from <http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/INCLUS%C3%83O-DEFICENCIA-E-EDUCA%C3%87%C3%83O-ESPECIAL.pdf>

Morisse, F., Vandemaele, E., Claes C., & Claes L. (2013). Quality of Life in Persons with Intellectual Disabilities and Mental Health Problems: an Explorative Study. *The Scientific World Journal*, nº6, p.1-8.

Nobre, M. R. C. (1995). Qualidade de Vida. *Arq Bras Cardiol*, vol. 64, nº4, p.299-300.

Omote, S. (s.d). Deficiência e Não-Deficiência: Recortes do Mesmo Tecido. *Revista Brasileira de Educação Especial*, p.65-73.

OMS (2012). *World Health Statistics*. Retrieved from [http://www.who.int/gho/publications/world\\_health\\_statistics/EN\\_WHS2012\\_Full.pdf](http://www.who.int/gho/publications/world_health_statistics/EN_WHS2012_Full.pdf)

OMS (2004). Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Lisboa: Direção Geral de Saúde.

Palacios, A., & Bariffi, F. (2007). *La Discapacidad como una cuestión de derechos humanos. Una aproximación de la Convención Internacional sobre los Derechos de las Personas con Discapacidad*. Edição: Cinca.

Pearpoint, J., O'Brien J., & Forest M. (2009). *PATH – Um caminho para futuros alternativos e com esperança*. Oliveira de Frades: Edição ASSOL.

Pereira, J. R. T. (2009). Aplicação do questionário de qualidade de vida em pessoas com deficiência intelectual. *Psicologia em Pesquisa*, vol. 3, nº1, p. 58-74.

Pereira, M. (2014). *Apoios Centrados nas Pessoas*. Oliveira de Frades: ASSOL.

Pinto-Neto, A. M., & Conde, D. M. (2008). Qualidade de Vida. *Rev. Bras Ginecol Obstet*, vol. 30, nº11, p.535-536.

Portugal, G., & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar. Sistema de Acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.

Losada Puente, L., Pereira, A. P., Almeida, L. & Muñoz Cantero, J. M. (s.d.). *Questionário de avaliação da Qualidade de Vida dos adolescentes e jovens adultos*. Braga: Universidade do Minho.

Losada Puente, L., Pereira, A. P., Almeida, L. & Muñoz Cantero, J. M. (s.d.). *Escala de Avaliação da Autodeterminação*. Braga: Universidade do Minho.

Luckasson, R., Borthwick-Duffy S., Buntinx, W. H. E., Coulter D. L., Craig, E. M., Reeve, A., Schalock, R. L., Snell, M. E., Spitalnik, D. M., Spreat, S., & Tasse, M. J. (2002). *Mental retardation: Definition, classification, and systems of supports* (10th ed.). Washington DC: American Association on Mental Retardation.

Quintão, D. T. R (2005). Algumas reflexões sobre a pessoa portadora de deficiência e sua relação com o social. *Psicologia & Sociedade*, vol.17, nº1, p.75-80.

Resende, M. C., & Gouveia, V. V. (2011) Qualidade de Vida em Adultos com Deficiência Física. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 24, nº1, p. 99-106.

Rodrigues, D. (2006). Dez ideias (mal) feitas sobre Educação Inclusiva. In Rodrigues, D. (Org.) *Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva*. São Paulo: Summus Editorial. Retrieved from [http://redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com\\_docstation/21/fl\\_47.pdf](http://redeinclusao.web.ua.pt/docstation/com_docstation/21/fl_47.pdf)

Rossato, S. P. M., & Leonardo, N. S. T. (2011). A deficiência intelectual na concepção de educadores da educação especial: contribuições da psicologia histórico cultural. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 17, nº1, p. 71-86.

Ruiz, G. E., & Martínez, M. I. (2013). Comunicándonos a través de la fotografía. *Trabajo Social Hoy*, nº 70, p. 97-108.

Santos, B. S. (1999) *A construção multicultural da igualdade e da diferença*. Coimbra: Oficina do CES.

Santos, S., & Morato, P. (2012). Acertando o passo! Falar de deficiência mental é um erro: deve falar-se de dificuldade intelectual e desenvolvimental. (DID). Porquê? *Rev. Bras. Ed. Esp.*, vol. 18, nº1, p.3-16.

Sawaia, B. (1999). Exclusão ou Inclusão perversa? In B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Editora Vozes.

Shalock, R. L., Keith K. D., Verdugo M.A., & Gómez L. E. (2010). Quality of Life Model Development and Use in the Field of Intellectual Disability. In Ralph Kober (Org.), *Enhancing the Quality of Life of People with Intellectual Disabilities. From Theory to Practice*. Editora: Springer.

Shalock, R. L., Verdugo M. A., Jenaro C., Wang M., Wehmeyer M., Jiancheng X., & Lachapelle Y. (2005). Cross-Cultural Study of Quality of Life Indicators. *American Journal on Mental Retardation*, vol. 110, nº4, p. 298-311.

Silva, M, & Coelho, F. (2014). Da deficiência mental à dificuldade intelectual e desenvolvimental. *Revista Lusófona de Educação*, nº28, p.163-180.

Sousa, L. G. A. (2003). O ser-com o filho com deficiência mental – alguns desvelamentos. *Paidéia*, vol. 13, nº26, p. 209-219.

Skliar, C. (1999). A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. *Educação & Realidade*, vol.24, nº1, p.15-32.

Stake, R. E. (2012). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Editora: Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Stoer, S. R., Magalhães A. M., & Rodrigues, D. (2004). *Os Lugares da Exclusão Social. Um dispositivo de diferenciação pedagógica*. São Paulo: Cortez Editora.

Tavares, José (2011) *O poder mágico de conhecer e aprender*. Brasília: Liber Livro Editora.

Vala, J. (2002). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala & M. B. Monteiro (Ed.), *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vala, J., & Marinho C. (2003). Desigualdades Sociais e Percepções de Justiça. In Cabral, M. V.; Vala, J.; Freire A. (Org.), *Percepções de justiça social, confiança e avaliação do sistema político*. Edição: Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Verdugo, M. A., Shalock R. L., Keith K. D., & Stancliffe, R.J. (2005). Quality of life and its measurement: important principles and guidelines. *Journal of Intellectual Disability Research*, vol. 49, part 10, p. 707-717.

Yin R. K. (2015). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Editora: Bookman. Porto Alegre.





## **ANEXOS**

---



## Anexo 1

---

**Atividade:** Grupo de Discussão Focalizada (*Focus Group*)

**Data:** 21 de janeiro de 2016

**Tema:** Dar conhecimento ao grupo, do projeto de investigação.

**Objetivos gerais:**

1 – Dar a conhecer aos elementos do grupo, o projeto de investigação, do qual irão fazer parte;

2– Recolher dados de identificação e caracterização de cada membro do grupo que possam ser analisados e comparados ao longo do projeto, permitindo a monitorização do mesmo.

**Objetivos específicos e estratégias:**

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas ou tópicos	Observações
Legitimação da entrevista e motivação.	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.  Estabelecer o ‘tom emocional e relacional’ das sessões (iniciativa / proposta do entrevistador)  Assegurar o carácter confidencial das sessões.	1 – Apresentação da investigadora.  2 - Informando os entrevistados sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, o que se pretende e o que se propõe fazer durante as sessões.  3– Está disposto a partilhar comigo e com os membros deste grupo, o desenvolvimento deste projeto?	Tempo médio: 15 a 30 min.  Caso existam dúvidas por partes dos entrevistados, procurar responder de forma clara e precisa
Apresentação e caracterização de cada elemento do grupo.	Caracterizar cada um dos elementos do grupo.	5 - Como te chamas?  6 - Que idade tens?  7 - De onde vens?  8 - Que tipo de necessidade especial tens?	

		<p>9-Com que idade ingressaste na instituição?</p> <p>10-Participas nas atividades organizadas pela instituição? Em quais? Qual a tua preferida?</p>	
Autodeterminação dos participantes do grupo	Oferecer aos participantes uma oportunidade de refletirem sobre si próprios, ao nível da respetiva autonomia e autodeterminação	<p>11-Consideras ser uma pessoa independente - isto é, uma pessoa que não necessita de ajuda de outras pessoas para realizar tarefas básicas como tomar banho ou vestir-se?</p> <p>12-Fazes as tuas próprias escolhas, como decidir a roupa que veste todos os dias?</p> <p>13-Tomas as suas próprias decisões, como participar numa determinada atividade da instituição?</p>	
“Linha de base” dos participantes do projeto	Proporcionar que cada participante estabeleça o seu ponto de partida no projeto, a partir da partilha do sonho atual mais valorizado por cada um e da equação de metas nas respetivas vidas, ao nível do Ser e do Fazer.	<p>14 – Estás disposto/a a partilhar connosco pensamentos, emoções, sonhos,... neste projeto?</p> <p>15 – Gostaria muito que pudéssemos partilhar agora um dos nossos maiores sonhos, talvez aquele que for mais importante, neste momento das nossas vidas; o meu, neste momento da minha vida, é... e o seu,... e o seu,...?</p> <p>16-Estás satisfeito/a com a sua vida, até este momento e tal como ela é atualmente?</p> <p>17 - O que gostarias que acontecesse na sua vida nos próximos anos (ao nível do ser e ao nível do fazer)?</p>	



## Anexo 2

---

**Atividade:** Grupo de Discussão Focalizada (*Focus Group*)

**Data:** 25 de fevereiro de 2016

**Tema:** Trajetória de vida dos membros do grupo, sob a forma de conversa informal.

**Objetivos gerais:**

1 – Dar a conhecer aos elementos do grupo, o projeto de investigação, do qual irão fazer parte;

2– Recolher dados de identificação e caracterização de cada membro do grupo que possam ser analisados e comparados ao longo do projeto, permitindo a monitorização do mesmo.

**Objetivos específicos e estratégias:**

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas ou tópicos	Observações
Legitimação da conversa e motivação.	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.  Estabelecer o 'tom emocional e relacional' das sessões (iniciativa / proposta do entrevistador)  Assegurar o carácter confidencial das sessões.	1 – Informar o grupo sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, que tema irá guiar a sessão.	Tempo médio: 15 a 30 min.  Caso existam dúvidas por partes dos entrevistados, procurar responder de forma clara e precisa
	Ajudar a investigadora a definir pontos de referência para a	2 - Pedir o relato do trajeto de vida de cada membro do grupo, considerando os aspetos mais relevantes para a investigação.	Os tópicos expressos neste e nos blocos seguintes constituem pontos de partida para o conhecimento profundo de cada elemento do grupo e consequente caracterização destes.

O grupo, em geral.	caracterização do grupo e de cada elemento do mesmo.		
As trajetórias de vida.	Recolha de elementos fundamentais para o decorrer da investigação, para mais tarde, serem analisados e comparados.	<p>3-Solicitar a cada elemento a caracterização do seu trajeto de vida até chegar à instituição.</p> <p>4- Conhecer cada elemento do grupo, a fim de saber mais sobre cada um.</p> <p>5- Gerar conhecimento e emponderar os membros do grupo.</p> <p>6- Assegurar o carácter confidencial das vivências de cada elemento do grupo.</p>	
Ambiente familiar e social	Recolher elementos pertinentes para o projeto de investigação.	<p>Através de imagens recortadas em revistas, os elementos do grupo elaboram uma cartolina, onde esteja representado o seu ambiente familiar e social. No final, procede-se à apresentação individual, altura em que a investigadora, aproveita para fazer algumas perguntas.</p> <p>7-Está em contacto frequente com os seus familiares?</p> <p>8- A casa onde mora é confortável?</p> <p>9-Ajuda nas tarefas de casa, como lavar a louça ou limpar a casa?</p> <p>10-Com quem vive? tenha alguma dificuldade em casa em fazer algo, tem alguém que o ajude?</p>	Este bloco pretende obter elementos para a elaboração e implementação, a médio prazo, de técnicas de investigação com os elementos do grupo, bem como, gerar conhecimento científico na área.

		<p>11- Tem irmãos? E amigos?</p> <p>12- Costumas estar com os amigos que tens fora da instituição?</p> <p>13- O que faz com eles?</p> <p>14- Quando está em casa, o que faz?</p> <p>15- O que faz nos tempos livres?</p>	
	Recolher elementos de carácter complementar.	16- Há alguma coisa que queiras acrescentar?	





## Anexo 3

---

**Atividade:** Grupo de Discussão Focalizada (*Focus Group*)

**Data:** 10 de março de 2016

**Tema:** Trajetória de vida dos membros do grupo, sob a forma de conversa informal.

**Objetivos gerais:**

- 1 – Obter informações fundamentais do percurso de vida de cada membro do grupo,
- 2- Recolher dados para caracterizar e compreender os trajetos de vida de cada membro do grupo,
- 3 – Recolher dados para poderem ser analisados e comparados ao longo do projeto.

**Objetivos específicos e estratégias:**

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas ou tópicos	Observações
Legitimação da conversa e motivação.	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.  Estabelecer o 'tom emocional e relacional' das sessões (iniciativa / proposta do entrevistador)  Assegurar o carácter confidencial das sessões.  Colocar os membros da instituição a par do projeto de investigação.	1 – Informar o grupo sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, que tema irá guiar a sessão.  2- Pedir ajuda a uma colaboradora da instituição, caso seja necessário.	Tempo médio: 5 a 10 min.  Caso existam dúvidas por partes dos entrevistados, procurar responder de forma clara e precisa.
	Ajudar a	3 - Pedir o relato do trajeto de vida de cada	Os tópicos expressos neste e nos blocos seguintes

O grupo, em geral.	investigadora a definir pontos de referência para a caracterização do grupo e de cada elemento do mesmo.	membro do grupo, considerando os aspetos mais relevantes para a investigação.	constituem pontos de partida para o conhecimento profundo de cada elemento do grupo e consequente caracterização destes.
As trajetórias de vida.	Recolha de elementos fundamentais para o decorrer da investigação, para mais tarde, serem analisados e comparados.	<p>4-Solicitar a cada elemento a caracterização do seu trajeto de vida até chegar à instituição.</p> <p>5- Conhecer cada elemento do grupo, a fim de saber mais sobre cada um.</p> <p>6- Gerar conhecimento e emponderar os membros do grupo.</p> <p>7- Assegurar o carácter confidencial das vivências de cada elemento do grupo.</p>	
Ambiente familiar e social	Recolher elementos pertinentes para o projeto de investigação.	<p>Através de imagens recortadas em revistas, os elementos do grupo elaboram uma cartolina, onde esteja representado o seu ambiente familiar e social. No final, procede-se à apresentação individual, altura em que a investigadora, aproveita para fazer algumas perguntas.</p> <p>8-Está em contacto frequente com os seus familiares?</p> <p>9- A casa onde mora é confortável?</p> <p>10-Ajuda nas tarefas de casa, como lavar a louça ou limpar a casa?</p> <p>11-Com quem vive? tenha alguma dificuldade em casa em fazer algo, tem alguém que o ajude?</p>	Este bloco pretende obter elementos para a elaboração e implementação, a médio prazo, de técnicas de investigação com os elementos do grupo, bem como, gerar conhecimento científico na área.

		<p>12- Tem irmãos? E amigos?</p> <p>13- Costumas estar com os amigos que tens fora da instituição?</p> <p>14- O que faz com eles?</p> <p>15- Quando está em casa, o que faz?</p> <p>16- O que faz nos tempos livres?</p>	
	Recolher elementos de carácter complementar.	17- Há alguma coisa que queiras acrescentar?	



## Anexo 4

**Atividade:** Grupo de Discussão Focalizada (*Focus Group*)

**Data:** 17 de março de 2016

**Tema:** Direitos

**Objetivos gerais:**

1 – Obter informações e opiniões por parte de cada membro do grupo acerca do domínio da Qualidade de Vida: Direitos;

2- Recolher dados para caracterizar e compreender as vivências de cada membro do grupo;

3 – Recolher dados para monitorização do projeto.

**Objetivos específicos e estratégias:**

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas ou tópicos	Observações
Legitimação da entrevista e motivação.	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.  Estabelecer o 'tom emocional e relacional' das sessões (iniciativa / proposta do entrevistador)  Assegurar o carácter confidencial das sessões.  Colocar os	1 – Informar o grupo sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, apresentando o tema que irá guiar a presente sessão.  2- Pedir ajuda a uma colaboradora da instituição, caso seja necessário.	Tempo médio: 5 a 10 min.  Caso existam dúvidas por partes dos participantes do grupo, responder de forma clara e precisa às questões.

	membros da instituição a par do projeto de investigação.		
Direitos	Oferecer aos participantes a oportunidade de refletirem e se interrogarem sobre os seus direitos.	<p>5- O que é um direito?</p> <p>6- O que é isso de “ter direitos” para si? (relativamente à importância que eles têm na vida das pessoas)</p> <p>7- Tem conhecimento dos seus direitos? Quais são?</p> <p>8- Que direitos considera que as pessoas devem ter?</p> <p>Elaboração conjunta de um cartaz sobre os Direitos que as pessoas devem possuir, complementado com imagens alusivas a esses mesmos direitos.</p>	

## Anexo 5

**Atividade:** Grupos de Discussão Focalizada (*Focus Group*)

**Data:** 30 de março de 2016

**Tema:** Direitos

**Objetivos gerais:**

- 1 – Obter informações e opiniões por parte de cada membro do grupo acerca do domínio da Qualidade de Vida: Direitos;
- 2- Recolher dados para caracterizar e compreender as vivências de cada membro do grupo;
- 3 – Recolher dados para monitorização do projeto.

**Objetivos específicos e estratégias:**

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas ou tópicos	Observações
Legitimação da entrevista e motivação.	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.  Estabelecer o 'tom emocional e relacional' das sessões (iniciativa / proposta do entrevistador)  Assegurar o carácter confidencial das sessões.  Colocar os membros da instituição a	1 – Informar o grupo sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, apresentando o tema que irá guiar a presente sessão.  2- Pedir ajuda a uma colaboradora da instituição, caso seja necessário.	Tempo médio: 5 a 10 min.  Caso existam dúvidas por partes dos participantes do grupo, responder de forma clara e precisa às questões.



	par do projeto de investigação.		
Direitos	Oferecer aos participantes a oportunidade de refletirem e se interrogarem sobre os seus direitos.	<p>5- O que é um direito?</p> <p>6- O que é isso de “ter direitos” para si? (relativamente à importância que eles têm na vida das pessoas)</p> <p>7- Tem conhecimento dos seus direitos? Quais são?</p> <p>8- Que direitos considera que as pessoas devem ter?</p> <p>Elaboração conjunta de um cartaz sobre os Direitos que as pessoas devem possuir, complementado com imagens alusivas a esses mesmos direitos.</p>	

## Anexo 6

**Atividade:** Photo Voice  
**Data:** 7 de abril de 2016  
**Tema:** Inclusão Social

### Objetivos gerais:

- 1 – Obter informações e opiniões por parte de cada membro do grupo acerca do domínio da Qualidade de Vida: Inclusão Social;
- 2- Recolher dados para caracterizar e compreender as vivências de cada membro do grupo;
- 3 – Recolher dados para monitorização do projeto.

### Objetivos específicos e estratégias:

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas ou tópicos	Observações
Legitimação da entrevista e motivação.	<p>Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.</p> <p>Estabelecer o 'tom emocional e relacional' das sessões (iniciativa / proposta do entrevistador)</p> <p>Assegurar o carácter confidencial das sessões.</p> <p>Colocar os membros da instituição a</p>	<p>1 – Informar o grupo sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, apresentando o tema que irá guiar a presente sessão.</p> <p>2- Pedir ajuda a uma colaboradora da instituição, caso seja necessário.</p>	<p>Tempo médio: 5 a 10 min.</p> <p>Caso existam dúvidas por partes dos participantes do grupo, responder de forma clara e precisa às questões.</p>

	par do projeto de investigação.		
Inclusão Social	Dar a oportunidade a cada membro do grupo de pensar sobre a sua vida fora da instituição e a sua aceitação por parte da comunidade que o rodeia.	9 – Saída com o grupo de participantes para junto da comunidade, para que possam tirar fotografias em que consigam representar a sua relação com a sociedade, de maneira a ilustrar o tipo/qualidade das relações que têm com as entidades, instituições, etc, / recursos da comunidade.	

## Anexo 7

**Atividade:** Ecomapa

**Data:** 15 de abril de 2016

**Tema:** Inclusão Social

**Objetivos gerais:**

- 1 – Obter informações e opiniões por parte de cada membro do grupo acerca do domínio da Qualidade de Vida: Inclusão Social;
- 2- Recolher dados para caracterizar e compreender as vivências de cada membro do grupo;
- 3 – Recolher dados para monitorização do projeto.

**Objetivos específicos e estratégias:**

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas ou tópicos	Observações
Legitimação da entrevista e motivação.	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.  Estabelecer o 'tom emocional e relacional' das sessões (iniciativa / proposta do entrevistador)  Assegurar o carácter confidencial das sessões.  Colocar os membros da instituição a	1 – Informar o grupo sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, apresentando o tema que irá guiar a presente sessão.  2- Pedir ajuda a uma colaboradora da instituição, caso seja necessário.	Tempo médio: 5 a 10 min.  Caso existam dúvidas por partes dos participantes do grupo, responder de forma clara e precisa às questões.

	par do projeto de investigação.		
Inclusão Social	Dar a oportunidade a cada membro do grupo de pensar sobre a sua vida fora da instituição e a sua aceitação por parte da comunidade que o rodeia.	9 - Realização de um Ecomapa social ('map') com base nas fotografias tiradas na sessão anterior, em que cada elemento se coloca no centro de um conjunto de determinadas relações com pessoas, serviços, eventos, etc., que considere relevante para si.	

## Anexo 8

**Atividade:** Ecomapa

**Data:** 22 de abril de 2016

**Tema:** Inclusão Social

**Objetivos gerais:**

- 1 – Obter informações e opiniões por parte de cada membro do grupo acerca do domínio da Qualidade de Vida: Inclusão Social;
- 2- Recolher dados para caracterizar e compreender as vivências de cada membro do grupo;
- 3 – Recolher dados para monitorização do projeto.

**Objetivos específicos e estratégias:**

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas ou tópicos	Observações
Legitimação da entrevista e motivação.	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.  Estabelecer o 'tom emocional e relacional' das sessões (iniciativa / proposta do entrevistador)  Assegurar o carácter confidencial das sessões.  Colocar os membros da instituição a par do projeto de investigação.	1 – Informar o grupo sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, apresentando o tema que irá guiar a presente sessão.  2- Pedir ajuda a uma colaboradora da instituição, caso seja necessário.	Tempo médio: 5 a 10 min.  Caso existam dúvidas por partes dos participantes do grupo, responder de forma clara e precisa às questões.
Inclusão Social	Dar a oportunidade a cada membro do grupo de pensar sobre a sua vida fora da instituição e a sua aceitação por parte da comunidade que o rodeia.	3 – Apresentação do “Ecomapa” realizado na sessão anterior pelos elementos do grupo. Cada participante faz um comentário sobre a comunidade que acabou de representar e as ligações com a mesma.	

O grupo	Refletir sobre as sessões e os temas das mesma.	10 – Brainstorming de palavras que caracterizam as sessões e as temas das mesmas, para que, possamos chegar a um consenso em relação ao nome a dar ao grupo de participantes.	
---------	---	---	--

## Anexo 9

---

**Atividade:** Photo Voice

**Data:** 28 de abril de 2016

**Tema:** Inclusão Social

**Objetivos gerais:**

- 1 – Obter informações e opiniões por parte de cada membro do grupo acerca do domínio da Qualidade de Vida: Inclusão Social;
- 2- Recolher dados para caracterizar e compreender as vivências de cada membro do grupo;
- 3 – Recolher dados para monitorização do projeto.

**Objetivos específicos:**

Estabelecer o ‘tom emocional e relacional’ da sessão (iniciativa / proposta do entrevistador)

Dar a oportunidade a cada membro do grupo de pensar sobre a sua vida fora da instituição e a sua aceitação por parte da comunidade que o rodeia.

**Estratégias:**

- 1 – Informar o grupo sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, apresentando o tema que irá guiar a presente sessão.
- 2- Pedir ajuda a uma colaboradora da instituição, caso seja necessário
- 3 – Saída com o grupo de participantes para junto da comunidade, para que possam tirar fotografias a gosto sobre o que gostam mais na comunidade.





## Anexo 10

---

**Atividade:** PATH

**Data:** 10 de maio de 2016

**Tema:** O sonho.

**Objetivos gerais:**

- 1 – Obter informações e opiniões por parte de cada membro do grupo acerca do seu sonho;
- 2- Recolher dados para caracterizar e compreender as vivências/sonhos de cada membro do grupo;
- 3 – Recolher dados para monitorização do projeto.

**Objetivos específicos e estratégias:**

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas ou tópicos	Observações
Legitimação da entrevista e motivação	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.  Estabelecer o 'tom emocional e relacional' das sessões (iniciativa / proposta do entrevistador)  Assegurar o carácter confidencial das sessões.  Colocar os	1 – Informar o grupo sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, apresentando o tema que irá guiar a presente sessão.  2- Pedir ajuda a uma colaboradora da instituição, caso seja necessário.	Tempo médio: 5 a 10 min.  Caso existam dúvidas por partes dos participantes do grupo, responder de forma clara e precisa às questões.

	membros da instituição a par do projeto de investigação.		
O sonho	Emponderar cada membro do grupo de refletir sobre o seu sonho e o que pode fazer no dia-a-dia para chegar mais perto dele.	4 – Planear e elaborar juntamente com cada elemento do grupo um mapa para que no futuro possa alcançar o seu sonho, focalizando os seus desejos e energias no desenvolvimento de situações plenas de esperança.	

## Anexo 11

**Atividade:** PATH

**Data:** 19 de maio de 2016

**Tema:** O sonho.

**Objetivos gerais:**

- 1 – Obter informações e opiniões por parte de cada membro do grupo acerca do seu sonho;
- 2- Recolher dados para caracterizar e compreender as vivências/sonhos de cada membro do grupo;
- 3 – Recolher dados para monitorização do projeto.

**Objetivos específicos e estratégias:**

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas ou tópicos	Observações
Legitimação das iniciativas do investigador e motivação	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.  Estabelecer o 'tom emocional e relacional' das sessões (iniciativa / proposta do entrevistador)  Assegurar o carácter confidencial das sessões.  Colocar os membros da instituição a par do projeto de investigação.	1 – Informar o grupo sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, apresentando o tema que irá guiar a presente sessão.  2- Pedir ajuda a uma colaboradora da instituição, caso seja necessário.	Tempo médio: 5 a 10 min.  Caso existam dúvidas por partes dos participantes do grupo, responder de forma clara e precisa às questões.
Inclusão Social	Dar a oportunidade a cada membro do grupo de pensar sobre a sua vida fora da instituição e a sua aceitação por parte da comunidade que o rodeia.	3- Conclusão do Ecomapa ('map') com base nas fotografias tiradas na sessão anterior, em que cada elemento fotografou o que mais gosta da sua comunidade.	
O sonho	Emponderar cada membro do grupo de refletir sobre o seu sonho e o que pode fazer no dia-a-dia para chegar mais perto dele.	4 – Planear e elaborar juntamente com cada elemento do grupo um mapa para que no futuro possa alcançar o seu sonho, focalizando os seus desejos e	

		energias no desenvolvimento de situações plenas de esperança.	
--	--	---	--

## Anexo 12

**Atividade:** PATH

**Data:** 20 de maio de 2016

**Tema:** O sonho.

**Objetivos gerais:**

- 1 – Obter informações e opiniões por parte de cada membro do grupo acerca do seu sonho;
- 2- Recolher dados para caracterizar e compreender as vivências/sonhos de cada membro do grupo;
- 3 – Recolher dados para monitorização do projeto.

**Objetivos específicos e estratégias:**

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas ou tópicos	Observações
Legitimação das iniciativas do investigador e motivação	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado.  Estabelecer o 'tom emocional e relacional' das sessões (iniciativa / proposta do entrevistador)  Assegurar o carácter confidencial das sessões.  Colocar os membros da instituição a par do projeto de investigação.	1 – Informar o grupo sobre as linhas gerais do trabalho de investigação, apresentando o tema que irá guiar a presente sessão.  2- Pedir ajuda a uma colaboradora da instituição, caso seja necessário.	Tempo médio: 5 a 10 min.  Caso existam dúvidas por partes dos participantes do grupo, responder de forma clara e precisa às questões.
Inclusão Social	Dar a oportunidade a cada membro do grupo de pensar sobre a sua vida fora da instituição e a sua aceitação por parte da comunidade que o rodeia.	3- Conclusão do Ecomapa ('map') com base nas fotografias tiradas na sessão anterior, em que cada elemento fotografou o que mais gosta da sua comunidade.	
O sonho	Emponderar cada membro do grupo de refletir sobre o seu sonho e o que pode fazer no dia-a-dia para chegar mais perto dele.	4 – Planear e elaborar juntamente com cada elemento do grupo um mapa para que no futuro possa alcançar o seu sonho, focalizando os seus desejos e	

		energias no desenvolvimento de situações plenas de esperança.	
--	--	---	--

## Anexo 13

---

### **Guião de entrevista acerca do modo como as instituições funcionam:**

- 1- Quais são os principais objetivos da instituição?
- 2- Que tipo de serviços/respostas oferece aos seus destinatários (clientes)? (Quando falo em serviços, refiro-me ao CAO e ao serviço domiciliário, por exemplo.)
- 3- Tem limite de inscrição de utentes?
- 4- Quando é que a instituição nasceu? Tem ajudas por parte do Estado?
- 5- Os/as colaboradores/as que trabalham diretamente com os utentes têm formação para otimizar esse desempenho? Por favor, especifique em relação aos/às colaboradores/as que tratam da higiene e estão nas salas com os utentes.
- 6- Quanto aos utentes e à sua situação pessoal/individual e privada, como é que as colaboradas lidam? Existe na instituição um código de conduta ou equivalente nesta matéria?
- 7- Pelo que me foi dado conhecer, muitos dos utentes não têm família, ou tendo, têm pouco contacto com ela. Como é que a instituição promove a ligação entre os utentes e as suas famílias?
- 8- Sei também que algumas pessoas pertencentes às instituições são tutoras de alguns utentes, seria possível explicar o papel do tutor e como é atribuído? Quais os critérios?
- 9- Se alguns utentes têm família, porque não fica a família como tutora dessa pessoa?
- 10- Quais os critérios e procedimentos essenciais para tomada de decisão sobre o tipo de oportunidades de formação / profissionais / CAO proporcionadas aos utentes?
- 11- Existe a preocupação de ir ao encontro dos sonhos, desejos e individualidade de cada utente? Como procedem as pessoas da instituição neste domínio?





## Anexo 14

---

**Data:** 06-10-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** Entrevista direcionada acerca do modo como a instituição funciona

**Horário:** 10h00– 11h30

**Nome:** Eduarda Silva

**Formação:** Educação Especial e Reabilitação

**Cargo na instituição:** Coordenadora das propostas sociais, Centro de Atividades Ocupacionais e Lar Residencial

Iniciei a entrevista com a Dra. Eduarda pedindo alguns documentos relativos à instituição A. (instituição mãe) e ao Centro C, de forma a ajudar na realização do projeto. A conversa incidiu-se sobre os documentos existentes na instituição e o modo como ela funciona.

**Dra. Eduarda-** Se no CAO nós tentamos trabalhar aquilo que é um bocadinho mais ocupacional, não é? Dentro destas áreas: biológico, psicológico e social. No Lar, a nossa preocupação é trabalhar a autonomia naqueles que é possível, trabalhar a qualidade de vida e bem-estar. No Lar nós temos um grupo de utentes muito mais dependentes.

**Eu-** Mas por exemplo, muitos daqui, que estão no CAO estão no Lar...

**Dra. Eduarda-** Sim, sim! Mas o objetivo principal do Lar é acolher jovens que, de alguma forma, ou não tem retaguarda familiar ou não tem estrutura, ou a família não tem estrutura para cuidar deles. Portanto, passamos a ser nós os cuidadores. Há situações que tu vês, por exemplo, normalmente nos lares são muito mais dependentes, mas há situações em que, tu vês se calhar não tão dependentes, mas que tem a ver com essa ausência de retaguarda familiar. Há uns anos atrás, quando ainda havia vagas em lar, toda a gente entrava, portanto, mesmo aqueles que pudessem ter ainda alguma autonomia entravam.

**Eu-** Agora é muito difícil haver vagas...

**Dra. Eduarda-** Não há! Não há vagas! Para tu veres, ainda esta semana recebi uma inscrição de Esmoriz. Recebemos constantemente de todo o lado...

**Eu-** São muito mais seleccionados os casos dos clientes? Ou de facto, as vagas já estão todas cheias?

**Dra. Eduarda-** Tem a ver um bocadinho com a inexistência de respostas, não vão surgindo mais... Tu não vês instituições a aparecem, novas não é? Tem a ver com a falta de financiamentos ...

Entretanto a entrevista foi interrompida, a Dra. Eduarda pediu toda a documentação necessária sobre a instituição para me ajudar no projeto. A Dra. Eduarda continua a sua explicação...

**Dra. Eduarda-** Não havendo financiamento as estruturas que já existem também não podem assegurar a construção de novos lares.

**Eu-** Estas instituições são financiadas pelo próprio Estado?

**Dra. Eduarda-** São financiadas pelo Estado mas, não vivem só dos financiamentos.

**Eu-** Vivem mais de quê?

**Dra. Eduarda-** Das mensalidades que eles (utentes) pagam e depois, hoje em dia, ouve-se falar muito da autossustentabilidade em que a própria organização tem que criar formas de arranjar recursos. Se há uns anos atrás existiam muitos mecenas, não é? Que contribuíam para o funcionamento da casa e da abertura de novas estruturas, hoje em dia, mecenas já não há, não há patrocínios... Portanto, as próprias organizações tem de criar formas de se autossustentar.

**Eu-** Por exemplo, aqueles clientes que não tem estrutura familiar, como é que eles fazem? São vocês que tomam conta do dinheiro deles?

**Dra. Eduarda-** Cada um destes utentes recebe uma pensão, por invalidez e cada um destes utentes pagam uma mensalidade aqui. Essa mensalidade é calculada em função dos rendimentos, se existe agregado familiar, é calculada em função dos elementos do agregado. Se não, é calculado só em função dos rendimentos deles. Portanto, a mensalidade que eles pagam, é uma parte dessa pensão. Na ausência de família, a mensalidade vem para a própria organização e a organização tira desse bolo total da pensão, a mensalidade e o restante é guardado, como se cada um tivesse uma conta corrente, onde depois vai ser retirado o dinheiro para as coisas extras. Extras entendemos como medicação, cuidados pessoais, higiene...

**Eu-** Quais são os principais objetivos da instituição?

**Dra. Eduarda-** Queres que eu te responda pelos estatutos e pelos regulamentos ou queres que te responda por palavras minhas?

**Eu-** Por palavras suas...

**Dra. Eduarda-** A própria organização centra-se numa política de reabilitação, é esse o objetivo primordial da instituição. Se tentarmos descer um bocadinho mais e ir aquilo que é mais próximo de cada um dos clientes, o nosso objetivo principal é, proporcionar-lhes qualidade de vida e essa qualidade de vida pode passar por, apenas pelo bem-estar naqueles que são os mais profundos, como pode ser a realização de um sonho ou a promoção de determinada atividade que os faça sentir realizados e concretizados. Obviamente que é nosso objetivo também ajudar as famílias no mais que é possível, nem sempre é possível, nem sempre existem essas famílias de retaguarda, mas o nosso objetivo principal é realmente, como diz a nossa missão, contribuir para uma política de reabilitação com base na solidariedade, na responsabilidade social, etc, etc.

**Eu-** Por exemplo, que tipo de serviços/respostas oferecem aos seus destinatários? Quando falo em serviços refiro-me por exemplo, ao CAO e ao serviço domiciliário, que eu sei que também costumam realizar.

**Dra. Eduarda-** Nós aqui no Centro, especificamente na aldeia O., não temos o serviço de apoio domiciliário, embora a organização em si tenha como resposta, o Centro de Atividades Ocupacionais, Lar Residencial, Serviço de Apoio Domiciliário e Formação Profissional. Dentro de cada uma destas respostas sociais, os serviços são bastante destintos. Se considerarmos que por exemplo, no Lar os nossos serviços tem a ver com a higiene, limpeza e saúde, prestar cuidados nestes âmbitos, assim como no lazer. No Centro de Atividades Ocupacionais os serviços que prestamos já são no âmbito do desenvolvimento biopsicossocial e que é um leque de atividades que se encaixa em cada um destes âmbitos: atividade aquática, atividade física, isso tudo são considerados serviços. No âmbito da formação profissional os serviços que temos acabam por ser a formação em determinadas áreas específicas. No apoio domiciliário, os serviços prestados, vai um bocadinho de encontro aquilo que é o Lar, embora que, no domicílio, serviços de higiene pessoal, limpeza de espaços...

**Eu-** Mas por exemplo, a idosos ou a pessoas com deficiência?

**Dra. Eduarda-** Pessoas com deficiência...

**Eu-** Por exemplo, na questão da formação profissional, muitos dos utentes que estão aqui, passaram pela formação profissional. A minha questão é, por exemplo, alguns tem o 9º ano e depois vão para a formação profissional?

**Dra. Eduarda-** A formação profissional hoje em dia funciona um bocadinho de forma diferente, se há uns anos atrás a formação profissional era mais dirigida para as pessoas com deficiência, neste momento, a formação profissional é dirigida para jovens ou adultos com algum tipo de incapacidade. Essa incapacidade pode passar simplesmente por, problemas de comportamento ou desajustes familiares, dependências, etc. Aquilo que tu vês na formação profissional hoje em dia, são grupos muito heterógenos: de jovens com alguma deficiência mental, que é o caso dos jovens que estão aqui connosco e que já passaram pela formação profissional e de jovens que tiveram algum tipo de problemas comportamentais ou que não tiveram aproveitamento escolar, e que, são sinalizados para a formação profissional.

**Eu-** Por exemplo, uma pessoa que tenha o 7º ano ou o 9ºano...

**Dra. Eduarda-** Hoje em dia, a formação profissional já lhes dá requalificação escolar, ou seja, já é possível, eles irem para lá e ficarem com o 9ºano desde que tenham tido aproveitamento.

**Eu-** Então dá equivalência ao 9ºano essa formação profissional?

**Dra. Eduarda-** Sim! O que é que acontece? Realmente nós temos muito jovens aqui, em Centro de Atividades Ocupacionais que estiveram em formação profissional, isto é quase como que um “voltar atrás” na história, não é? Eles frequentaram a escola de ensino especial, a identidade/organização achou que realmente eles poderiam ter capacidade para frequentar a formação profissional para aprenderem uma profissão, a verdade é que eles frequentam a formação profissional e terminam esse período sem aproveitamento. A partir desse momento tem que ser reintegrados no Centro de Atividades Ocupacionais que é a única resposta capaz de os ter, onde eles poderão estar sem ser em formação profissional. Por isso, é que, muitos dos que estão aqui em CAO, realmente, estiveram em formação profissional, mas terminaram esse período da formação profissional sem aproveitamento.

**Eu-** Tem limite de inscrição de utentes?

**Dra. Eduarda-** A instituição funciona com apoios do Estado e esses apoios do Estado, chamam-se oficialmente “Acordos de Cooperação”. E o Acordo de Cooperação diz-nos que, nós podemos ter X pessoas na instituição, ou seja, eles pagam aquelas pessoas, aquelas cabeças. Mais do que isso, não pagam! Portanto, nós nunca poderemos ultrapassar esse limite, porque não temos capacidade financeira, nem física, para ter mais do que aqueles utentes.

**Eu-** Qual é o número limite?

**Dra. Eduarda-** Neste momento, aqui na instituição A. nós temos capacidade em CAO para 20 e outro CAO para 15, e em Lar 17. Se bem que, o Acordo de Cooperação, ou seja, a Segurança Social só paga em Lar, 15, ou seja, os outros dois, até chegar aos 17 tem de ser autofinanciados.

**Eu-** Quando é que a instituição nasceu? Tem ajudas por parte do Estado?

**Dra. Eduarda-** Aqui nasceu em 2007...

**Eu-** Pois, aqui é recente...

**Dra. Eduarda-** Aqui é recente, mas eu tenho ali uma parte da história, se quiseres...

**Eu-** Sim! Já havia a instituição em A. e depois foi construída esta instituição porquê? A instituição lá não dava respostas?

**Dra. Eduarda-** A instituição surge em A., começa em S. ... Mas surge em A. por falta de resposta à 26 anos atrás. Começa como uma delegação da cidade A e depois acabou por se tornar independente. Esteve sediada em vários sítios e conforme foi crescendo, havia a necessidade de criar uma estrutura física maior. Entretanto, surge em A. essa estrutura e havia a necessidade ou percebia-se a necessidade, e a procura das pessoas do concelho da M. e arredores. Na altura, o sítio que estava disponível para colocar a funcionar o CAO era aqui em C., num apartamentozinho pequenino, onde só funcionava aqueles meninos de CAO, isto já com, a expectativa da construção desta casa. Só que, a construção desta casa demorou 10 anos, portanto, o CAO neste apartamento funcionou durante 10 anos. Supostamente era uma situação provisória que se arrastou por 10 anos...

**Eu-** Mas lá era muito mais limitado o número de clientes...

**Dra. Eduarda-** Penso que eram 15!

**Eu-** Mas mesmo assim num apartamento...

**Dra. Eduarda-** Era a arrebentar pelas costuras! Mas na altura era uma situação provisória. A construção desta casa é que demorou muitos anos por falta de financiamento. Portanto, foram 10 anos, durante muitos anos a casa teve a descoberto porque não havia dinheiro para

terminar a obra. Aquilo que era uma situação provisória arrastou-se por esses 10 anos... Na verdade, CAO aqui na M já existe desde 1997.

**Eu-** Por exemplo, em relação às colaboradoras que trabalham diretamente com os utentes, elas têm formação para otimizar esse desempenho? Gostaria que especificasse em relação às colaboradoras que tratam da higiene e estão nas salas com os utentes.

**Dra. Eduarda-** É assim, a contratação de pessoas para estas funções não é fácil! Não é fácil pelo simples facto das pessoas não se sentirem à vontade com esta população e porque nós acreditamos que é preciso a pessoa gostar para poder desempenhar bem as suas funções. Se é mais fácil contratar colaboradores para o CAO, é mais difícil para o Lar, por uma questão de horários, por uma questão de funções. As funções em Lar são muito próximas do utente, uma intimidade maior, que nem toda a gente está preparada. A contratação... Nós não temos vindo a contratar pessoas com frequência, portanto, a equipa mantém-se já há algum tempo. Inicialmente houve muitas pessoas foram contratadas e que não tinham qualquer tipo de formação, a formação foi sendo dada pela própria organização e hoje em dia, aquilo que acontece é que, a instituição oferece formação profissional às colaboradoras...

**Eu-** Dentro do horário de trabalho?

**Dra. Eduarda-** Se não é dentro do horário de trabalho, elas são compensadas as horas que estão fora. E essa formação é escolhida em função daquilo que são as necessidades e as expectativas delas. Cada vez mais, a formação que procuramos vai no sentido, ou que nós achamos que é mais útil ou naquilo que elas próprias pedem. Normalmente, é passado um questionário de satisfação pelos colaboradores e são dadas várias propostas de formação, e elas escolhem por ordem de interesses, qual é que é a formação que gostariam de fazer. Este ano, por exemplo, a formação que vão ter, tem a ver com "Comunicação Assertiva", porque é uma formação que vai ser ministrada a todos os grupos funcionais. O que acontecia era que, em função das tarefas de cada uma as formações eram diferentes, no entanto, temos vindo a perceber que a questão da comunicação e principalmente, a comunicação assertiva era um problema transversal. E então, este ano, decidimos que os grupos de formação serão mistos, ou seja, que permite a partilha de testemunhos e experiências por parte de todos os grupos funcionais e será comum a todos os temas.

**Eu-** Por exemplo, em relação às salas, são as colaboradoras que escolhem o que fazer com os utentes? Como é que isso funciona?

**Dra. Eduarda-** Nem todas as organizações funcionam da mesma forma... Eu acredito que tem a ver um bocadinho com as estruturas das casas e das organizações. Nós não temos forma, aqui na estrutura que temos, que não assim: eles estarem divididos por salas e saírem da sala

para irem para a atividade. Eles tem uma série de atividades definidas, com horário definido, nem todos participam nas mesmas atividades... Normalmente, aquilo que acontece quando eles estão em sala, porque nas outras atividades há um planeamento específico, delineado por uma pessoa em específico... No planeamento das salas, as atividades são em função daquilo que está a ser trabalhado na altura, mas é delineado um plano para cada um dos utentes, com os técnicos e com a colaboradora. Portanto, as atividades muitas vezes são pensadas por ela, mas em função daquilo que são os objetivos para aquele utente.

**Eu-** Em relação às atividades que falava, ao mapa de atividades que eles tem... É essa pessoa que faz o mapa das atividades que escolhe as atividades que X e Y utente vão fazer ou eles também poderão escolher algumas atividades em que queiram participar?

**Dra. Eduarda-** Eles escolhem... É um bocadinho... “Existem estas atividades, quem quer participar nestas atividades?”. Surgiu também aqui e isso já aconteceu de serem eles a proporem novas atividades e que foram criadas em função daquilo que era a vontade deles, ou projetos, sei lá... A ida à rádio são atividades que são no âmbito da atividade da Autorrepresentação e que eles sugerem e que nós, sempre que é possível tentamos concretizar essa atividade ou esse projeto. Há atividades em que eles acabam por ter que ir, muitas vezes não é por vontade deles, mas porque nós achamos que lhes fará bem. Eu sei que, assim como a nós no inverno não nos apetece ir para a piscina ou ir para a rua, mas se nós entendemos que é uma atividade que possa ser benéfica para ele, tentamos de alguma forma “seduzi-lo” para a atividade. Mas sim, são eles que escolhem. Obviamente que há atividades que não querem ir...

**Eu-** Sim, eu lembro-me perfeitamente de numa das sessões...

**Dra. Eduarda-** Da jardinagem...

**Eu-** Era mesmo o que ia para dizer! (Risos) De gostar e não gostar, foi comum: todos não gostavam de jardinagem!

**Dra. Eduarda-** E a atividade da jardinagem não é realmente uma atividade que eles gostem, por outro lado, aquilo que nós tentamos e também é um bocadinho esse o nosso papel, se calhar na Autorrepresentação e na autodeterminação, “Ok, não gostas de jardinagem. Porque é que não gostas de jardinagem? Se não houvesse jardinagem ou se ninguém fosse para a jardinagem gostavas de como estava a casa?”. É um bocadinho fazê-los pensar sobre o porquê desta atividade e o porquê de nem sempre nós fazermos só aquilo que gostamos ou que queremos. Fazê-los entender que a vida não é só daquilo que nós gostamos, que só fazemos aquilo que gostamos ou só fazemos aquilo que nos interessa. A vida tem destas



coisas mesmo, não é? E também é importante fazê-los sentir isso, que nem sempre as coisas são cor-de-rosa.

**Eu-** Agora, enquanto ainda aos utentes e à sua situação pessoal, individual e privada, como é que a colaboradoras lidam? Existe na instituição algum código de conduta ou equivalente nesta matéria?

**Dra. Eduarda-** Existe um código de conduta ética, existe um processo de gestão de confidencialidade, existe um processo de gestão de formação, todos estes contemplam e asseguram, assim como os regulamentos, asseguram esta questão da privacidade. Para além disso, todas as colaboradoras assinam o termo de confidencialidade para com a organização. Portanto, nós acreditamos no bom censo das pessoas, na responsabilidade das pessoas ou que as pessoas assumiram ao assinar um contrato de trabalho com esta casa e ao assinarem esse termo de confidencialidade.

**Eu-** Por exemplo, neste caso falando com a Dra., muitas situações, acho que, apesar de serem deles, vocês muitas vezes sentem-nas como se também fossem vossas, marcam-vos de qualquer maneira...

**Dra. Eduarda-** Eu acredito que, as pessoas só conseguem trabalhar aqui se, efetivamente gostarem daquilo que fazem! Por outro lado, na nossa organização só queremos que as pessoas estejam aqui se efetivamente gostarem e se sentirem bem a fazer aquilo que estão a fazer...

A entrevista foi novamente interrompida por uma colaboradora da instituição...

**Dra. Eduarda-** Aquilo que nós pedimos às colaboradoras, é que, principalmente – isto é uma questão mais sentida e vivida no Lar – muitos deles não tem família, nós somos a família deles. O que é que eles esperem de nós? Não é que nós lhes demos banho ou que tratemos da roupa deles, eles precisam muito mais que isso. Precisam daquilo que as nossas crianças precisam nas nossas casas: carinho, atenção, um beijo, um abraço, uma boa noite, um bom dia... Isto tem o outro lado, que é o lado do apego, que às vezes, também emocionalmente nos baralha. A verdade, e que é o que eu acredito, é que, nós passamos mais tempo com eles do que com a nossa família, e seja com eles utentes ou com eles colaboradores. Portanto, se o espírito aqui dentro não for esse, de uma família, o trabalho fica muito mais complicado e muito mais pesado. Não é pesado fisicamente, mas pesado psicologicamente e emocionalmente. Eu acredito, que realmente as pessoas vivem esse espírito e acredito que eles o sentem assim. Mas nem sempre é fácil...

**Eu-** Era mesmo por esse lado que eu estava a perguntar... Eu já algum tempo que lido com eles e muitas vezes o que eles me dizem, a transcrever as sessões, eu sinto muito o que eles dizem, como se às vezes fosse um problema meu... E era isso, a questão de que, até que ponto é um problema deles mas também é nosso! Como é que conseguimos lidar com isso? O que nos apetece fazer e que não poderemos fazer para reverter essa situação...

**Dra. Eduarda-** Muitas vezes, não sei bem como interpretar aquilo que eles estão a dizer... Porque nós sabemos, se nós ditos “normais” de uma coisinha fazemos um problema, eles não são diferentes. Muitas vezes o que acontece é que eles, de um problema fazem mil problemas. O nosso papel aqui é quase como o de equilíbrio, não tentando ultrapassar a barreira do familiar, mas tentarmos ser o amigo. E o amigo que faz pensar, “Ok, vamos pensar! O que é o teu problema? De onde vem? O que é? Como é que o podes resolver?”. Não deixamos de interiorizar aqueles que são os problemas deles, porque se às vezes há problemas que são casuais, ou porque se chatearam ou porque discutiram, há outros problemas que ultrapassam isso. Muitas vezes tem a ver com as famílias, com a própria vida deles e que nós temos de conseguir distanciarmos porque não somos a família. Não somos decisores nesse problema! A forma de os tentar ajudar é realmente fazê-los pensar sobre aquilo que está a acontecer, fazê-lo pensar sobre possíveis soluções para resolver aquilo. Acho que é uma defesa que nós vamos criando com o tempo! Se há uns anos atrás quando eu comecei a trabalhar vivia intensamente cada um dos problemas, entretanto comecei a perceber que essa não é a forma correta, a forma correta é ajudá-los a resolverem os seus problemas. Mas não deixamos de os viver...

**Eu-** Pelo que me foi dado a conhecer, muito dos utentes não tem família ou tem pouco contacto com ela. Como é que a instituição promove a ligação entre os utentes e as suas famílias?

**Dra. Eduarda-** O politicamente correto é dizer-te que nós chamamos as famílias, tentamos estabelecer contacto com elas ou promover estes contactos de uma forma rotineira. O que acontece é que realmente, há famílias que já não existem ou há famílias que se despegam, isto acontece normalmente quando já não há progenitores, se já não existe pai ou mãe, e se a responsabilidade está a cargo, por exemplo, dos irmãos. Acontece muitos isto! As famílias, por e simplesmente, desligam-se e muitas delas passaram até, a responsabilidade para a própria organização.

**Eu-** Sim, por exemplo, a Lara... É o caso dela? Ela tem uma madrinha e os irmãos...

**Dra. Eduarda-** Sim...

**Eu-** Os irmãos também estão numa instituição...

**Dra. Eduarda-** Também estão numa instituição, durante uns tempos não sabíamos onde os irmãos estavam, entretanto, conseguimos descobri-los e tentamos manter este contacto o mais possível! No caso da Lara, a madrinha ainda a leva para casa dela, portanto, ainda tem essa “benesse”! Há outras situações que...

**Eu-** Por exemplo, a Cristina...

**Dra. Eduarda-** A Cristina por exemplo! A Cristina foi uma menina que foi adotada por uma família e entretanto, a família de adoção também teve alguns problemas, ela teve que vir para a instituição... Só há muito pouco tempo é que ela reencontrou a família de adoção, tem um irmão com quem fala algumas vezes.

**Eu-** O irmão biológico?

**Dra. Elisa-** O irmão biológico, sim! Mas que durante muitos anos ela não teve contacto...

**Eu-** E a família de adoção, tem muito pouco contacto com ela...

**Dra. Eduarda-** Sim, reencontramo-los há pouco tempo... Há um ano e meio, dois anos. Entretanto, a senhora está muito doente, portanto...

**Eu-** E ela não tem irmãos por parte da família de adoção?

**Dra. Eduarda-** Acho que não! Ou se tem, não tem ligação com eles! Tentamos o mais possível, mas muitas vezes também é... O que eu penso é, se as famílias se desligaram, será que é correto da nossa parte estar a forçar essa ligação? É correto pelo lado deles, na defesa dos direitos dos que estão aqui! Mas acabamos por estar a forçar uma coisa que já não é sentida, entendes?

**Eu-** E por exemplo, por parte das pessoas que estão aqui e que tem família, como é que a instituição faz a ponte de ligação? São muitas coisas que acontecem, por exemplo, as famílias acham...

Entretanto, a Dra. Eduarda ausentou-se por uns minutos...

**Eu-** Como é que eles vêm, por exemplo, os filhos falarem aqui sobre sexualidade? Como é que eles vêm os temas que são tratados aqui na instituição? Como é que a ligação da instituição com as pessoas que tem família?

**Dra. Eduarda-** Isso é uma pergunta muito difícil Liliana! Na verdade, são muito poucas aquelas com quem conseguimos estabelecer algum tipo de contacto, mas existem! Cada um destes jovens tem um Plano de Desenvolvimento Individual e esse plano é feito e elaborado com os pais, com os técnicos e com os colaboradores. Nós acreditamos que os pais tem consciência e expectativas em relação aquele filho, portanto, à partida sabem que nós aqui vamos de encontro aquilo que está ali definido e foi conversado entre todos. Há alguns temas e algumas situações mais caricatas, não é? Que se calhar não são vistas da mesma forma ou entendidas da mesma forma por toda a gente. Obviamente que temos de pensar que temos pais com níveis culturais, económicos e financeiros mesmo muito distintos, portanto, temos de saber lidar com todas essas situações. Eu acho que nós de uma forma geral temos tido, não temos tido problemas e até temos tido algum sucesso nesta conquista das famílias e na partilha daquilo que é a organização com as famílias, acho que realmente as coisas tem evoluído e prova disso, foi a festa da família que nós fizemos e que, realmente, superou todas as nossas expectativas. Mas, existem sempre algumas situações em que, imagina se os pais tem alguma dúvida sobre alguma coisa que eles comentam em casa, ligame nós conversamos com eles ou procuram-nos! Muitas vezes também nos procuram para resolver algum tipo de gestão comportamental em casa, eles aqui tem um tipo de comportamento e em casa têm outro! E muitas vezes nós tentamos ajudar e as famílias procuram-nos no sentido de os ajudar a resolver esses problemas.

**Eu-** Nota que, por exemplo, as famílias, principalmente os pais que tem um grande sentido de proteção pelos filhos, em relação a eles serem uma pessoa com deficiência, eles não podem fazer isto, eles não podem falar disto?

**Dra. Eduarda-** Temos um bocadinho de tudo! Lutamos contra a proteção excessiva, à infantilização, não é? Mas lutamos também com as expectativas demasiadas exageradas dos pais, muitas vezes e um dos problemas que temos notado - acredito que isto não seja comum nas outras organizações, só um ou outro caso específico que nós tivemos que nos tenha causado alguns desafios – que, é os pais criarem expectativas demasiado elevadas em relação ao futuro dos filhos. Se calhar, nunca terem assumido verdadeiramente ou encaixado na vida deles a situação real ou por acreditarem que um dia o filho ainda vai ter filhos e constituir família e etc, etc, uma série de questões...

**Eu-** Nota que para algum dos pais foi muito difícil aceitar a deficiência, encarar a deficiência dos filhos?

**Dra. Eduarda-** Sim, sim! Ainda existem pais assim...

**Eu-** Sim, se calhar existem muitos pais que não aceitam...

**Dra. Eduarda-** Se tu falares com eles, numa conversa de rua, sim, eles aceitam e “O meu filho tem deficiência e até vou para a rua para as manifestações!” e etc, etc, mas quando chegamos à parte de concretizar objetivos, de definir prioridades, de aceitar aquilo que é real e que acontece, já o texto leva outra volta completamente diferente!

**Eu-** Se há pais que tem expectativas muitas altas em relação aos filhos, também há pais que tem as expectativas completamente... não tem expectativas em relação ao filho, ao que ele possa fazer!

**Dra. Eduarda-** Acho que isto é muito cultural! Nós temos um grupo muito heterogéneo em termos de idades e aquilo que nós sentimos é que, naqueles mais velhos...

**Eu-** Que vais dos 15 anos, não é?

**Dra. Eduarda-** Neste momento vai dos 18 anos aos 68 anos para aí... Portanto, em relação a estes mais velhos, e isto é história, muitos deles ainda eram escondidos, pronto! Estas famílias nunca tiveram qualquer tipo de expectativas em relação a eles. Depois temos ali uma fase, mais dos 30 anos que se calhar alguns já frequentam a formação profissional, já é uma geração diferente, já se esperava um futuro para eles ou pelo menos, se tentava um futuro para eles, a integração no mercado de trabalho, embora que não tenha sido possível já se esperava isso, a escolaridade não era até tão tarde... Depois apanhamos já a outra fase, em que, a escolaridade era até aos 18 anos, a escolaridade obrigatória, portanto, viviam ali numa pseudo inclusão, mas pronto, eu tenho esta visão um bocadinho estranha em relação a esta inclusão. Eu acho que isto não é inclusão nenhuma! Viviam naquele mundo das turmas com multideficiência até aos 18 anos, tal, tal, tal, não se pensava muito que um dia eles teriam que ir para uma instituição. Entretanto, surge o “back” que efetivamente eles estão numa instituição e agora? E agora? “E agora é que eles são mesmo deficientes porque estão numa instituição. Mas eu ainda acredito que um dia, se calhar, ele ainda vai mudar! Um milagre qualquer e que ele vai mudar!”. Eu acho que uma das maiores dificuldades em lidar com as famílias é o facto, das famílias não serem completamente transparentes em relação aquilo que acontece. Muitas vezes, chegam-nos meninos que eu antes de os conhecer, sei que eles apertam os sapatos, comem sozinhos, vestem-se sozinhos, vão à casa de banho sozinhos, não tem qualquer tipo de problema comportamental (agitação ou tiques) e quando eu os conheço, é uma realidade completamente diferente. E nós estamos a lidar agora mais com esse problema, com estes mais jovens, que vem das escolas e que realmente, se calhar porque estão num ambiente, que se calhar acham os pais, mais favorável, por estarem na escola, por estarem no meio dos outros ditos normais, sem pensarem muito bem que aquilo não tem nada de benéfico para eles!

**Eu-** E o próprio utente, como lida com esta situação toda? Ele aceita, claro que há casos e casos, mas normalmente aceitam a sua vida como ela é, a sua deficiência?

**Dra. Eduarda-** Temos um bocadinho de tudo, não é? Temos alguns que tem efetivamente consciência disso, ou porque a vida deles mudou, o caso do Alberto... Dos jovens que teve uma vida normal e que tens consciência! Por exemplo, o João teve uma vida normal e nós sabemos, o facto de ele éter uma memória a curto prazo muito débil, se calhar não lhe permite ter tanta consciência do que está a acontecer, assim como o Alberto. O Alberto é um menino que realmente tem noção, muitas vezes ele utiliza isso como forma de chegar onde ele quer. Mas, eu acho que, acima de tudo ele é um jovem muito feliz! Tem consciência que aquilo mudou a vida dele e fala efetivamente, muitas vezes para nos tocar ao sentimento, põe esta questão na balança, mas é um menino muito feliz! E eu, ainda agora quando fomos à rádio tive a certeza disso. É muito engraçado, não sei se já ouviste a entrevista...

**Eu-** Não! Só vi as fotos...

**Dra. Eduarda-** Mas tens que ouvir, porque o Alberto teve sempre uma intervenção muito ativa!

**Eu-** Tem sempre! (Risos)

**Dra. Eduarda-** E realmente, eu acho que aquilo que ele disse com sentido, porque nada foi preparado...

**Eu-** E o que está a dizer, que ele é um menino muito feliz, eu acho, pelo menos foi o que me pareceu, que se calhar é dos que tem uma estrutura familiar mais normal, as pessoas mais preocupadas com ele!

**Dra. Eduarda-** Daquele grupo que conheceste e com quem trabalhaste, sim!

A entrevista foi interrompida, o telefone tocou...

**Dra. Eduarda-** Sim, o Alberto já não tem mãe, não tem pai, mas tem dois irmãos e uma cunhada que asseguraram este bem-estar dele! O Mário por exemplo, tem a mãe, mas a mãe tem um défice cognitivo maior que o dele, não tem condições em casa. Neste momento tem janelas porque nós lhas pusemos e tem água porque a câmara lha pôs! Não tem casa de banho, portanto... Que sentido tem? Se calhar o Alberto é o que vive uma Páscoa de família, todos os outros é... Muitos deles passaram na residência. A maioria deles sempre viverem nesta condição e não conhecem outra! Portanto, são felizes assim e são felizes com muito pouco.

**Eu-** Por exemplo, em relação a eles terem tutores, sei que as Doutoradas são tutoras...

**Dra. Eduarda-** Nós não! É a Engenheira Margarida, enquanto na figura de presidente da instituição. Há uns anos atrás funcionava assim, eram nomeadas as pessoas em nome... Imagina, eu como coordenadora, seria nomeada. Hoje em dia, não! É nomeada aquela pessoa enquanto presidente da instituição. Se o presidente da instituição mudar, muda automaticamente.

**Eu-** Por exemplo, é tutora das pessoas que não tem família? Ou há pessoas que tem família e ela poderá ser tutora?

**Dra. Eduarda-** Há pessoas quem tem família, mas a família não quer assumir esse papel. Casos práticos, o senhor Joel. Tem uma filha e tem irmãos, mas a filha foi chamada a tribunal e não quis assumir esse papel enquanto tutora. Neste caso, a tutela passa para a instituição.

**Eu-** Seria possível explicar o papel do tutor? Já percebi como é que é atribuído, é atribuído então ao diretor da instituição.

**Dra. Eduarda-** É assim, o papel do tutor no fundo é o representante legal desta pessoa. É atestado que esta pessoa tem uma incapacidade física e mental, é atestado que esta pessoa não pode responder legalmente, é atestado que esta pessoa não pode gerir a sua vida e os seus bens, portanto, tem de ser nomeada uma pessoa capaz de o fazer e de o fazer representar. Para todos os efeitos, esta pessoa vai representar o utente, seja por questões legais, seja por questões económicas, tudo aquilo em que ele precisa de ser representado, ou seja, ele deixa de ter qualquer tipo de poder ou representação. Habitualmente nestes processos tutórios existe um tutor, um pro-tutor e um conselho de família. Na maioria dos casos, em que por exemplo, a tutela não é, ele vive aqui, imagina estar aqui no Lar Residencial e a tutela não é da instituição, é de um familiar, a instituição normalmente está representada neste conselho de família. Imagina, eu sou tutora de um deles e agora lembrava-me que eles tinham bens, vender os bens todos e ficar com o dinheiro. Este conselho de família tem de ser ouvido, ou seja, o tutor para fazer qualquer movimentação de dinheiro, qualquer venda de tudo o que é relacionado com o tutelar tem que ter autorização do tribunal e deste conselho de família, isto permite assegurar que, não são esquecidos os direitos do utente, nada é feito que o possa prejudicar. Eu até posso achar que devo vender aquilo, que é o melhor, se o tribunal achar que não, ou por exemplo, alguém do conselho de família achar que não, que aquilo é um aproveitamento, não é permitido fazê-lo.

**Eu-** Acho que já percebi quais são os critérios da escolha do tutor...

**Dra. Eduarda-** Tem a ver com se há ou não há família capaz e que queira assumir esse papel, e depois nenhuma destas figuras é escolhida sem ser ouvida pelo tribunal. Eu até posso me propor para tutor mas se o tribunal, e já nos aconteceu, uma pessoa, um familiar deu entrada num processo de interdição com interesses e o tribunal chama-nos, conforme em formato dos interesses do cliente porque ele estava aqui! Nós achámos que aquela pessoa, e mostrámos ao tribunal, que aquela pessoa não era a pessoa certa para o representar, por N situações e não foi nomeada tutora. Foi nomeada a instituição. Portanto, esta decisão por último é do tribunal.

**Eu-** E agora, em relação às oportunidades de formação, quais são os critérios e os procedimentos essenciais para a tomada de decisão sobre o tipo de oportunidades de formação profissional, CAO, proporcionados aos utentes?

**Dra. Eduarda-** É uma questão que eu não sei responder muito bem, mas... Eles saem da escola...

**Eu-** Muitos deles andaram na escola regular?

**Dra. Eduarda-** Sim! Saem da escola e é feita uma avaliação por parte da equipa técnica da formação profissional sobre a possibilidade e as capacidades que esta pessoa tem para enveredar neste ramo da formação profissional ou não, e em que contexto. Depois, vai de encontro aos interesses deles, mas efetivamente, ela até pode ter interesse por uma área, mas não tem capacidade para aquela área, tenta-se fazer um ano numa área, depois faz um ano na outra área, para ver se realmente conseguimos chegar aquela que efetivamente é a área de eleição para a formação profissional. Muitas vezes, percebemos que claramente não têm capacidade para o contexto de formação profissional e entra imediatamente para o Centro de Atividades Ocupacionais, no entanto, sempre que possível, dá-se a oportunidade de frequentar a formação profissional.

**Eu-** A última pergunta, existe a preocupação de ir ao encontro dos sonhos, desejos e individualidade de cada utente? Como procedem as pessoas da instituição neste domínio?

**Dra. Eduarda-** No Plano de Desenvolvimento Individual são ouvidos todos os sonhos de cada um, são ouvidas as necessidades, expectativas deles e da própria família. Muitas vezes aquilo que é expectável para a família, não é para ele (utente) e temos de encontrar aqui um equilíbrio para que todos saiam satisfeitos. Muitos dos sonhos deles, realmente, há sonhos que não são concretizáveis e nós tentamos levá-lo (utente) ao encontro de um sonho que possa ser concretizável. E depois há os sonhos que são mais fáceis de concretizar e os sonhos que não são fáceis de concretizar, acho que existe neste momento um... Se calhar de à um ano para cá uma necessidade e uma procura por parte de toda a gente em concretizar os sonhos deles,



porque realmente percebemos que eles são muito felizes quando nós conseguimos concretizar os sonhos deles. E às vezes é fácil, se calhar nós nem pensávamos muitas vezes sobre isso, mas depois começamos a perceber que se calhar era muito mais fácil do que aquilo que imaginávamos...

**Eu-** E até porque, de certa forma, dá algum sentido à vida!

**Dra. Eduarda-** Sim, sim, á deles e à nossa! À deles porque efetivamente concretizaram um sonho e à nossa porque conseguimos concretizar o sonho de alguém. Muitas vezes, se calhar, também porque pensamos que a esperança média de vida ou a esperança de vida deles é tão curta que realmente nós acabamos por ter que dar sentido aquela vida. Não sabemos se acaba hoje, amanhã, daqui a um ano ou dois, é como dar sentido aquela passagem! É um bocadinho isso.

**Eu-** Obrigada pela sua entrevista!

## Anexo 15

---

**Temática/Conteúdo:** Questões sobre o modo como a CERCIAG funciona.

**Documento enviado por e-mail a 12 de outubro de 2016**

**Recebido a 19 de outubro de 2016**

**Nome:** Pedro Galveias

**Formação:** Psicologia e Gestão de Empresas Sociais

**Cargo na instituição:** Director técnico e coordenador dos Centros de Actividades Ocupacionais, Coordenador do Programa Átomo de Educação Afectivo-Sexual, Coordenador do Grupo de Autorepresentantes

### **1- Quais são os principais objetivos da instituição?**

A CERCIAG é uma Cooperativa de Solidariedade Social de utilidade pública, que tem como missão a defesa incondicional dos direitos de públicos desfavorecidos, designadamente de pessoas com deficiência e/ou Incapacidade, apoiando a sua participação e (re) integração na vida social e profissional, promovendo o exercício pleno da sua cidadania através de um conjunto integrado de acções e serviços personalizados e de valor.

Centra a sua capacidade de intervenção nos domínios do ensino especial, formação e emprego, actividades ocupacionais e socialmente úteis, apoio em residência e no domicílio e intervenção social, enquanto entidade promotora do Projecto ADRO (CLDS 3G), desenvolvendo processos e métodos de intervenção integrados, numa perspectiva holística da pessoa e da sua situação.

Assume-se como organização líder na área da prestação de serviços sociais de interesse geral, orientada para as pessoas e para a satisfação plena das suas necessidades e expectativas, com vista ao desejável reforço da sua competitividade e eficácia e com total respeito pelos princípios da responsabilidade social e do desenvolvimento sustentado.

Privilegia uma actuação centrada na pessoa e descentralizada na acção, estabelecendo relações de compromisso com parceiros sociais locais, regionais e nacionais, pautando a sua intervenção pela procura e identificação de oportunidades de melhoria em parceria com outras entidades, públicas e privadas, procurando os melhores processos, ideias inovadoras e procedimentos de operação mais eficazes que conduzam a um desempenho superior, enquadrado na sua estratégia de desenvolvimento. A promoção e a defesa dos direitos das suas pessoas, nomeadamente dos destinatários directos das acções, são valores considerados fundamentais pela CERCIAG, numa perspectiva de desenvolvimento e melhoria

continua da sua intervenção institucional, no reforço dos princípios básicos relativos ao exercício de Direitos e, em geral, à imagem da organização, de forma a garantir o respeito total pela Dignidade Humana, pela Liberdade, pela Igualdade, pela Solidariedade e pela Protecção da Saúde, da Segurança e da Dignidade das Pessoas, garantindo também, a proibição do trabalho infantil e de qualquer forma de discriminação ou abuso, seja moral ou sexual. A Política de Direitos tem como objectivo informar e promover o seu exercício numa tradução acessível e prática das leis e normas instituídas, e em conformidade com o Código de Ética, estabelecendo directrizes e princípios para actuação da CERCIAG no que se refere à protecção, promoção e consciencialização dos Direitos Humanos nos seus projectos e actividades, nomeadamente no que se refere ao equilíbrio de género no acesso às actividades e serviços da organização.

Ainda como entidade que promove os direitos das pessoas com deficiência, a CERCIAG foi contemplada pelo Prémio MIES - Mapa de Inovação e Empreendedorismo Social, no âmbito do seu Projecto Átomo – Projecto de Educação Afectivo-Sexual, tendo sido reconhecida pelo seu esforço e trabalho desenvolvidos na promoção e fomento de comportamentos saudáveis, dotando as Pessoas com Deficiência ou Incapacidade de mais informação, tornando-as menos vulneráveis a situações de abuso e maus-tratos, e na sua luta diária para a existência de pais/familiares mais informados e menos receosos, menor preconceito e discriminação, com respeito pelos direitos e necessidades das pessoas com Deficiência ou Incapacidade. A presidente do Grupo de Auto-representantes da CERCIAG é um dos três elementos dinamizadores da PNAR – Plataforma Nacional de Auto-representantes, movimento recém criado que agrega pessoas com deficiência e/ou incapacidade na sua luta pelos direitos e autodeterminação e que faz ainda parte de outras plataformas europeias.

Internamente, todos os documentos de orientação basilares e que estão intrínsecos à cultura organizacional, contemplam as linhas de intervenção fundamentais consagrados nas Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas, Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia e especificamente na Declaração de Direitos das Pessoas Deficientes, bem como o que está consagrado na nossa Constituição da República e que dão origem aos documentos estratégicos de intervenção como são os Planos que definem as políticas públicas nesta matéria.

A CERCIAG detém a Certificação de Excelência dos Serviços Sociais (EQUASS - European Quality in Social Services) pela European Platform for Rehabilitation – EPR), reconhecida assim, tanto a nível nacional como europeu, pelo seu trabalho diário na sua área de intervenção (deficiência).

**2- Que tipo de serviços/respostas oferece aos seus destinatários (clientes)?  
(Quando falo em serviços, refiro-me ao CAO e ao serviço domiciliário, por exemplo.)**

A CERCIAG promove a inovação, qualidade e sustentabilidade das respostas que disponibiliza e a promoção dos direitos das Pessoas que apoia, por processos de

representação e formação sustentadas em lógicas de reconhecimento, validação e acreditação na comunidade e junto dos interlocutores institucionais, potenciando a participação activa dos clientes na tomada de decisões.

Define respostas específicas para necessidades diferenciáveis através de um conjunto integrado de serviços: Centro de Recursos para a Inclusão, Orientação vocacional, Formação Profissional, Apoio ao emprego, Actividades Ocupacionais -Centro e Domicílio, Residências e Apoio Domiciliário.

Dispõe das áreas técnicas: Psicologia, Serviço Social, Terapia Ocupacional, da Fala, Fisioterapia, Actividade Física Adaptada, Estimulação Sensorial, Avaliação Psicossocial e Tecnologias de Informação e Comunicação.

Paralelamente, colabora com outras estruturas da comunidade, na área da acção social: participação na CPCJ, Rede Social-representante do Núcleo Executivo, Núcleo Local de Inserção (RSI), na Plataforma Territorial Supre-Concelhia do Baixo Vouga e Conselho Geral do Agrupamento de Escolas Águeda.

Apoiou em 2015 mais de 700 Clientes distribuídos por uma área de abrangência que compreende os concelhos de Águeda, Anadia, Oliveira do Bairro, Albergaria-a-Velha e Sever do Vouga.

É ainda Entidade Promotora do Contrato Local de Desenvolvimento Social – CLDS 3G no concelho de Águeda, tendo um projecto de desenvolvimento local para 3 freguesias durante 3 anos, financiado pelo POISE – Portugal 2020.

### **3- Tem limite de inscrição de utentes?**

Todas as instituições têm limite de admissão de utentes/clientes, dependendo da capacidade da resposta social ou outro tipo de resposta (educacional, de formação, etc.) Relativamente à inscrição (inscrição que implica a entrada numa Lista de Espera caso não exista vaga), não tem limite, obviamente.

### **4- Quando é que a instituição nasceu? Tem ajudas por parte do Estado?**

A CERCIAAG foi fundada em 1977 como Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Águeda, CRL tendo alterado a sua designação em 2015 para Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos com Incapacidades de Águeda, CRL. A sua fundação resultou da iniciativa de Pais e Professores que se uniram e, em conjunto, procuraram encontrar uma alternativa válida para que as crianças com deficiência e em idade escolar pudessem frequentar uma escola privada, uma vez que, na denominada “escola pública”, não havia lugar para as receber. Ainda em 1977 é credenciada pelo Instituto “António Sérgio” do Sector Cooperativo, hoje Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES) e é declarada em 1980, por decreto governamental, Instituição de Utilidade Pública. Em 1998, por força da alteração do Código Cooperativo, passa a ser, juridicamente, uma

Cooperativa de Solidariedade Social, para mais tarde, em 1999, ser equiparada a Instituição Particular de Solidariedade Social.

A CERCIG, tal como todas as instituições congéneres, recebe financiamento do estado de diferentes ministérios consoante a sua área de intervenção. As instituições prestam um serviço público que o estado delega nelas para prestar. Este apoio advém principalmente de 3 ministérios principais: **IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional, I.P.** (Acordo de Cooperação - Centro de Recursos); **Instituto de Segurança Social, I.P.** (Centros de Actividades Ocupacionais; Actividades Ocupacionais no Domicílio; Serviço de Apoio Domiciliário; Lares Residenciais); **Ministério da Educação** (Escola de Ensino Especial e Centros de Recurso para a Inclusão); Recebe outros financiamentos pontuais de Programas Operacionais. (ver mais infos no site)

**5- Os/as colaboradores/as que trabalham diretamente com os utentes têm formação para otimizar esse desempenho? Por favor, especifique em relação aos/as colaboradores/as que tratam da higiene e estão nas salas com os utentes.**

Todos os colaboradores da CERCIG têm um Plano de Formação adaptado e adequado às suas funções específicas que é estabelecido anualmente e tem a sua origem no Plano de Desenvolvimento da Avaliação de Desempenho e do levantamento de necessidades que é efectuado junto de cada colaborador. Existem ainda formações que a CERCIG considera fundamentais para os seus colaboradores, nomeadamente primeiros-socorros, empowerment, direitos das pessoas com deficiência, etc. Estas formações são proporcionadas pela CERCIG aos seus colaboradores ciclicamente.

**6- Quanto aos utentes e à sua situação pessoal/individual e privada, como é que as colaboradoras lidam? Existe na instituição um código de conduta ou equivalente nesta matéria?**

Tendo por base a Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas, Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia e especificamente na Declaração de Direitos das Pessoas Deficientes, bem como o que está consagrado na nossa Constituição da República, e com uma metodologia de intervenção baseada no Planeamento Centrado na Pessoa e na Pedagogia da Interdependência (documentos basilares que todos os colaboradores conhecem e dos quais têm formação). Existe um programa de Educação Afectivo-Sexual transversal a toda a instituição onde são abordadas, além de outras, são abordadas as temáticas da privacidade e da intimidade. Não consideramos a existência dum código de conduta específico nesta matéria já que está implícita a metodologia de intervenção e faz parte do ADN da CERCIG. Existem contudo documentos estruturantes fundamentais pelos quais a CERCIG se rege: Código de Ética e Manual de Governação (consultar no site [cerciag@cerciag.pt](mailto:cerciag@cerciag.pt)).

**7- Pelo que me foi dado conhecer, muitos dos utentes não têm família, ou tendo, têm pouco contacto com ela. Como é que a instituição promove a ligação entre os utentes e as suas famílias?**

Não existem na CERCIAG situações de “abandono propositado” por parte de familiares. Alguns clientes, por diversas razões, têm menos contacto com as famílias e estão integrados nas Unidades Residenciais – ou porque as famílias já não têm condições físicas para cuidar dessa pessoa, ou porque faleceram os principais cuidadores, ou porque o quadro clínico é demasiado complexo mesmo para os familiares, etc - . Destes clientes, os que as famílias ainda têm condições, visitam os seus familiares regularmente na morada de origem ou vice-versa (vêm os familiares à Unidade Residencial). Os casos pontuais de pouco contacto são geridos individualmente com o agregado e geralmente são resolvidos.

**8- Sei também que algumas pessoas pertencentes às instituições são tutoras de alguns utentes, seria possível explicar o papel do tutor e como é atribuído? Quais os critérios?**

**FONTE: INR**

**“Regimes de interdição e inabilitação e da tutela**

**1. Qual a diferença entre interdição e inabilitação?**

A interdição consiste na coartação do exercício de direitos de determinadas pessoas que demonstrem incapacidade poder governar a sua pessoa e os seus bens enquanto que a inabilitação traduz-se apenas na incapacidade de uma pessoa reger o seu património.

**2. Quem pode ser interdito?**

Podem ser interditos todos aqueles que possuam uma anomalia psíquica, surdez-mudez ou cegueira.

**3. Quem pode ser inabilitado?**

Para além das pessoas referidas no número anterior as abusem de uma habitual prodigalidade (despesas ruinosas e injustificadas) ou de bebidas ou de estupefacientes.

**4. Quem tem legitimidade para requerer a interdição ou inabilitação?**

Podem requerer os progenitores (pais), o cônjuge, o curador, qualquer parente sucessível (familiar que está em linha de sucessão) ou o Ministério Público.

**5. Quando pode ser requerida a interdição ou inabilitação?**

Em qualquer altura desde que a pessoa em condições de ser interditado ou inabilitado seja maior, ou no caso de ser menor no último ano de menoridade (17 anos), produzindo neste caso a sentença efeitos a partir da maioridade (18 anos).

**6. O que tem o requerente de incluir no seu requerimento de interdição ou inabilitação?**

Deverá provar a sua legitimidade, mencionar os factos reveladores dos fundamentos invocados, indicar o grau de incapacidade e juntar documentos médicos comprovativos do estado do interditado ou inabilitado, e indicar as pessoas que devem compor o Conselho de Família e que devem exercer a tutela e a curatela.

**7. O que é o conselho de família?**

O conselho de família é composto por parentes, afins, amigos, vizinhos ou outras pessoas que possam interessar-se pelo menor, e cabe-lhe vigiar o modo como são desempenhadas as funções do tutor e ser ouvido antes da sentença do juiz a fim de dar o seu parecer sobre o processo de interdição ou inabilitação.

**8. Interposta (tendo dado entrada) a acção quais os procedimentos que se seguem?**

Serão afixados editais no tribunal e na sede da junta de freguesia da residência do requerido e será este citado para contestar no prazo de 30 dias.

**9. E se requerido (pessoa a interditar ou inabilitar) se encontrar impossibilitado de a receber?**

O juiz designa um curador provisório que será citado para contestar em representação do requerido.

**10. O que se segue posteriormente à contestação?**

Seguirá o processo os seus trâmites (procedimentos) normais.

**11. E após esta?**

Finda a fase dos articulados, ou caso não haja contestação, procederá o tribunal ao interrogatório do requerido (pessoa a interditar ou inabilitar) e à realização de exame pericial (exame que servirá de prova) a fim de averiguar o grau de incapacidade do requerido (pessoa a interditar ou inabilitar).

**12. Qual a tramitação (procedimento) posterior ao interrogatório e exame?**

Se não houve contestação o juiz poderá decretar de imediato a interdição ou inabilitação. Se houve contestação seguir-se-ão os trâmites (procedimentos) normais de um processo até à decisão final.

### **13. O que deve conter a sentença?**

A sentença deverá decretar, definitiva ou provisoriamente, a interdição ou inabilitação, a data do começo, indicará o tutor, protutor ou o curador, e se necessário o subcurador, convocando o conselho de família quando deva ser ouvido. A sentença deverá ser devidamente publicitada.

### **14. Quais os efeitos de declaração de interdito ou inabilitado?**

O interdito é equiparado ao menor.

Em ambas as circunstâncias ficam impossibilitados de exercer o direito de voto e se forem por causa de anomalia psíquica ficam: inibidos do poder paternal; incapazes de testar; não podem ser tutores; poderão celebrar casamento, mas o mesmo poderá ser anulado (impedimento dirimente absoluto - obstam à celebração do casamento)

### **15. A quem incumbe a tutela ou curatela?**

ao cônjuge, salvo se estiver separado judicialmente de pessoas e bens ou separado de facto por culpa sua;

aos progenitores (pais);

a pessoa designada pelos progenitores (pais) em testamento ou documento autêntico ou autenticado;

aos filhos maiores, preferindo o mais velho;

em último caso cabe ao tribunal designar ouvindo o conselho de família.

### **16. E uma instituição não poderá exercer a tutela?**

Em determinadas circunstâncias, não havendo familiares próximos e estarem as pessoas a ser interditas ou inabilitadas a viver na instituição o director desta poderá ser designado tutor.

### **17. O que é o tutor?**

O tutor é a pessoa que deve zelar pelo bem estar, saúde , educação do interdito assumindo os direitos e obrigações dos pais, dentro dos parâmetros definidos na lei e devendo exercer a tutela como um bom pai de família.

### **18. E o protutor?**

O protutor é designado de entre os vogais do conselho de família e tem por atribuição fiscalizar a acção do tutor.

### **19. E o curador?**

O curador assiste o inabilitado, na administração do seu património e executando os actos de disposição de bens entre vivos e todos os que forem especificados na sentença.



## **20. Podem executar todos os actos livremente?**

Não, existem actos a que está vedado o exercício (v.g. dispor gratuitamente dos bens, tomar de arrendamento em proveito próprio, celebrar contratos que obriguem o interdito ou inabilitado a praticar certos actos), sendo considerados nulos se executados, e outros para que necessita de autorização do tribunal (v.g. aquisição e venda de bens, aceitar heranças, intentar acções judiciais), que podem ser anulados oficiosamente pelo tribunal se executados sem a devida autorização ou rectificação.

## **21. Que outras obrigações tem o tutor ou curador?**

Apresentar uma relação do activo e passivo do interditado ou inabilitado e prestar contas ao tribunal, e é responsável pelo prejuízo que por dolo (quando actuou com intenção de prejudicar alguém) ou culpa causar.

## **22. O tutor pode ser remunerado?**

Sim.

## **23. O tutor ou curador pode escusar-se (dispensa) à tutela ou ser removido ou exonerado (desvinculação do cargo)?**

O cônjuge e ascendentes não podem escusar-se (recusar-se fundamentando) à tutela nem ser exonerados salvo em situações especiais, os descendentes podem ser exonerados ao fim de 5 anos a seu pedido se existirem outros descendentes idóneos (sérios), e nos restantes casos podem ser exonerados ou removidos em determinadas circunstâncias e sempre via tribunal.

## **24. Como posso saber se determinada pessoa foi interditada ou inabilitada?**

Através do registo de nascimento onde deve ser averbada (anotação feita à margem com o fim de actualizar o conteúdo ou completá-lo) a sentença.

## **25. E se tiver praticado um negócio durante a acção ou posteriormente a esta com um interditado ou inabilitado?**

Este poderá ser anulado.

## **26. E se o negócio celebrado foi anterior à publicidade (edital) da entrada da acção?**

O negócio é anulável se se provar que ao momento da sua celebração a pessoa a ser interditada ou inabilitada se não encontrava em condições de entender o seu sentido, caso contrário é válido.

## **27. A interdição ou inabilitação poderá ser levantada?**

Pode desde que se verifique que as circunstâncias que lhe deram azo (lugar) não se verificam. Poderá igualmente um interdito passar a inabilitado.

**28. Antes de interditar ou inabilitar uma pessoa deve:**

Se não está devidamente certo da atitude a tomar, deve dirigir-se ao delegado do Ministério Público do Tribunal Cível junto da sua residência, a uma Associação ou Cooperativa ligada à área da deficiência e reabilitação ou ao Instituto Nacional para a Reabilitação, a fim de esclarecer as suas dúvidas.”

**9- Se alguns utentes têm família, porque não fica a família como tutora dessa pessoa?**

**“16. E uma instituição não poderá exercer a tutela?**

Em determinadas circunstâncias, não havendo familiares próximos e estarem as pessoas a ser interditas ou inabilitadas a viver na instituição o director desta poderá ser designado tutor.”

Também, se o Ministério Público considerar que os familiares próximos não têm condições para serem tutores (como acontece com as crianças que são muitas vezes “retiradas” aos pais, por exemplo)”

**10- Quais os critérios e procedimentos essenciais para tomada de decisão sobre o tipo de oportunidades de formação / profissionais / CAO proporcionadas aos utentes?**

Existem no acto da inscrição diversos procedimentos que nos permitem avaliar qual a resposta mais adequada para aquela pessoa, dentro ou fora da CERCIAAG.

Passa invariavelmente pela avaliação psicológica que determinará o Nível de deficiência (condição obrigatória para frequência de Formação ou CAO), uma Avaliação Inicial de Requisitos e uma Avaliação diagnóstica. O conjunto de toda esta informação determinará a resposta a propor ao candidato, no caso da Formação, tendo em conta a sua escolha dos cursos que existem e do despiste vocacional efectuado nos procedimentos anteriores, e no caso do CAO, preenchendo os critérios de admissibilidade, existe um Programa de Acolhimento que implica o conhecimento de todas as actividades existentes por parte do cliente, onde posteriormente será efectuado um Plano Individual tendo em conta as suas escolhas, necessidades, expectativas e potenciais.

Caso a CERCIAAG não consiga dar resposta a uma pessoa após os procedimentos iniciais, encaminha essa pessoa para outra instituição mais adequada ou que tenha vaga.

**11- Existe a preocupação de ir ao encontro dos sonhos, desejos e individualidade de cada utente? Como procedem as pessoas da instituição neste domínio?**

Como já referido anteriormente, o Planeamento Centrado na Pessoa (não me vou alargar sobre este assunto, já que o conheces) tem implícita essa abordagem. O Plano Individual é sempre efectuado com base nessa metodologia. Não compreendemos que seja efectuado de outra forma. Como exemplo refiro que grande parte das actividades existentes na CERCIAAG, como o Rancho Folclórico, as Fanfarras, o grupo de Malabares, o grupo de dança, o grupo de teatro, o programa Átomo, entre outros, nasceram da necessidade de ir ao encontro desses sonhos e desejos dos clientes.

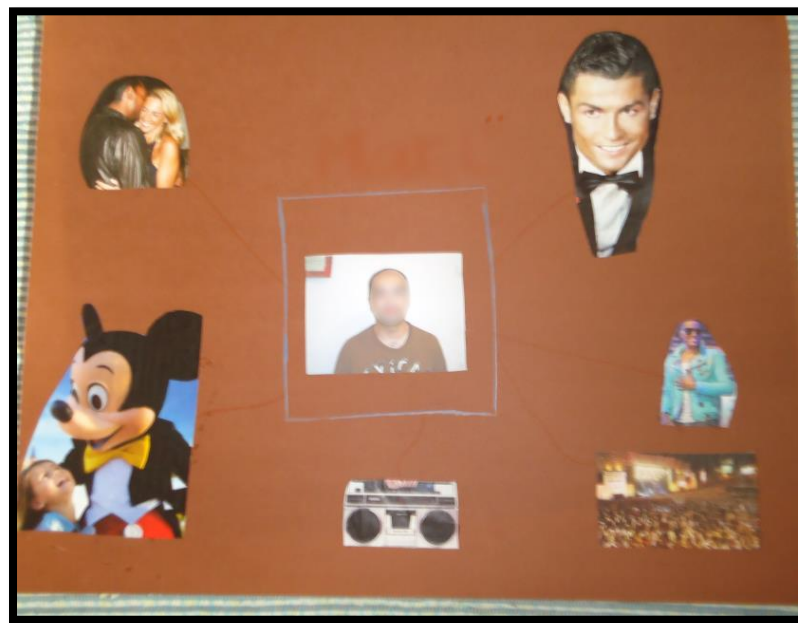
A CERCIAAG dá também grande importância ao movimento autorrepresentativo e ao empowerment dos seus clientes. Estes participam activamente na vida da instituição através do Grupo de Autorrepresentantes (que faz parte da Plataforma Nacional de Autorrepresentantes, sendo a sua presidente um dos 3 elementos dinamizadores), através da participação nas Assembleias Gerais da CERCIAAG, através da existência de elementos nos mais diversos grupos internos (comissões de festas, equipas de diversos eventos e iniciativas, etc.)

Foram os Autorrepresentantes também que elaboraram a Carta de Direitos e a Política de Autodeterminação do Manual de Governação.

## Anexo 16

### *Grupo de Discussão Focalizada – 10 de março de 2016*









## Anexo 17

### Grupo de Discussão Focalizada – 30 de março de 2016

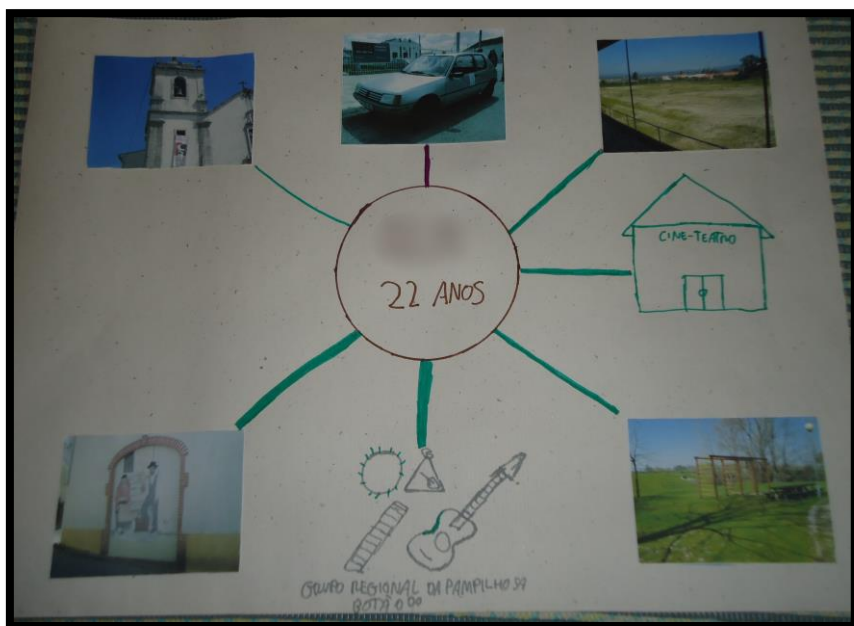


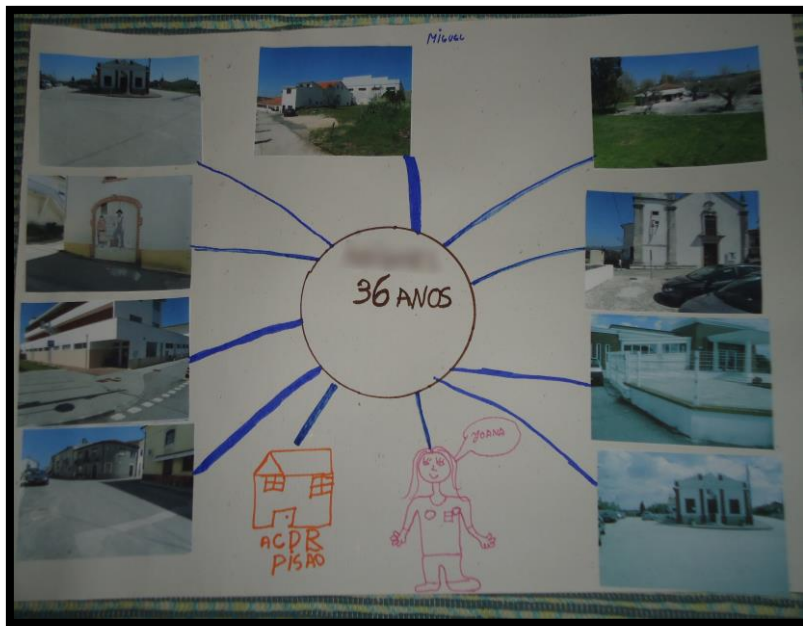




Ecomapa- 22 de abril de 2016










## Anexo 19

**PATH – 20 de maio de 2016**


Cartão do Michael Carneiro.

PRESENTE	QUE AJUDA?	QUE FAZER?	1º PASSO	PRÓXIMO MÊS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• LUIZA RIBEIRO</li> <li>• VIMIEIRA</li> <li>• 36 ANOS</li> <li>• GOSTO DE IR À PISCINA E À MÚSICA</li> <li>• NÃO GOSTO DE TEATRO</li> <li>• ESTOU NO CHO EM CASAL COMBA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sônia</li> <li>• Luíza Neto</li> <li>• Galaxina</li> <li>• ZINDA</li> <li>• MÃE</li> <li>• DR ELISA</li> <li>• DR ANA TERESA</li> <li>• NUNO (CUNHADO)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FAZE A CARTA COM AS ANOTAÇÕES.</li> <li>• AJUDA DO MEU CUNHADO PARA ME LEVAR</li> <li>• ENVIAR A CARTA POR CORREIO.</li> </ul> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FALAR COM AS PESSOAS RESPONSÁVEIS DO C.A.O.</li> <li>• FAZER OS CONTACTOS NECESSÁRIOS.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• PENSAR O QUE ESCRREVER NA CARTA.</li> </ul>

2º PASSO

Estar com o Michael Carneiro.  
 Ouvir música do Michael Carneiro.  
 Jantar com o Michael Carneiro.  
 Enviar carta para o Michael Carneiro.  
 Assistir a um concerto do Michael Carneiro.

PRESENTE	QUEM AJUDA?	QUE FAZER?	1º PASSO	PRÓXIMO MÊS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• LEONTINA ALMEIDA</li> <li>• 53 ANOS</li> <li>• APPACOM ANADIA</li> <li>• SOGO DE DISCADA E ANDAR DE BICICLETA</li> <li>• CASAL COMBA</li> <li>• NÃO SOGO DE JARDINAGEM</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• DEA TERESA LUISA</li> <li>• MATOS (MURKING)</li> <li>• DEA ELISA</li> <li>• DINA FERNANDA (MOTOCISTA APPACOM)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FALAR COM AS DOUTRAS</li> <li>• FALAR COM A ENG. MADOLENA</li> <li>• SR. CARLOS PARA AJUDAR NO TRANS. PORTE</li> <li>• AJUDA DA LUISA PARA ESCOLHER PRENDA PARA OS MEUS IRMÃOS</li> <li>• AMOR QUE SINTO PELOS MEUS IRMÃOS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FALAR COM AS DOUTRAS</li> <li>• FALAR PARA ME AJUDAREM</li> <li>• FAZER OS CONTACTOS NECESSÁRIOS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• AUTORIZAÇÃO DAS DOUTRAS</li> <li>• FALAR COM OS MEUS IRMÃOS (VER O DIA PARA OS VISITAE)</li> <li>• PENSAR NO QUE COMPRAR AOS MEUS IRMÃOS</li> </ul>



IRMÃOS


- ESTAR MAIS TEMPO COM OS MEUS IRMÃOS

- COMPRAR PRESENTE PARA CADA UM

- VISITAR OS MEUS IRMÃOS

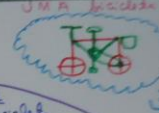
- CONVERSAR COM OS MEUS IRMÃOS

- VIVER COM OS MEUS IRMÃOS





①- TER UMA bicicleta



PRESENTE	QUEM AJUDA?	O QUE FAZER?	1º PASSO	PRÓXIMO MÊS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• CARLIM</li> <li>• 23 ANOS</li> <li>• gosto de cantar e dançar</li> <li>• VIVO NA APPACOM</li> <li>• Amador</li> <li>• Cliente de CAD</li> <li>• CASAL COMB</li> <li>• NÃO GOZO DE jardim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• D. Alexandra</li> <li>• D. Elisa</li> <li>• D. Teresa</li> <li>• Auxíliar</li> <li>• Sónia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FALAR com AS DOUTORAS</li> <li>• Tamen ciclismo</li> <li>• Mais vezes com o Professor CARLOS</li> <li>• Ajuda dos Auxíliar para arranjar material a bicicleta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FALAR com A DOUTORA RESPONSÁVEL por mim</li> <li>• pedir ajuda AO Professor CARLOS</li> <li>• PARA ter mais horas DE treino</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• PENSAR NA DECORAÇÃO DA BICICLETA</li> <li>• DECORAR A BICICLETA</li> <li>• Antecolantes</li> <li>• Com cores VIVAS e com o Meu Nome</li> <li>• Tramar PARA AS PROVAS DE ciclismo (4)</li> </ul>

• TER bicicleta

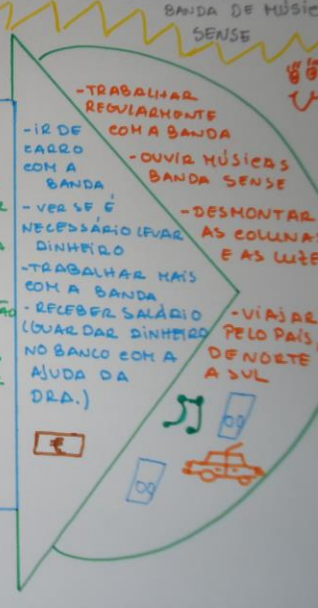
• Andar de bicicleta

• PROVAS DE ciclismo

• Participar e Personalizar a bicicleta

- IR
- UVIANTAS
- dinheiro 2
- Conte com
- Anticidatona

TRABALHA COM REGULARIDADE NA BANDA DE MÚSICA SENSE



PRESENTE	QUEM AJUDA?	O QUE FAZER?	1º PASSO	PRÓXIMO MÊS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• MIGUEL</li> <li>• 33 ANOS</li> <li>• CASAL COMB</li> <li>• RESIDÊNCIA</li> <li>• GOSTO DE PISCINA E BINASTICA</li> <li>• NÃO GOZO DE JARDIM</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• DOUTORA TERESA</li> <li>• MÃE</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• TER BOA COMPORTAMENTO</li> <li>• FALAR COM A DOUTORA TERESA</li> <li>• FALAR COM A BANDA</li> <li>• AJUDA DAS DOUTORAS E DA MÃE PARA TER MAIS AUTONOMIA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FALAR COM A DOUTORA TERESA (PESSOA RESPONSÁVEL POR MIM)</li> <li>• FAZER CONTACTO COM A BANDA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FALAR COM A DOUTORA TERESA (AUTORIZAÇÃO PARA PASSAR MAIS TEMPO COM A BANDA SOB OLHAR DELA)</li> <li>• AUTORIZAÇÃO DA BANDA SENSE PARA TRABALHAR MAIS COM FLES</li> </ul>

- TRABALHAR REGULARMENTE COM A BANDA

- OUVIR MÚSICAS BANDA SENSE

- DESMONTAR AS COLUNAS E AS LITERS

- VIAJAR PELO PAÍS, DE NORTE A SUL

- IR DE FÁCIO COM A BANDA

- VER SE É NECESSÁRIO (VAR DINHEIRO)


- TRABALHAR MAIS COM A BANDA

- RECEBER SALÁRIO (OUAR DAR DINHEIRO NO BANCO COM A AJUDA DA DRA.)

PRESENTE	QUEM AJUDA?	O QUE FAZER?	1º PASSO	PRÓXIMO MÊS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• JOSE ANTONIO</li> <li>• 46 ANOS</li> <li>• VIVE COM OS MEUS IRMÃOS</li> <li>• É AO CASAL COMBA</li> <li>• GOSTO DE MÚSICA</li> <li>• ODEIO SER CHATEADO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• DRA ELISA</li> <li>• DONA FERNANDA</li> <li>• SR. JOÃO</li> <li>• MEU IRMÃO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FALAR COM A DOUTORA</li> <li>• AJUDA DA DONA PERNANDA PARA O TRANSPORTE</li> <li>• ENSAIAR MAIS VEZES COM OS INSTRUMENTOS (COM DRA TERESA)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FALAR COM AS PESSOAS AMIGAS PARA ME AJUDAR</li> <li>• ENTRAR EM CONTACTO COM A BANDA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FALAR COM O MEU IRMÃO</li> <li>• AJUDA PARA ENSAIAR (DRA TERESA)</li> <li>• PENSAR NO QUE VOU DIZER QUANDO CONHECER O GRUPO</li> </ul>

CONHECER OS SANTAMARIA



- CONHECER OS SANTAMARIA
- IR DE CARRO
- OUVIR MÚSICA DA BANDA
- TOCAR INSTRUMENTOS DA BANDA
- LEVAR DINHEIRO E DOCUMENTOS
- VER CONCERTO DOS SANTAMARIA
- COMPRAR CD'S DA BANDA



PRESENTE	QUEM AJUDA?	O QUE FAZER?	1º PASSO	PRÓXIMO MÊS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• RUI FERNANDA</li> <li>• LUSO</li> <li>• GOSTO DE ESCUTAR</li> <li>• COM OS MEUS AMIGOS</li> <li>• AJUDA OS BOMBEIROS DA MICALMADA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• SR. JOÃO</li> <li>• DRA. ELISA</li> <li>• SÓFIA</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FAZER A CARTA</li> <li>• FALAR COM AS DOUTORAS</li> <li>• PEDIR AJUDA PARA O TRANSPORTE</li> <li>• CANTAR AULAS DE CANTO</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FALAR COM AS DOUTORAS</li> <li>• ENTRAR EM CONTACTO COM OS APOIADOS</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• PENSAR O QUE ESCREVER NA CARTA</li> <li>• ENCONTRAR ALGUÉM ESPECIALIZADO PARA DÁR AULAS DE CANTO</li> </ul>

TONY CANSINA

- IR DE CARRO
- LEVAR DOCUMENTOS
- CANTAR COM TONY CANSINA
- FAZER CARTA PARA O TONY CANSINA
- PARTICIPAR NO CD DO TONY CANSINA
- CANTAR AULAS DE CANTO DRA TERESA



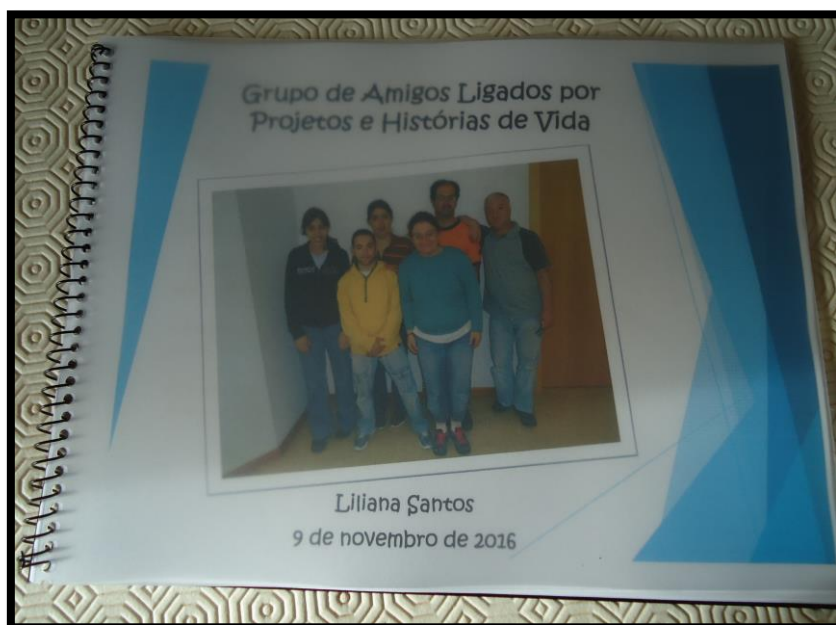


## Anexo 20

---

### 9 de novembro de 2016 – Comemorações do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência









## Anexo 21

### DADOS GERADOS DO ALBERTO – OS PARTICIPANTES: AUTO-PERCEPÇÃO, SONHOS E PROJETOS

PARTICIPANTE	CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIO NAMENT O E REFLEXÃO	SUBCATEGORIA	INDICADORES/FONTE	OBS.
Alberto	Sentido de autodeterminação (Percepção de...)	Independência (autonomia pessoal)	<p>"Tomo banho sozinho, visto-me sozinho ..." (GDF)</p> <p>"[Antigamente] Tinha mais liberdade, tinha mais dinheiro no bolso, tinha a minha mota, a minha namorada... Tinha uma vida ativa!" (GDF)</p> <p>"Eu ia para a escola B na minha mota!" (GDF)</p> <p>"... eu vivo na minha casa." (GDF)</p> <p>"Não, eles [irmãos] têm a casa deles e eu tenho a minha." (GDF)</p> <p>"Temos de ter cuidado ao andar na rua!" (EM)</p> <p>"[É capaz de fazer] Sopa de letras... Andar de mota, soldar..." (EM)</p>	
		Liberdade de escolha e decisões	<p>"...então para não me "pirar" de casa... a minha mãe colocou-me aqui [Centro C]!" (GDF)</p> <p>"Porque me pode passar pela "telha" ir a Coimbra e andar lá 2,3 dias" (GDF)</p> <p>"Sim, eu é que escolho a minha roupa!" (GDF)</p> <p>"Eu não decido nada, só faço o que me mandam! [Em relação à escolha das atividades do Centro]" (GDF)</p> <p>"Não! Se não gosto [de determinada atividade] o que vou para lá fazer?" (GDF)</p>	

			<p>"Sim! [Toma as suas próprias decisões, como participar numa determinada atividade]"(GDF)</p> <p>"Antes do 25 de abril não havia muito bem essa vontade de escolha..." (PV)</p>	
		Limitação/Desafio	<p>"Eu quando nado tenho dificuldade neste braço [esquerdo]." (GDF)</p> <p>"... na piscina só vou ver os meus colegas. Eu não posso nadar!" (GDF)</p>	
		Preferências pessoais	<p>"Eu gosto de música!" (GDF)</p> <p>"Porque a Cristina Ferreira, além de ser uma boa mulher, é uma boa apresentadora." (GDF)</p> <p>"...adoro crianças ..." (GDF)</p> <p>"Quem gosta de animais gostaria de ter um cãozinho destes!" (GDF)</p> <p>"Gosto, mas, não sei cantar." (GDF)</p> <p>"Foi a de tirar fotos [a sessão que mais gostou]!" (EM)</p> <p>"Eu gostei de todas as sessões que tive contigo, principalmente aquela que falaste dos nossos direitos e aquela que fomos tirar fotos..." (PV)</p> <p>"Que é uma música que eu gosto [dos Santamaria]!" (PATH)</p>	
		Sonhos/Desejos	<p>"Tenho tantos [sonhos]!" (GDF)</p> <p>"O meu sonho é ser como era, ter uma banda rock..." (GDF)</p> <p>"O sonho é manter-me aqui!" (GDF)</p> <p>"Arranjar uma mulher só para mim e que me calhasse o Euromilhões." (GDF)</p> <p>"Uma profissão que adorava ter era ser o melhor treinador do Mundo, como este senhor é! [Relativamente à fotografia de José Mourinho]" (GDF)</p> <p>"Um dia, se pudesse cantar, faria um dueto com o David Carreira." (GDF)</p>	

			<p>"Conhecer pessoalmente os elementos dos Santamaria." (PATH)</p> <p>"Fui [ao concerto dos Santamaria na sua imaginação]! E quando me aproximei deles, dei um abraço a todos eles!" (PATH)</p> <p>"Ter contacto com os Santamaria, planejar alguma coisa com eles..." (PATH)</p>	
	Direitos (Perceção de...)	Direitos próprios	<p>"Um bom exemplo: tenho direito a uma refeição todos os dias, tenho direito a água para tomar banho..." (GDF)</p> <p>"Temos o Direito a ter uma sala própria para trabalhar!" (GDF)</p> <p>"Temos direito a ir à casa de banho!" (GDF)</p> <p>"Se trabalharmos, temos direito a ter um ordenado mensal!" (GDF)</p> <p>"Tenho direito a ser respeitado!" (GDF)</p> <p>"Direito a ter uma alimentação razoável!" (GDF)</p> <p>"Ter direito a uma sala própria para os trabalhos!" (GDF)</p> <p>"Ter direito a tomar, pelo menos, duas vezes café por semana!" (GDF)</p> <p>"[Direito a ter atividades como] Hipoterapia, cavalos..." (GDF)</p> <p>"Temos direito a estar 10 minutinhos com o nosso amor!" (GDF)</p> <p>"[Direito a] Ter acesso à saúde..." (GDF)</p> <p>"Temos Direito a ser ajudados, como Direito a tentar ajudar os outros..." (GDF)</p> <p>"É um direito nosso [ser ajudado] e uma dever delas [dar ajuda], não é isso?" (GDF)</p>	
		Significado atribuído aos direitos próprios	<p>"Só que, maior parte dos portugueses não sabe que Direitos são esses..." (GDF)</p> <p>"Porque uma pessoa só com deveres nunca chega a fazer nada..." (GDF)</p> <p>"[Os direitos são importantes na vida porque servem para] Tornar as coisas mais fáceis..." (GDF)</p> <p>"É um direito nosso e um dever delas [colaboradoras, ajudar], não é isso?" (GDF)</p> <p>"[Direito a uma sala para os trabalhos, é importante] Porque nós somos muitos e não convém trabalharmos todos na mesma sala, não é? Dividir quatro numa sala, quatro noutra..." (GDF)</p> <p>"[Direito a ter atividades como: música, teatro, ciclismo, piscina, ginástica, etc., é importante]</p> <p>Para termos uma vida ocupada..." (GDF)</p>	



			"[Direito a namorar, é importante porque] Qualquer pessoa tem esse direito..." (GDF)	
		Ser escutado	S/Indicadores	
	Inclusão Social (Percepção de...)	Sentido de pertença à comunidade	"[No Dia Mundial do Sorriso] Andámos por aí a tirar fotos à população com uns tais malucos, com umas cabeleiras pretas (eles próprios) ... " (PV)	
		Participação na comunidade	S/Indicadores	
	Relações Interpessoais (Percepção de...)	Rede de apoios informais	<p>"Um irmão e uma irmã." (GDF)</p> <p>"Foram lá almoçar, a minha sobrinha e os meus tios que têm duas filhas gêmeas ... " (GDF)</p> <p>"É muito importante para a minha vida! Tanto a minha irmã como o meu irmão!" (EM)</p> <p>"Porque ele [irmão] é como se fosse meu pai..." (PATH)</p>	

		Rede de apoio formais	<p>"Sim, as funcionárias daqui [ajudam]..." (GDF)</p> <p>"Conhecer novos adversários [nas provas]..." (GDF)</p> <p>"... também tirei [fotografia] aqui à loja da Senhora Manuela que nos tem ajudado muito..." (EM)</p> <p>"O senhor do trator é o nosso enfermeiro..." (EM)</p> <p>"Tenho aqui uma senhora [apontando para a imagem], mãe de uma colega minha, que mostra ter vontade de trabalhar!" (EM)</p> <p>"Com a reforma que eu tenho, pagar isto aqui, quando chegasse ao dia 15 estava a pedir ao vizinho do lado." (EM)</p> <p>"Ou o senhor Joaquim [motorista da instituição A para a ajudar a realizar o sonho]..." (PATH)</p> <p>"Porque eu estou à responsabilidade delas [Doutoras], não é?" (PATH)</p> <p>"Falar com a Dona Fátima [motorista instituição A]..." (PATH)</p> <p>"A Dra. Tânia [ajudar a tocar os instrumentos]!" (PATH)</p> <p>"Falar com a Dra. Tânia e autorização da banda para poder trabalhar mais com eles..." (PATH)</p>	
	Bem-Estar Físico (Perceção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	S/ Indicadores	
		Estado de saúde próprio	<p>"... neste momento, só tenho metade do cérebro a funcionar..."(GDF)</p> <p>"A minha parte direita morreu!" (GDF)</p>	

		Participação em atividades que promovem a mobilidade/saúde	"Eu participo na música, equitação..." (GDF)	
	Bem-Estar Emocional (Percepção de...)	Satisfação com a vida	"Estou satisfeito com a vida que levo atualmente, mas nada comparada com a que levava antigamente." (GDF) "[Espaços verdes] Faz-nos sentir descansados, para repousar um bocadinho, meter a cabeça em dia, não é?" (EM) "É uma alegria andar aqui [no Centro C], em relação à que eu andava!" (MS) "Pensam, mas não tanto como eu [na vida que poderia ter tido]! Eu passo noites que nem consigo adormecer..." (PV) "Emoção [quando está no futuro que deseja criar]..." (PATH)	
		Emoções/sentimentos perante as situações da vida	"Antes do jogo começar, nós temos sempre aquele nervoso..." (MS) "Tenho saudades desta escola [antigas instalações da instituição A] ... Aqui é a entrada da nossa nova escola, acho que todos sabem e todos sentem o mesmo que eu!" (EM)	
	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situação Financeira	"Tenho dois ou três [CD's Santamaria]..." (PATH) "Claro [levar dinheiro e documentos para ver os Santamaria]!" (PATH)	
		Condições de habitação	"E neste momento, vivo com os meus irmãos." (GDF) "Sim, tenho sala, quarto, casa de banho e cozinha." (GDF) "Tem outra estabilidade, tem muito mais condições [Centro C]..." (EM)	

		Outras condições de Bem-Estar Material	<p>"Numa semana dá-me um o almoço e o jantar, na outra semana é o outro." (GDF)</p> <p>"No sábado apresentaram-me batatas fitas com leitão assado à Bairrada. Mas eu não comi batatas fritas, comi arroz!" (GDF)</p> <p>"A Páscoa foi outra coisa, no domingo tinha borrego e sopa de legumes... E sobremesas tinha, tarte de ananás, mousse de chocolate, baba de camelo, natas do céu..." (GDF)</p> <p>"De carro [ver os Santamaria]..." (PATH)</p>	
	Desenvolvimento Pessoal (Perceção de...)	Percorso educativo/Trabalho/ Ocupação	<p>"22 anos [idade que ingressou na instituição A]" (GDF)</p> <p>"[Tem habilidade para] Pintar..." (GDF)</p> <p>"Tirei aqui à escola, porquê? Porque todos nós frequentámos uma escola primária..." (EM)</p> <p>"[Foi na escola primária] Que me transformei homem!" (EM)</p> <p>"[Na escola primária] Aprendi a resolver certos problemas ... E aprendi a comportar-me!" (EM)</p> <p>"Tirei esta foto, para que lembrar da primeira escola da instituição A que tive..." (EM)</p> <p>"Porque a primeira instituição onde andei, foi aqui [apontando para instalação da instituição A]..." (EM)</p> <p>"Eu ia casar em agosto e tive o acidente em maio... Já poderia ter os meus filhos, a minha mulher... Oh pá, eu chorava! Via os meus colegas a passar de mota e eu não poder conduzir..." (PV)</p> <p>"Tinha uma vida muito ativa, eu jogava futebol no União de Coimbra, trabalhava e tocava num conjunto da cidade J, mal tinha tempo para dormir!" (PV)</p> <p>"Porque eu também vivia de serralharia, era soldador!" (PATH)</p>	

		<p>Momentos-chave na vida</p> <p>“Eu tive um acidente de trabalho...” (GDF)</p> <p>“Infelizmente os meus pais já morreram, a minha mãe com Alzheimer e o meu pai com três tumores, um na cabeça, outro nos pulmões e outro na garganta.” (GDF)</p> <p>“Quando tinha a minha mota tive um acidente, tudo por excesso de álcool.” (GDF)</p> <p>“O acidente que eu tive deu-me cabo da vida!” (PV)</p> <p>“O que me aconteceu já foi há uns anos atrás...” (PATH)</p> <p>“O meu sonho foi-se quando tive o acidente...” (PATH)</p>	
		<p>Atividades de lazer</p> <p>“Além de ver televisão, ouço música, jogo cartas, sudoku, damas...” (GDF)</p> <p>“Para termos uma vida ocupada [as atividades] ...” (GDF)</p> <p>“Conhecer os Santamaria, ouvir músicas dos Santamaria, trocar instrumentos da banda, ver concerto dos Santamaria [passos para realizar o sonho]...” (PATH)</p> <p>“Preciso de treinar [com os instrumentos idênticos aos da banda]!” (PATH)</p> <p>“Pensar no que vou dizer quando conhecer o grupo... Ser simpático, claro!” (PATH)</p> <p>“Arranjar quem me leve, quem me dê boleia [a ver o concerto dos Santamaria]...” (PATH)</p>	
		<p>Autoimagem</p> <p>“Os teus “stores” não se admiram de nós sermos deficientes e fazermos assim um trabalho?” (GDF)</p> <p>“Eu tive um acidente e fiquei assim, porque eu era normal...” (GDF)</p> <p>“É incrível como aprendes com pessoas inferiores a ti.” (GDF)</p> <p>“Oh pá, tu tens um curso, nós não!” (GDF)</p> <p>“Mas sabes mais...” (GDF)</p> <p>“Quando tinha a minha mota tive um acidente, tudo por excesso de álcool.” (GDF)</p> <p>“E considero-me normal...” (GDF)</p> <p>“Que é para provar que tenho jeito para alguma coisa [levar as fotografias que tirou para casa] ...” (MS)</p>	

			<p>“Porque eu sou um bocadinho “desnortado”, “despassarado” a andar na rua...” (MS)</p> <p>“Todos temos problemas, não é?” (MS)</p> <p>“Nós não somos incapazes, nós somos capazes de qualquer coisa, não é?” (MS)</p> <p>“Eles (elementos do grupo) são meios malucos, o que disseram não interessa...” (PV)</p> <p>“Somos todos malucos, somos quase doidos!” (PV)</p> <p>“Eu considero-me um homem com azar...” (PV)</p>	
--	--	--	---	--



## Anexo 22

### DADOS GERADOS DA CRISTINA – OS PARTICIPANTES: AUTO-PERCEPÇÃO, SONHOS E PROJETOS

PARTICIPANTE	CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO	SUBCATEGORIA	INDICADORES/FONTE	OBS.
Cristina	Sentido de autodeterminação (Percepção de...)	Independência (autonomia pessoal)	<p>"Eu também! [Considera ser uma pessoa independente]" (GDF)</p> <p>"Quando uma pessoa está constipada ou doente temos o direito a ir com alguém connosco..." (GDF)</p>	
		Liberdade de escolha e decisões	<p>"Sou eu que preparo a minha roupa!" (GDF)</p> <p>"Nós temos o plano das atividades e de vez em quando, eu principalmente, vou lá ver quais são as atividades que tenho." (GDF)</p> <p>"Não, são as doutoras que fazem o plano. Elas é que decidem!" (GDF)</p>	
		Limitação/Desafio	<p>"...e na prova de ciclismo, olha, não tive tanta força, mas, fiquei em 2º lugar!" (GDF)</p>	



		<p>Preferências pessoais</p> <p>“Eu gosto muito [de natação] porque tenho provas e vou ...” (GDF)</p> <p>“...mas gosto mais da atividade aquática e de ciclismo.” (GDF)</p> <p>“... posso escrever por baixo da imagem “Eu gosto das músicas do Mikael Carreira?”” (GDF)</p> <p>“Nunca fiz, mas gostava de fazer... Tênis...” (GDF)</p> <p>“Ciclismo e natação [deportes preferidos] ” (GDF)</p> <p>“Aqui é o Anselmo Ralph, gosto muito das músicas dele. Acho que é um bom cantor!” (GDF)</p> <p>“Gosto também de namorar...” (GDF)</p> <p>“E nesta imagem que está o Mikael Carreira e a mãe... Pronto... Também gosto das músicas dele...” (GDF)</p> <p>“...gosto mais de comer...” (GDF)</p> <p>“É simples, salchichas com batatas fritas [comida preferida] ...” (GDF)</p> <p>“Sim! [Gosta do ator Pedro Teixeira]” (GDF)</p> <p>“ Gosto [de sorrir] ...” (GDF)</p> <p>“Eu adoro tirar e tiro muito bem [fotografias]!” (GDF)</p> <p>“E gosto desta foto [do Parque da Via Romana]! (EM)</p> <p>“Se fossem jogos assim fáceis, eu fazia! Agora andar lá a correr a jogar à bola, canso muito e ...” (EM)</p> <p>“[Gostou] De todas [as sessões]!” (PV)</p> <p>“Eu nunca tinha visto um concerto daqueles! Adorei, mesmo!” (PATH)</p> <p>“Sim [gosta da amizade e do convívio com as outras pessoas da comunidade]!” (PATH)</p>	
	5	<p>“As doutoras sabem o meu sonho, no nosso PDI está escrito o nosso sonho! “ (GDF)</p> <p>“Não! [Nega ter outro sonho para além daquele que não pode dizer]” (GDF)</p> <p>“Ter uma vida normal.” (GDF)</p> <p>“...é estar junta ou casar com o homem e estar a fazer a vida normal. Isto é que é a vida que eu queria fazer.” (GDF)</p> <p>“Ter uma bicicleta.” (PATH)</p>	

			<p>"Ir a provas com ela [bicicleta] ..." (PATH)</p> <p>"Mais complicado de vocês quase todos, é o meu [outro sonho]!" (PATH)</p> <p>"Sim! Levar dinheiro... Ir comprar bicicleta..." (PATH)</p>	
	Direitos (Percepção de...)	Direitos próprios	<p>"Direito a respeitar uns aos outros..." (GDF)</p> <p>"Direito a ter aulas de teatro!" (GDF)</p> <p>"Na semana passada tive Direito a ir ao médico..." (GDF)</p> <p>"[Direito] A ir ao Doutor..." (GDF)</p>	
		Significado atribuído aos direitos próprios	<p>"Eu estava a dizer que todas as pessoas tem de ter o seu Direito..." (GDF)</p> <p>"[Direito a ir ao médico, é importante porque] Quando uma pessoa está constipada ou doente temos o direito a ir com alguém connosco... Não vamos sozinhos!" (GDF)</p> <p>"[Direito à educação, é importante porque] Então porque nós temos de ter o direito a ter educação como as outras pessoas..." (GDF)</p>	
		Ser escutado	<p>"Eu não tive essa oportunidade [de ter direitos], não é? ... Beber no biberon, não..." (GDF)</p>	
	Inclusão Social (Percepção de...)	Sentido de pertença à comunidade	Sem indicadores	
		Participação na comunidade	<p>"Eles [crianças do infantário] é que vem cá!" (GDF)</p> <p>"[Fazer] Maquilhagem [para ir ao baile] ..." (GDF)</p> <p>"Eles ajudam-nos muito e gosto de estar com os idosos." (EM)</p>	

	Relações Interpessoais (Perceção de...)	Rede de apoios informais	<p>"Sim! [tem namorado]" (GDF)</p> <p>"Tenho a minha prima que é daqui da aldeia I, é a Sofia..." (GDF)</p> <p>"Os meus pais adotivos como estão... Prontos, a minha mãe adotiva está a fazer tratamento..." (GDF)</p> <p>"Eles [pais adotivos] vem cá buscar-me... De vez em quando vem aqui buscar e levam-me e eu passo o fim-de-semana lá com eles..." (GDF)</p> <p>"Sim, tenho um irmão que está a viver em Coimbra [irmão biológico] ..." (GDF)</p> <p>"É o Celso, só conheço este que está a viver em Coimbra..." (GDF)</p> <p>"Sim, são duas, estão fora daqui [irmãs que não conhece] ..." (GDF)</p> <p>"A minha foi aqui passada a Páscoa... Com o namorado cá [no Centro C]." (GDF)</p> <p>"... já não namoro, sabias?" (EM)</p> <p>"O Tiago acabou!" (EM)</p> <p>"[Irmão] Porque é do mesmo sangue que eu..." (EM)</p> <p>"Quando eu não tenho saldo ligo daqui [ao irmão]! Quando tenho saldo ligo eu, quando não tenho ligo daqui da escola, do telefone, do telemóvel daqui da instituição." (EM)</p> <p>"É um amigo [o Roberto]..." (PATH)</p>	
		Rede de apoios formais	<p>"Gosto muito da Patrícia, prometi-lhe que lhe ia pintar as unhas!" (EM)</p> <p>"Eles [idosos] ajudam-nos muito e gosto de estar com os idosos." (EM)</p> <p>"Este é o nosso enfermeiro daqui, que dá as injeções aos miúdos... É o enfermeiro da casa, prontos! Como anda no rancho e tudo..." (EM)</p> <p>"Eu preciso da Dra. [para a ajudar a realizar o sonho]!" (PATH)</p> <p>"Ajuda a ligar-me para o meu irmão [A Dra. Tânia]..." (PATH)</p> <p>"Não, é o outro sonho [de conhecer os restantes irmãos]!" (PATH)</p> <p>"É a parte da Dra. Ana [responsável pela Cristina]..." (PATH)</p>	

			<p>“É a que me ajuda aqui na sala [a Soraia]...” (PATH)</p> <p>“Sim, ou com as Doutororas ou com a Engenheira, porque ela é que é a minha tutora.” (PATH)</p> <p>“Falar com a Engenheira ou com o professor Cristovão...” (PATH)</p>	
	Bem-Estar Físico (Percepção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	<p>“Ontem fui ao médico de família...” (GDF)</p>	
		Estado de saúde próprio	<p>“É assim, natação comigo não é assim muito “coiso” ... Mas faz-me bem, por causa do problema que tenho.” (GDF)</p> <p>“De ser asmática. Sou asmática, não me posso assim cansar muito!” (GDF)</p> <p>“... mas depois, o que é que me receitou? Aquilo para as aftas, que eu apanho muitas vezes aftas e por causa da parte do estômago, sou muito atacada a isso.” (GDF)</p> <p>“Eu é por causa da parte da cabeça, da parte do álcool e essas coisas...” (GDF)</p>	
		Participação em atividades que promovem a mobilidade/saúde	<p>“Eu é ciclismo e prova, e piscina também [atividades preferidas].” (GDF)</p> <p>“Eu participo em todas [as atividades] ...” (GDF)</p> <p>“Esta semana tivemos prova de remo...” (GDF)</p> <p>“Aqui é o pavilhão, aqui em baixo, onde nós fazemos atividade física.” (EM)</p>	
	Bem-Estar Emocional (Percepção de...)	Satisfação com a vida	<p>“...fiquei toda feliz, toda contente [quando ficou em 1º lugar].” (GDF)</p> <p>“Em segundo [lugar], mas não queria!” (GDF)</p> <p>“Eu estou! [Satisfeita com a vida que leva]” (GDF)</p> <p>“Mais ou menos. [Nega estar satisfeita com a vida que tinha]” (GDF)</p> <p>“Um ciclista de Gaia, esse moço, uma vez foi comigo a uma prova de ciclismo... Disse-me para ter força e deu-me sorte, e eu fiquei em 1º lugar!” (GDF)</p> <p>“Pois, mas custou-me... É muito tempo com uma pessoa...” (EM)</p> <p>“Eu dei cabo de mim por causa dele!” (EM)</p>	

			"Oh pá quando eu soube a novidade, oh pá comecei a chorar, porque ainda gosto dele e ele não me sai da cabeça!" (EM)	
		Emoções/ sentimen- to s perante as situações de vida	Eu na natação fico [nervosa antes da prova]..." (GDF)" "Eu posso-me lembrar de alguma coisa mesmo de mim, é por isso que não quero apresentar hoje..." (GDF) "De vez em quando faço também um bocadito de birra para ir!" (EM)	
	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situaç- ão Finan- ceira	Sem indicadores	
		Condições de habitação	Sem Indicadores	
		Outras condições de Bem- estar Material	Sem Indicadores	
	Desenvolvimento Pessoal (Percepção de...)	Percurso educativo/Trabalho/ Ocupação	"... já estou aqui há bastante tempo. Fui para a vila E, os meus pais os adotivos puseram-me lá, devia ter quê ... uns .... 4 ou 5 anitos por aí." (GDF) "... como fiz a formação profissional e depois andei a estagiar ... e depois vim para aqui!" (GDF) "Sim, para fazer... E tenho que aprender [a cozinhar] ..." (GDF)	
		Momentos- chave na vida	"Quando nasci não tive a vida que nem como tu nem como os outros que aqui estão... Eu tive uma vida muito complicada!" (GDF)	

		Atividades de lazer	<p>“Antes não tínhamos ninguém que fizesse atividades [no Lar Residencial da Instituição A], agora, temos...” (GDF)</p> <p>“E de vez em quando, faz atividades connosco [a prima] ...” (GDF)</p> <p>“Muitas variedades de músicas...” (GDF)</p> <p>“Para enfeitar [a bicicleta] ...” (PATH)</p>	
		Autoimagem	<p>“Sim e já tenho experiência de nadar e saber nadar!” (GDF)</p> <p>“A segunda vez que fiquei em primeiro lugar foi na cidade B...” (GDF)</p> <p>“Na freguesia C fiquei em 1º lugar!” (GDF)</p> <p>“... fiquei em 2º lugar na prova de ciclismo!” (GDF)</p> <p>“Esta semana tivemos prova de remo e eu fiquei em 1º lugar!” (GDF)</p> <p>“...e eu fiquei em 1º lugar [no remo]!” (GDF)</p> <p>“Sim, ganhei uma medalha [no remo] ...” (GDF)</p> <p>“... na prova de ciclismo, olha, não tive tanta força, mas, fiquei em 2º lugar!”</p> <p>“Cada um de nós tem o seu problema...” (EM)</p>	



## Anexos 23

### DADOS GERADOS DA LARA – OS PARTICIPANTES: AUTO-PERCEPÇÃO, SONHOS E PROJETOS

PARTICIPANTE	CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO	SUBCATEGORIA	INDICADORES/FONTE	OBS.
Lara	Sentido de autodeterminação (Percepção de...)	Independência (autonomia pessoal)	<p>"Eu também sou independente!" (GDF)</p> <p>"[É capaz de] Cozinhar!" (EM)</p>	
		Liberdade de escolha e decisões	<p>"Eu é que escolho a roupa." (GDF)</p> <p>"Também sou eu que preparo a minha roupa." (GDF)</p> <p>"Sim, mais ou menos! Eu dou a minha opinião mas tenho de perguntar às doutoras se é, se não é, se fica bem, se não fica." (GDF)</p> <p>"[É capaz de] Cozinhar!" (EM)</p>	
		Limitação/Desafio	<p>"Eu também não sei nadar e vou para a piscina na mesma!" (GDF)</p> <p>"Houve uma vez que eu, na prova da freguesia C, estava na última volta tive de parar porque os pedais já se estavam a partir. Mas fiquei em 2º lugar na mesma!" (GDF)</p>	



			"A minha [limitação] é das pernas..." (GDF)	
		Preferências pessoais	<p>"Ciclismo e rancho [atividades preferidas]." (GDF)</p> <p>"... eu gosto muito de viajar e andar... Passear..." (GDF)</p> <p>"O que mais gosto? Espanha..." (GDF)</p> <p>"... gosto também de comer assim, broa quentinha com manteiga..." (GDF)</p> <p>"...também gosto de andar de carro de praça." (GDF)</p> <p>"Também gosto de ver futebol..." (GDF)</p> <p>"Gosto de estar num sítio a namorar..." (GDF)</p> <p>"E gosto de andar de bicicleta..." (GDF)</p> <p>"Eu adoro [tirar fotografias]!" (GDF)</p> <p>"Gosto de conviver com os idosos..." (EM)</p> <p>"É o campo de futebol, que eu também adoro jogar futebol!" (EM)</p> <p>"...também gostamos de estar a brincar, pronto, fazer jogos, como a gente já fez com o professor Cristovão lá em baixo." (MS)</p> <p>"Eu gostei de todas as sessões... Foi espetacular!" (PV)</p> <p>"Sim [gostava de estar mais vezes com os irmãos]!" (PATH)</p> <p>"Porque gosto muito de flores... Do cheiro e da cor!" (PATH)</p> <p>"Gostei desta [PATH] e da outra [PATH], e a última da fotografia [<i>Photo Voice</i>]." (PATH)</p>	
		Sonhos/Desejos	<p>"Neste momento, era estar com o meu namorado e fazer a minha vida sozinha. Ele já vive sozinho e gostaria de viver com ele!" (GDF)</p> <p>"Casar e sair daqui. E ir para uma padaria ou ... costura." (GDF)</p> <p>"Também me perguntaram se eu não queria fazer a minha vida sozinha... Eu disse que até gostava, mas tenho de ir devagar..." (GDF)</p> <p>"O meu é, estar mais vezes com os meus irmãos." (PATH)</p> <p>"Queria viver com eles [irmãos]!" (PATH)</p> <p>"Ou virem para aqui [Centro C] ou estarmos numa casa à parte." (PATH)</p> <p>"Estar mais tempo com eles..." (PATH)</p>	

			"Todos numa casa [Lara e os irmãos] ..." (PATH)	
	Direitos (Perceção de...)	Direitos próprios	"E temos direito a andar de bicicleta, por exemplo." (GDF) "Direito a ajudar as outras pessoas!" (GDF) "Direito a ter aulas de música!" (GDF) "Temos Direito a andar de bicicleta!" (GDF) "[Direito a ter atividades como] Piscina..." (GDF) "[Direito a ter atividades como] E ginástica!" (GDF) "E Direito a ir a outras instituições..." (GDF)	
		Significado atribuído aos direitos próprios	"[Se a gente não respeita-se os outros andávamos] À batatada e à porrada!" (GDF) "[Direito a ter atividades como: música, teatro, ciclismo, piscina, ginástica, etc., é importante porque] E ganhar provas! Eheheh" (GDF) "[Direito a visitar/conhecer outras instituições, é importante] Para ter mais amizade, mais amigos... Fazer um desporto com eles e para ter mais amizade com eles." (GDF)	
		Ser escutado	S/Indicadores	
	Inclusão Social (Perceção de...)	Sentido de pertença à comunidade	"Esta semana na... segunda... terça... na quarta, na quarta-feira à tarde ainda fomos para a cidade M entregar... cartões dos beijinhos." (EM) "Aqui gosto muito de conviver lá no café, com as pessoas..." (EM) "Aqui [palco de festas] é a ... a... por causa do mês de agosto, gosto de festa!" (EM)	
		Participação na comunidade	"Temos já dia 5, uma prova de ciclismo!" (GDF) "É com as crianças lá no infantário [a peça de teatro sobre a Páscoa]." (GDF)	

	Relações Interpessoais (Percepção de...)	Rede de apoios informais	<p>Tenho [namorado] ... “ (GDF)</p> <p>“Tenho dois [irmãos]...” (GDF)</p> <p>“... ontem estive a falar com a minha irmã que hoje fez anos...” (GDF)</p> <p>“No ano passado vieram cá aos meus anos, tiveram aí... E este ano, não sei ainda se eu vou lá [visitá-los] quando tiver a consulta lá perto para entregar a prenda ou eles vem cá... Ainda não sabemos...” (GDF)</p> <p>“Tenho [amigos fora do Centro C]...” (GDF)</p> <p>“Quando vou para casa da minha madrinha, a minha madrinha não me deixa estar em casa...” (GDF)</p> <p>“E estou com os meus amigos [quando vai para casa da madrinha] ... Eles pagam-me cafés e...” (GDF)</p> <p>“Tive com a minha madrinha...” (GDF)</p> <p>“Nessa quarta-feira fui ver os meus irmãos.” (GDF)</p> <p>“Aqui a minha madrinha como ... Dias de festa ou assim, vem-me buscar. E ela é muita fixe!” (EM)</p> <p>“Às vezes eu vou lá nos anos da minha irmã ou do meu irmão...” (PATH)</p> <p>“Na última vez não comprei, a Doutora é que me deu um creme para dar á minha irmã.” (PATH)</p>	
		Rede de apoio formais	<p>“Fiz um postal para a dona da loja...” (GDF)</p> <p>“Como o grupo que vem da CERCIAG [com quem fazem amizades]...” (GDF)</p> <p>“Para ter mais amizade, mais amigos...” (GDF)</p> <p>“Escuteiros [ajudam o Centro C]!” (EM)</p> <p>“Aqui os idosos igual [ajudam o Centro C]...” (EM)</p> <p>“Aqui gosto da Patrícia ...” (EM)</p> <p>“Drª Tânia, a auxiliar Letícia [para a ajudar a realizar o sonho] ...” (PATH)</p> <p>“E a Drª Eduarda [para a ajudar a realizar o sonho]...” (PATH)</p> <p>“A Dona Fátima, a motorista [da instituição A para a ajudar a realizar o sonho]...” (PATH)</p> <p>“Com a Engenheira Margarida, a minha tutora...” (PATH)</p>	

	Bem-Estar Físico (Percepção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	"Eu na terça-feira fui [ao médico]!" (PV)	
		Estado de saúde próprio	Sem indicadores	
		Participação em atividades que promovem a mobilidade/saúde	"São ciclismo, piscina, ginástica, teatro, música e também temos o rancho." (GDF) "Ah pois, também temos o remo." (GDF) "Terça-feira é que vamos começar a andar de bicicleta!" (GDF)	
	Bem-Estar Emocional (Percepção de...)	Satisfação com a vida	"Sim! [Satisfeita com a vida que tinha antigamente e com a que tem neste momento]" (GDF) "Fiquei contente [por imaginar o que se passou no último ano em relação ao seu sonho]..." (PATH) "Contente [quando está no futuro que deseja criar]..." (PATH)	
		Emoções/sentimentos perante as situações de vida	"Ela [Patrícia] não fez nada por mim, mas, eu tenho pena dela, como ela estar na cama e não andar..." (EM) "Porque penso mais nos meus irmãos, que podia estar ao pé deles [na atividade do PATH]..." (PATH)	
	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situação Financeira	Sem indicadores	
		Condições de habitação	"Não tinha mais sítio para onde ir [quando a mãe faleceu]." (GDF)	

			"Fui na quinta-feira embora para casa [da madrinha], só vim na segunda-feira à noite..." (GDF)	
		Outras condições de Bem-Estar Material	<p>"Depois no sábado fui um bocadito até á loja, cá a cima, comprar-me [a madrinha] coisas ..." (GDF)</p> <p>"...deu-me [a dona da loja] um...um... uma tarde pequena de bolo de chocolate, tem um recheio por dentro... Depois a outra senhora deu-me chocolates, deu-me outros bolos, deu-me..." (GDF)</p> <p>"Deu-me [a outra senhora] um pacote de amêndoas que misturei junto com as outras... Depois a minha professora deu-me 5 euros e essa pessoa que me comprou isso, ainda me deu 3 euros. E o meu padraço ainda me deu um café, descafeinado!" (GDF)</p> <p>"Vou de carrinha [visitar os irmãos], sim!" (PATH)</p>	
	Desenvolvimento Pessoal (Percepção de...)	Percorso educativo/Trabalho/Ocupação	<p>"Quando vim para a instituição, tinha em 19 anos." (GDF)</p> <p>"...agora acabei um trabalho para a minha irmã que... Não entreguei na Páscoa nem nos anos dela... Só que ainda falta acabar." (GDF)</p> <p>"Uma peça de teatro e duas músicas!" (PV)</p> <p>"Fizemos aqui um jogo com a Dânia... [Tinha] Uma mensagem lá dentro... E a gente enchia e aquilo estava lá dentro, depois a gente tinha que rebentar um balão para tirar a folha..." (EM)</p>	
		Momentos-chave na vida	"Eu estou aqui porque a minha mãe faleceu e houve problemas em casa, por isso tive de vir para aqui." (GDF)	

		Atividades de lazer	<p>“Quando a minha mãe foi viva andava sempre [a passear] ao fim-de-semana...” (GDF)</p> <p>“Ouço música e agora, no fim-de-semana tenho que ver se faço as coisas do dia da Páscoa para dar aos meus amigos...” (GDF)</p> <p>“Autorização das Doutoradas, falar com os meus irmãos para ver o melhor dia para visitá-los porque eles estão numa instituição, pensar no que comprar aos meus irmãos...” (PATH)</p>	
		Autoimagem	<p>“Mas aqui na cidade M fui em que fiquei em 1º lugar...” (GDF)</p> <p>“Tenho sempre ficado em segundo lugar e pronto...” (GDF)</p> <p>“À segunda vez é que fiquei em 1º lugar das meninas (no remo)!” (GDF)</p> <p>“Quando a gente não sabe alguma coisa, a gente pede ajuda e elas [colaboradoras] vem ajudar!” (GDF)</p> <p>“Agora assim de repente... Não vejo nenhuma [limitação]” (GDF)</p>	



## Anexo 24

### DADOS GERADOS DA LEONOR — OS PARTICIPANTES: AUTO-PERCEPÇÃO, SONHOS E PROJETOS

PARTICIPANTE	CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO	SUBCATEGORIA	INDICADORES/FONTE	OBS.
Leonor	Sentido de autodeterminação (Percepção de...)	Independência (autonomia pessoal)	“Tomo banho sozinha!” (GDF) “Também (se veste sozinha)!” (GDF) “Às vezes [ajuda a mãe] ...” (GDF) “Ponho a mesa...” (GDF) “Salsichas com batatas fritas [comida que sabe fazer] ...” (GDF) “Ponho a mesa... Varro o chão...” (EM) “[É capaz de] Ir à natação...” (EM)	
		Liberdade de escolha e decisões	“Eu é que escolho a roupa.” (GDF) “Sim! (GDF) “Sim! [Toma as suas próprias decisões, como participar numa determinada atividade]” (GDF))	



		Limitação/Desafio	<p>"Participo em todas [as atividades], menos na equitação e na ginástica." (GDF)</p>	
		Preferências pessoais	<p>"É a piscina [atividade preferida], eu adoro nadar!" (GDF)</p> <p>"E gosto de música!" (GDF)</p> <p>"Gosto muito de flores!" (GDF)</p> <p>"É a rosa [flor preferida]!" (GDF)</p> <p>"Gosto deste comer, adoro! [Apontando para a imagem do prato de bacalhau]" (GDF)</p> <p>"Gosto de fazer compras com a minha mãe!" (GDF)</p> <p>"Esta comida também é boa! [Apontando para a imagem do leitão]" (GDF)</p> <p>"O meu é bolo de côco [bolo preferido]" (GDF)</p> <p>"A anterior [sessão que mais gostou realização do Ecomapa com base nas fotografias tiradas na 1ª sessão]." (PV)</p> <p>"Sim [gosta de andar no Centro C]!" (PATH)</p> <p>"Eu também [gostei de andar de câmara pelas ruas..." (PATH)</p>	
		Sonhos/Desejos	<p>"Era ser feliz com o meu namorado!" (GDF)</p> <p>"Não gostava que acontecesse nada..." (GDF)</p> <p>"O meu sonho é conhecer o Mikael Carreira." (PATH)</p> <p>"Escrever uma carta [ao Mikael Carreira]..." (PATH)</p> <p>"Sim [assistir a um concerto dele]!" (PATH)</p>	

	Direitos (Percepção de...)	Direitos próprios	“Direito a ajudar as outras pessoas!” (GDF) “Direito a ter uma família e uma casa!” (GDF)	
		Significado atribuído aos direitos próprios	S/Indicadores	
		Ser escutado	S/Indicadores	
	Inclusão Social (Percepção de...)	Sentido de pertença à comunidade	“Às vezes vou à igreja, mas não entro lá dentro.” (EM) “Tivemos aqui a presença do Ruizinho de Penacova! Até tirámos fotografias com ele!” (PATH)	
		Participação na comunidade	“Fizemos um baile [no Dia Internacional da Mulher].... “ (GDF) “É os escuteiros, o pavilhão dos escuteiros! ... É onde a gente fazia as festas dos carnavais ... ” (EM)	

	Relações Interpessoais (Percepção de...)	Rede de apoios informais	<p>“Com a minha mãe e o meu padrasto [com quem vive] ...” (GDF)</p> <p>“Duas irmãs, mais novas.” (GDF)</p> <p>“Às vezes vou até à casa da minha avó...” (GDF)</p> <p>“Passei [a Páscoa] com a minha mãe e o meu padrasto...” (GDF)</p> <p>“Porque gosto muito dos meus colegas [do Centro C]!” (EM)</p> <p>“Sim [fora do Centro C tem amigos]!” (EM)</p> <p>“É mais forte [a ligação] com os meus colegas [do Centro C]!” (EM)</p> <p>“Porque gosto muito dos meus colegas!” (EM)</p> <p>“É a minha mãe! ... Se não fosse ela eu não existia no mundo!” (EM)</p> <p>“O meu cunhado [ajudar no transporte]...” (PATH)</p>	
		Rede de apoios formais	<p>“Aqui é a instituição... É muito importante para mim! Se ela não existia, eu não estava aqui!” (EM)</p> <p>“É os escuteiros, o pavilhão dos escuteiros!” (EM)</p> <p>“A Soraia é auxiliar daqui da escola... Podem ajudar a escrever a carta [para o Mikael Carreira]!” (PATH)</p>	
	Bem-Estar Físico (Percepção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	S/ Indicadores	
		Estado de saúde próprio	<p>“Eu vim para aqui porque tenho uma deficiência na coluna.” (GDF)</p>	

		Participação em atividades que promovem a mobilidade/saúde	"Piscina e atividades de sala." (GDF)	
	Bem-Estar Emocional (Percepção de...)	Satisfação com a vida	"Sim! [Satisfeita com a vida que tinha antigamente e com a que tem neste momento]" (GDF)	
		Emoções/sentimentos perante as situações da vida	"As portas estão sempre abertas [para eu voltar]!" (PATH)	
	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situação Financeira	"Levar dinheiro e os documentos [ao concerto]..." (PATH)	
		Condições de habitação	Sem indicadores	
		Outras condições de Bem-Estar Material	"Foi... Churrasco [o comer da Páscoa]..." (GDF) "De carro [assistir ao concerto do Mikael Carreira]..." (PATH)	

	Desenvolvimento Pessoal (Percepção de...)	Percorso educativo/Trabalho/Ocupação	“É muito importante para mim [Centro C]!” (EM)	
		Momentos-chave na vida	Sem indicadores	
		Atividades de lazer	“Vou lá aos CD’s [em casa]!” (GDF) “Fazer a carta, falar com o meu cunhado e enviar a carta pelo correio [passos para realizar o sonho]...” (PATH) “Pensar o que escrever na carta [para o Mikael Carreira]...” (PATH)	
		Autoimagem	Sem indicadores	

## Anexo 25

### DADOS GERADOS DO MÁRIO— OS PARTICIPANTES: AUTO-PERCEPÇÃO, SONHOS E PROJETOS

PARTICIPANTE	CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO	SUBCATEGORIA	INDICADORES/FONTE	OBS.
Mário	Sentido de autodeterminação (Percepção de...)	Independência (autonomia pessoal)	<p>"Não! [não necessita de ajuda de outras pessoas para realizar tarefas básicas como tomar banho ou vestir-se]" (GDF)</p> <p>"[É capaz] De ir aos cavalos, equitação..." (EM)</p> <p>"É aqui [Centro C que tratam do dinheiro]!" (PATH)</p> <p>"Conheço [o dinheiro]..." (PATH)</p>	
		Liberdade de escolha e decisões	<p>"Eu escolho a roupa sozinho..." (GDF)</p> <p>"Também! (GDF)</p> <p>"Sim! [Toma as suas próprias decisões, como participar numa determinada atividade]" (GDF)</p>	
		Limitação/D esafio	<p>"Eles eram para me ir buscar no sábado, mas eu não podia, era mordomo da festa da minha terra. Não podia!" (PATH)</p> <p>"Mais ou menos, dou erros [a escrever]!" (PATH)</p> <p>"Porque estou aqui [Centro C]! Se não tivesse aqui ajudava [na banda]..." (PATH)</p>	

		Preferências pessoais	<p>“A piscina (atividade preferida)” (GDF)</p> <p>“Gosto deste, porque é bom jogador [Cristiano Ronaldo]!” (GDF)</p> <p>“É o Anselmo Ralph. Gosto dos concertos dele...” (GDF)</p> <p>“Este [Mickey] é o meu desenho animado preferido!” (GDF)</p> <p>“Eu gostei [do Ecomapa]!” (EM)</p> <p>“[Gosta] Do rancho da aldeia O...” (EM)</p> <p>“Porque gosto de lá [esplanada] ir beber café!” (EM)</p> <p>“A anterior [sessão que mais gostou].” (PV)</p> <p>“Ir à piscina e à ginástica...” (PATH)</p> <p>“Arrancar erva [não gosta]...” (PATH)</p> <p>“Deste agora [PATH] e de tirar fotografias...” (PATH)</p> <p>“Porque gosto de tirar fotografias e por causa do sonho...” (PATH)</p>	
		Sonhos/Desejos	<p>“O meu sonho é fazer publicidade dos conjuntos de música.” (GDF)</p> <p>“Quase em todas as festas entrego (publicidade).” (GDF)</p> <p>“Não sei... (O que se vê a fazer nos próximos anos, o que gostaria que acontecesse na sua vida nos próximos anos)” (GDF)</p> <p>“Descarregar os camiões das bandas e tirar os pratos das mesas...” (GDF)</p> <p>“Era isso que gostava [de ter uma família]...” (GDF)</p> <p>“Só um [sonho]!” (PATH)</p> <p>“É trabalhar numa banda!” (PATH)</p> <p>“Sim [trabalhar com regularidade]! Banda SENSE...” (PATH)</p> <p>“Eles precisam [ajuda regular]! É só os músicos que andam a trabalhar... Os músicos e mais alguns...” (PATH)</p>	
	Direitos (Perceção)	Direitos próprios	<p>“Sim, eu tenho [conhecimento dos seus direitos]!” (GDF)</p> <p>“Partilhar!” (GDF)</p>	

			<p>“Respeitar os outros!” (GDF)</p> <p>“[A fazer] Ciclismo...” (GDF)</p> <p>“[Direito a ter atividades como] E ginástica!” (GDF)</p> <p>“[Direito a ter atividades como] Educação Física...” (GDF)</p>	
		Significado atribuído aos direitos próprios	Sem indicadores	
		Ser escutado	S/Indicadores	
	Inclusão Social (Percepção de ...)	Sentido de pertença à comunidade	<p>“Reunião da Direção da minha terra para não fecharem o salão. Este domingo também vou para lá!” (GDF)</p> <p>“Porque faço para da direção e vou ajudar!” (EM)</p> <p>“E vou jantar com eles [com a banda]!” (PATH)</p> <p>“Eu ando sempre com eles [banda SENSE]” (PATH)</p>	
		Participação na comunidade	<p>“Fui montar a barraca... Para vender no dia 19, no dia dos Zés... [Para ajudar] A Associação lá da minha terra...” (GDF)</p> <p>“Fomos à Feira de Março!” (EM)</p> <p>“Aqui é onde eu ajudo lá na minha terra... É o salão de festas.” (EM)</p>	
	Relações Interpessoais (Percepção de...)	Rede de apoios informais	<p>“Com a minha mãe [com quem vive]...” (GDF)</p> <p>“Já tenho [uma namorada]!” (GDF)</p> <p>“... mas não tenho família.” (GDF)</p> <p>“Tenho lá amigos e vou para lá para a festa [vila N]...” (EM)</p>	



			<p>“... fui ao funeral de um colega meu!” (EM)</p> <p>“Ai falta a Júlia! É minha amiga!” (EM)</p> <p>“A minha mãe já sabe [do sonho]...” (PATH)</p>	
		Rede de apoio formais	<p>“A junta... Porque ajuda a gente também aqui...” (EM)</p> <p>“O enfermeiro anda cá no rancho também...” (EM)</p> <p>“Porque eles [idosos] ajudam... ajudam não, vamos lá [ao Centro de Dia visitá-los]!” (EM)</p> <p>“A senhora da mercearia.” (EM)</p> <p>“Dra. Tânia! ... Porque ela é psicóloga e ajuda!” (PATH)</p>	
	Bem-Estar Físico (Perceção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	Sem Indicadores	
		Estado de saúde próprio	Sem Indicadores	
		Participação em atividades que promovem a mobilidade/saúde	<p>“Na piscina, nos cavalos, na ginástica ...” (GDF)</p> <p>“Porque tenho provas de natação.” (GDF)</p> <p>“Onde [pavilhão] vamos fazer ginástica às sextas-feiras...” (EM)</p> <p>“Atividades de sala, só... E piscina, mais nada!” (PATH)</p>	

	Bem-Estar Emocional (Percepção de...)	Satisfação com a vida	<p>“Sim! [Satisfeito com a vida que tinha antigamente e com a que tem neste momento]” (GDF)</p> <p>“Senti-me bem [no futuro] !” (PATH)</p> <p>“Estou aqui [Centro C] não posso fazer nada [trabalhar com a banda]...” (PATH)</p> <p>“Triste [por não poder trabalhar com a banda]...” (PATH)</p>	
		Emoções/sentimentos perante as situações da vida	<p>“Não! [Nega ficar nervoso antes das provas de natação]” (GDF)</p>	
	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situação Financeira	Sem indicadores	
		Condições de habitação	<p>“Tenho casa...” (GDF)</p> <p>“... e sexta-feira vou para casa!” (PATH)</p>	
		Outras condições de Bem-Estar Material	Sem indicadores	

	Desenvolvimento Pessoal (Percepção de...)	Percorso educativo/Trabalho/ Ocupação	<p>“Com 18 anos. [Idade com que ingressou na instituição A]” (GDF)</p> <p>“Pintar, pintar [atividades do Centro C] ...” (GDF)</p> <p>“Dão fichas para a gente fazer, trabalhos [as colaboradoras] ...” (GDF)</p> <p>“Trabalho, ando a ajudar [numa banda]!” (PATH)</p> <p>“Às vezes ajudo e outras vezes ando a espalhar a publicidade dos conjuntos.” (PATH)</p> <p>“Eu distribuo publicidade dos conjuntos e ando a trabalhar com uma banda...” (PATH)</p> <p>“Se eles tiverem perto vou ajudar, quando eles tiverem longe não...” (PATH)</p> <p>“[Ajudar] A montar as coisas... E vou jantar com eles!” (PATH)</p> <p>“A montar as coisas [o que faz]...” (PATH)</p> <p>“[Desmontar] As colunas, as luzes...” (PATH)</p> <p>“... cliente do CAO do Centro C, vivo no Lar Residencial...” (PATH)</p> <p>“Ouvir as músicas... Desmontar as colunas e as luzes...” (PATH)</p> <p>“Trabalhar [com a banda]...” (PATH)</p> <p>“Até às 06h00 da manhã, quando acaba o baile. Começa às 23h30 e acaba às 06h00 da manhã... E depois às 06h00 da manhã ainda temos de desmontar aquilo!” (PATH)</p>	
		Momentos-chave na vida	<p>“Saí do trabalho. Estava a trabalhar numa fábrica, saí logo e vim para aqui.” (GDF)</p>	
		Atividades de lazer	<p>“Ajudo no café [quando vai a casa] ...” (GDF)</p> <p>“Trabalho [ao fim-de-semana]!” (GDF)</p> <p>“Conhecer as terras [quando vai com a banda]...” (PATH)</p>	

		Autoimagem	Sem indicadores	
--	--	------------	-----------------	--



## Anexo 26

### DADOS GERADOS DO ROBERTO— OS PARTICIPANTES: AUTO-PERCEPÇÃO, SONHOS E PROJETOS

PARTICIPANTE	CATEGORIAS/ ÁREAS DE QUESTIONAMENTO E REFLEXÃO	SUBCATEGORIA	INDICADORES/FONTE	OBS.
Roberto	Sentido de autodeterminação (Percepção de...)	Independência (autonomia pessoal)	<p>"Sou independente!" (GDF)</p> <p>"[É capaz de] Fazer música, cantar..." (EM)</p>	
		Liberdade de escolha e decisões	<p>"A minha mãe é que escolhe a roupa." (GDF)</p> <p>"Sim! [Toma as suas próprias decisões, como participar numa determinada atividade]" (GDF)</p>	
		Limitação/Desafio	S/Indicadores	

		Preferências pessoais	<p>“As minhas [atividades] preferidas são a música e o teatro.” (GDF)</p> <p>“Sim [gosta de carros]!” (GDF)</p> <p>“E os cães lembram-me o “Encantador de Cães” que, recentemente passou na televisão [programa que gostava de ver]” (GDF)</p> <p>“Aqui o campo de futebol, porque eu gosto de desporto...” (EM)</p> <p>“O parque da Via Romana porque gosto de diversão e brincadeira.” (EM)</p> <p>“...é uma das coisas que eu gosto de fazer, que é tocar!” (EM)</p> <p>“... é mais com o desenho [da parede do antigo Lar de Idosos]. Porque gosto de desenhar...” (EM)</p> <p>“Gostei de todas as sessões até agora...” (PV)</p> <p>“Eu gosto de carros...” (PATH)</p> <p>“Gostei de andar de câmara pelas ruas...” (PATH)</p>	
		Sonhos/Desejos	<p>“O meu maior sonho era ser o melhor artista do país!” (GDF)</p> <p>“Não sei ... Conhecer novas coisas [nos próximos anos].” (GDF)</p> <p>“Conhecer novos sítios [nos próximos anos] ...” (GDF)</p> <p>“...de eu um dia fazer uma coisa diferente, ir para uma mecânica.” (GDF)</p> <p>“Conhecer o meu ídolo, o Tony Carreira.” (PATH)</p> <p>“Cantei com ele no concerto [com o Tony Carreira]...” (PATH)</p> <p>“[Fazer]Uma carta! Gravar um CD com ele [Tony Carreira]...” (PATH)</p>	
	Direitos (Perceção de...)	Direitos próprios	<p>“Falámos sobre os nossos Direitos e Deveres...” (GDF)</p> <p>“Direito à paz!” (GDF)</p> <p>“Eu tinham tantos direitos quando era bebé, tinha direito a roupa, a chupeta, a biberon...” (GDF)</p> <p>“Direito a ter transporte!” (GDF)</p> <p>“Direito a levantar cedo! Oh, isso é uma dever!” (GDF)</p> <p>“Direito a ter uma alimentação saudável!” (GDF)</p>	

			<p>“Direito a ser ajudado ou a ter ajuda...” (GDF)</p> <p>“[Direito a] Ter um emprego!” (GDF)</p>	
		Significado atribuído aos direitos próprios	<p>“Até antes de nascer já tenho [direitos]!” (GDF)</p> <p>[Direito a utilizar os transportes, é importante porque] Permite ir a sítios mais longe!” (GDF)</p> <p>“[Direito a ter uma alimentação saudável, é importante] Porque, porque... Devemos ter uma alimentação saudável e equilibrada...” (GDF)</p>	
		Ser escutado	S/Indicadores	
	Inclusão Social (Perceção de...)	Sentido de pertença à comunidade	<p>“Oferecemos flores às funcionárias daqui [no Dia Internacional da Mulher] ... “ (GDF)</p> <p>“Fomos à cidade M comemorar o Dia do Autismo.” (EM)</p> <p>“Andámos a oferecer pulseiras e colares da cor que as pessoas queriam...” (EM)</p> <p>“A igreja, eu agora não... não... não vou muito à igreja.” (EM)</p> <p>“Antigamente sim! ... Porque eu era acólito!” (EM)</p> <p>“O cine-teatro... é... ah... costumo fazer peças de teatro com a escola! Já fiz peças sem ser da escola...” (EM)</p> <p>“Foi com outro grupo de teatro... Era de... de... da cidade J se bem me lembro.” (EM)</p> <p>“O Grupo Regional da P...” (EM)</p> <p>“Sim [sente-se incluído na sociedade]!” (PV)</p>	
		Participação na comunidade	<p>“... foi mais ou menos com esta idade [em que andava no ATL] que entrei para o Coro de Santo Amaro de R” (GDF)</p>	



	Relações Interpessoais (Perceção de...)	Rede de apoios informais	<p>“Não, porque eles não me... não me contactam muito [os amigos fora do Centro C]” (GDF)</p> <p>“Vivo com a minha mãe.” (GDF)</p> <p>“Sim, três. Um rapaz e duas raparigas [irmãos].” (GDF)</p> <p>“Sim, onde estão os meus tios e os meus primos [Sevilha].” (GDF)</p> <p>“E esta imagem [imagem de uma numerosa família] ... representa o tamanho da minha família.” (GDF)</p> <p>“Nós vemo-nos muito raramente [a família toda] ...” (GDF)</p> <p>“Por acaso é a minha irmã [responsável], mas cá na escola é ela [Dra. Tânia]!” (PATH)</p>	
		Rede de apoio formais	<p>“Para ajudar a fazer a tal carta [a Soraia]...” (PATH)</p> <p>“A Dra. Tânia [dá aulas de canto]!” (PATH)</p>	
	Bem-Estar Físico (Perceção de...)	Acesso aos cuidados de saúde	S/ Indicadores	
		Estado de saúde próprio	<p>“O meu problema é um problema físico...” (GDF)</p>	

		Participação em atividades que promovem a mobilidade/saúde	"... participo em todas [as atividades]!" (GDF)	
	Bem-Estar Emocional (Percepção de...)	Satisfação com a vida	"Sim! [Satisfeito com a vida que tinha antigamente e com a que tem neste momento]" (GDF) "Felicidade [quando está no futuro que deseja criar]..." (PATH) "Contente [na atualidade]!" (PATH)	
		Emoções/sentimentos perante as situações da vida	Sem indicadores	
	Bem-Estar Material (Percepção de...)	Situação Financeira	Sem indicadores	
		Condições de habitação	"Esta casa representa a casa que eu tenho em Espanha." (GDF)	

		Outras condições de Bem-Estar Material	Sem indicadores	
	Desenvolvimento Pessoal (Percepção de...)	Percorso educativo/Trabalho/Ocupação	<p>“Vim para aqui com 18 anos. [Idade com que ingressou no Centro C]” (GDF)</p> <p>“Temos andado a ensaiar aquela peça com a Dânia...” (GDF)</p> <p>“E este menino [da fotografia] lembra-me o ATL.” (GDF)</p>	
		Momentos-chave na vida	<p>“Eu estou aqui porque tenho uma doença na perna.” (GDF)</p>	
		Atividades de lazer	<p>“Tenho estado em casa, tenho andado a passear...” (GDF)</p> <p>“Esta imagem (David Carreira), para mim, representa música, que é o que eu costumo fazer nos meus tempos livres.” (GDF)</p> <p>“Ouço música, toco, jogo na Playstation...” (GDF)</p> <p>“Nós [na Feira de Março] a andar de carroceis e a chuva a bater-nos na cara!” (EM)</p> <p>“Sim [atuações e ensaios com o Grupo Regional da P]!”</p> <p>“Fazer a carta, falar com as doutoras, transporte [passos para realizar o sonho]...” (PATH)</p> <p>“Pensar o que escrever na carta, encontrar alguém especializado para dar aulas de canto gratuitas [em relação ao sonho]...” (PATH)</p>	

		Autoimagem	Sem indicadores	
--	--	------------	-----------------	--



Livro oferecido ao Centro C e ao grupo – 9 de novembro de 2016

### Grupo de Amigos Ligados por Projetos e Histórias de Vida



Liliana Santos  
9 de novembro de 2016



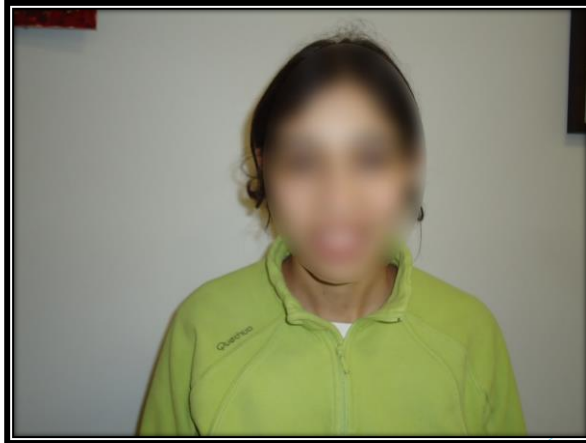
### O porquê do projeto

- **Dar a conhecer a qualidade de vida dos participantes do grupo nas instituições**
- **Identificar necessidades não satisfeitas, com vista à sua resolução**
- **Reforçar a rede de relações entre o grupo e a comunidade envolvente**
- **Dinamizar as atividades como forma de promover os laços de amizade no grupo**



## Elementos do grupo

Cristina



Alberto

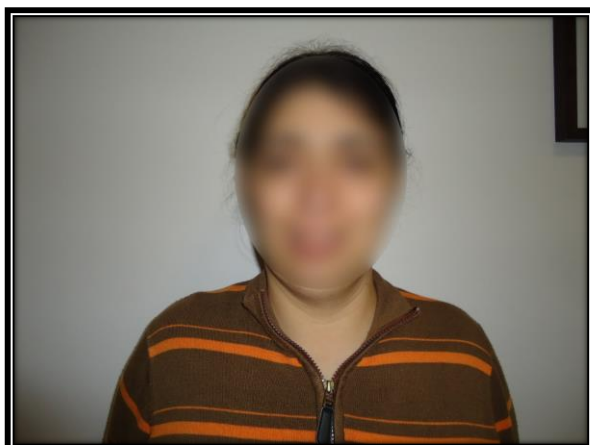




Lara



Leonor







Mário



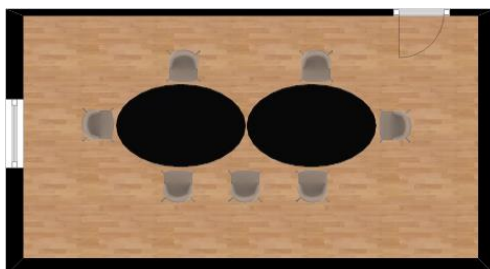
Roberto





## A sala

- A maioria das sessões de trabalho realizaram-se na sala onde funcionava a Autorepresentação.



## Temas sobre os quais conversámos e debateamos

- **Preferências Pessoais**
- **Inclusão Social**
- **Direitos**
- **Autodeterminação**
- **Os Sonhos**



## Preferências Pessoais

**“Eu gosto de música!” (Alberto)**

**“Eu gostei de todas as sessões que tive contigo, principalmente aquela que falaste dos nossos direitos e aquela que fomos tirar fotos...” (Alberto)**

**“Eu gosto muito [de natação] porque tenho provas e vou ...” (Cristina)**

**“Aqui é o Anselmo Ralph, gosto muito das músicas dele. Acho que é um bom cantor!” (Cristina)**

**“Eu adoro tirar e tiro muito bem [fotografias]!” (Cristina)**

**“Ciclismo e rancho [atividades preferidas].” (Lara)**



## Preferências Pessoais

**“... eu gosto muito de viajar e andar... Passear...” (Lara)**

**“Gosto de estar num sítio a namorar...” (Lara)**

**“E gosto de andar de bicicleta...” (Lara)**

**“Gosto muito de flores!” (Leonor)**

**“Gosto de fazer compras com a minha mãe!” (Leonor)**

**“Gosto deste, porque é bom jogador [Cristiano Ronaldo]” (Mário)**



## Preferências Pessoais

**“Porque gosto de tirar fotografias e por causa do sonho...” (Mário)**

**“Ir à piscina e à ginástica...” (Mário)**

**“...é uma das coisas que eu gosto de fazer, que é tocar!” (Roberto)**

**“Eu gosto de carros...” (Roberto)**

**“As minhas [atividades] preferidas são a música e o teatro.” (Roberto)**



## Direitos

**“Temos o Direito a ter uma sala própria para trabalhar!” (Alberto)**

**“Temos direito a estar 10 minutinhos com o nosso amor!” (Alberto)**

**“Direito a respeitar uns aos outros...” (Cristina)**

**“[Direito] A ir ao Doutor...” (Cristina)**

**“E Direito a ir a outras instituições...” (Lara)**

**“Direito a ajudar as outras pessoas!” (Leonor)**



## Direitos

**“Direito a ter uma família e uma casa!” (Leonor)**

**“Sim, eu tenho [conhecimento dos seus direitos]!” (Mário)**

**“[Direito a ter atividades como] Educação Física...” (Mário)**

**“[Direito a] Ter um emprego!” (Roberto)**

**“Direito à paz!” (Roberto)**



## Inclusão Social

**“Eles ajudam-nos muito e gosto de estar com os idosos.” (Cristina)**

**“[No Dia Mundial do Sorriso] Andámos por aí a tirar fotos à população com uns tais malucos, com umas cabeleiras pretas (eles próprios) ... “ (Alberto)**

**“... gosto muito de conviver lá no café, com as pessoas...” (Lara)**



## Inclusão Social

**“... lá na minha terra... faço parte da Direção da Associação... Queremos renovar o Salão de Festas!” (Mário)**

**“O cine-teatro... é... ah... costumo fazer peças de teatro com a escola! Já fiz peças sem ser da escola...” (Roberto)**

**“Tivemos aqui a presença do Ruizinho de Penacova! Até tirámos fotografias com ele!” (Leonor)**



## Autodeterminação

**“Antes do 25 de abril não havia muito bem essa vontade de escolha...” (Alberto)**

**“... eu vivo na minha casa.” (Alberto)**

**“Porque estou aqui [Centro C]! Se não tivesse aqui ajudava [na banda]...” (Mário)**

**“Ponho a mesa... Varro o chão...” (Leonor)**

**“Eu também não sei nadar e vou para a piscina na mesma!” (Lara)**



## Autodeterminação

**“Participo em todas [as atividades], menos na equitação e na ginástica.” (Leonor)**

**“Ponho a mesa... Varro o chão...” (Leonor)**

**“Sou independente!” (Roberto)**

**“Sou eu que preparo a minha roupa!” (Cristina)**



## Os Sonhos

**“Conhecer pessoalmente os elementos dos Santamaria.” (Alberto)**

**“Tenho tantos [sonhos]!” (Alberto)**

**“Ter uma bicicleta.” (Cristina)**

**“...é estar junta ou casar com o homem e estar a fazer a vida normal. Isto é que é a vida que eu queria fazer.” (Cristina)**

**“O meu é, estar mais vezes com os meus irmãos.” (Lara)**

**“Casar e sair daqui. E ir para uma padaria ou ... costura.” (Lara)**



## Os Sonhos

**“Sim [trabalhar com regularidade]! Banda SENSE...”  
(Mário)**

**“O meu sonho é fazer publicidade dos conjuntos de  
música.” (Mário)**

**“Conhecer o meu ídolo, o Tony Carreira.” (Roberto)**

**“O meu maior sonho era ser o melhor artista do país”  
(Roberto)**

**“O meu sonho é conhecer o Mikael Carreira.” (Leonor)**


**“Era ser feliz com o meu namorado!”  
(Leonor)**



**Obrigada por toda a aprendizagem!**







*“Não pense que um pequeno grupo não pode mudar o mundo.*

*Na verdade, essa tem sido sempre a única via para as mudanças que têm acontecido.”*

*Margaret Mead*

## Anexo 28

---

**Nota de campo nº1**

**Data:** 21-01-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** Conhecimento por parte do grupo do projeto de investigação

**Atividade:** Grupo de Discussão Focalizada (*Focus Group*)

**Horário:** 14h00 – 15h30

Na primeira sessão, o Alberto esteve muito falador, não respeitou a palavra dos colegas quando estes entrevistam na conversa. Fui obrigada de interferir várias vezes, pedindo a todos que, quando quisessem falar para colocar o dedo no ar.

Em contrapartida, o Alberto foi aquele que se mostrou mais interventivo e interessado no tema. A Cristina, devido ao seu passado difícil, evitou falar sobre a sua vida no passado, preferindo o presente. O Mário mostrou-se muito à parte da sessão, tendo por vezes fechado os olhos. Posteriormente, falei com a psicóloga do Centro C e ela revelou que se deve à medicação que toma para as mudanças de personalidade.



## Anexo 29

---

**Nota de campo nº2**

**Data:** 25-02-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** Trajetória de vida dos membros do grupo, sob a forma de conversa informal

**Atividade:** Grupo de Discussão Focalizada (*Focus Group*)

**Horário:** 14h00 – 15h30

Por achar que a sessão anterior tinha sido muito monótona para os elementos do grupo, em conversa com a minha orientadora, a professora Dra. Paula Santos, surgiu a ideia de comprar toalhas coloridas para as mesas em que os participantes se dispõem e ainda, levar um pequeno lanche - biscoitos e sumos, para que durante a conversa possam também comer e deste modo, criando um ambiente mais acolhedor e confortável.

Os elementos do grupo adoraram, não só a ideia do lanche como também da atividade do dia: elaborar uma cartolina com base em imagens que a investigadora recortou de revistas, imagens essas com as quais se identifiquem. O elemento principal eram os participantes, ficando no centro uma fotografia sua a identificar, ficando deste modo, as restantes imagens escolhidas à sua volta. A tarefa não ficou completa, sendo programada terminar na próxima sessão.

Os participantes ficaram deveras entusiasmados com a atividade, pois deu-lhes a oportunidade de falarem sobre as coisas que gostam. De notar, que são todos muito ligados ao desporto, principalmente ao ciclismo e à natação.

Desta vez, o Mário mostrou-se mais “desperto”, devido à mudança da sua medicação (informação facultada apela Dra. Tânia, psicóloga do Centro C).



## Anexo 30

---

**Nota de campo nº3**

**Data:** 10-03-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** Trajetória de vida dos membros do grupo, sob a forma de conversa informal

**Atividade:** Grupo de Discussão Focalizada (*Focus Group*)

**Horário:** 14h00 – 15h30

A sessão teve a participação especial da voluntária Clara, que me pediu a devida autorização e assistiu, com algumas interferências no decorrer da conversa, que ajudaram a desembaraçar os participantes.

Os elementos do grupo acabaram a atividade a que se tinham proposto na sessão anterior, e posteriormente, cada um apresentou o seu trabalho e explicou o porquê da escolha das imagens que expos. A Cristina mostrou-se reticente na sua apresentação, por achar que ia mostrar demasiado a sua vida, mas acabou por apresentar e bem.

A Lara faltou à sessão porque, estava doente, com gripe.



## Anexo 31

---

**Nota de campo nº4**

**Data:** 17-03-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** Direitos

**Atividade:** Grupo de Discussão Focalizada (*Focus Group*)

**Horário:** 14h00 – 15h30

O Alberto continuou muito falador: sobrepôs as suas falas às dos colegas, não respeitou a vez dos outros e divagou sobre assuntos que em nada estão relacionados com o tema da sessão.

A Cristina, por sua vez, mostrou-se mais à vontade, participando mais, exemplo disso, são os direitos que mencionou e a destreza que exibiu em mexer nas novas tecnologias, o computador. De realçar, o envolvimento que o Mário tem com a comunidade, estando envolvido numa ação de angariação de fundos com o objetivo de pagar as contas da luz e a água do pavilhão da sua aldeia, onde se realizam as festas da comunidade.

Apesar de, já terem falado na Autorepresentação sobre os Direitos, os elementos do grupo mostraram alguma hesitação em responder às questões que lhes fiz, necessitando de ajuda dos colegas e da minha.

A Lara regressou às sessões, depois de ter estado doente. Não sabe ler nem escrever. Somente a Cristina e o Roberto se mostraram à vontade em mexer no computador.





## Anexo 32

---

**Nota de campo nº5**

**Data:** 30-03-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** Direitos

**Atividade:** Grupo de Discussão Focalizada (*Focus Group*)

**Horário:** 14h00 – 15h30

Primeiramente, os elementos do grupo falaram sobre a Páscoa de cada um. Depois, a tarefa iniciada na sessão anterior, foi finalmente dada por terminada.

Como combinado trouxe as imagens recolhidas na internet pelos elementos do grupo, imprimidas, para que, posteriormente, se pudessem colar na cartolina, junto dos respetivos direitos. A Leonor ficou encarregue de escrever os direitos na cartolina, enquanto, que os restantes elementos ajudaram a colocar e recortar as imagens. Durante a elaboração da cartolina, os elementos do grupo falaram sobre vários temas, entre eles, “O que é ter uma limitação?”, “Qual a limitação que tens?”, conversa iniciada pelo Alberto que me fez a seguinte questão “Lili, o que é que os teus professores da Universidade acham do trabalho que nós, deficientes, estamos a fazer contigo?”. A conversa veio a revelar-se bastante importante, uma vez que para minha admiração, todos os elementos disseram a sua limitação, tendo eu própria também apontado também as minhas: não saber falar inglês. Concluindo, que todos os seres humanos têm as suas limitações e os mesmo direitos, pelo que devem ser tratados de igual modo.

Todos os elementos do grupo se mostraram bastante participativos, de realçar o Mário que se mostrou mais uma vez a “leste” em alguns momentos, motivo que pode ser explicado por ter ido a casa na Páscoa e não ter tomado a medicação, retomando-a só agora (informação facultada pela Dra. Tânia, psicóloga do Centro C). No final, desvendei o que se irá fazer na próxima sessão: *Photo Voice*, os elementos do grupo mostraram-se entusiasmados, pois, adoram tirar fotografias!



## Anexo 33

---

**Nota de campo nº6**

**Data:** 7-04-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** Inclusão Social

**Atividade:** Photo Voice

**Horário:** 14h00 – 15h30

Juntamente com o grupo de participantes e a Dra. Tânia, a psicóloga do Centro C, saímos pela aldeia de O, onde se situa a instituição, para realizar a sessão de *Photo Voice*.

Primeiramente expliquei a todo o grupo o objetivo do Photo Voice e o que pretendia que eles fizessem, depois de todos perceberem, distribuí as máquinas por cada um. As máquinas, duas a universidade me concedeu, as restantes consegui junto dos meus amigos.

Todos ficaram deveras entusiasmados com a atividade, uma vez que, adoram tirar fotografias. Foram todos muito participativos, exceto a Leonor, que apenas tirou duas fotografias e se mostrou mais recatada. Na caminhada pela aldeia foi possível verificar que a população está integrada com a instituição, bem como, sensibilizada para a questão da deficiência, pois, toda a gente conhecia e cumprimentava de forma efusiva os participantes.



## Anexo 34

---

**Nota de campo nº7**

**Data:** 15-04-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** Inclusão Social

**Atividade:** Ecomapa

**Horário:** 14h00 – 15h30

Com base na atividade do *Photo Voice* da sessão anterior, em que, os participantes tiraram fotografias em que representaram a sua relação com a sociedade, de maneira a ilustrar o tipo/qualidade das relações que têm com as entidades, instituições e recursos da comunidade, os elementos do grupo elaboraram o seu “Ecomapa”. Com as devidas fotos, cada um recortou as fotografias que mais gostavam e se adequavam ao mapa que queria construir, bem como, as relações que gostaria que ficassem representadas. Em cada mesa estava uma legenda do mapa, para que o grupo acompanhasse e não tivesse dúvidas na hora de representar as relações com setas de diferentes formas e maneiras.

Uma vez que a atividade era nova para o grupo e suscitava dúvidas, ajudei cada participante na elaboração do mapa, conversando com cada um acerca das suas relações com a comunidade, bem como, das pessoas próximas de si, uma vez que, ao longo das sessões adquiri informações pertinentes sobre cada um.

O Alberto foi o único elemento capaz de caracterizar as suas relações com a comunidade, sem ajuda. No seu estilo “desajeitado”, elaborou o seu Ecomapa sem que precisasse de estar por perto. A Leonor mostrou-se acanhada e pouco participativa (relembrar, que na sessão passada, apenas tirou 2 fotos), mas por outro lado, representou algumas relações em desenho, exibindo grande aptidão para tal. A Cristina notou-se que está mais participativa e à vontade, até me contou um acontecimento da sua vida pessoal em frente em grupo (eles já sabiam): o fim do seu namoro. O Mário, também tem evoluído ao longo das sessões, apesar da ajuda, percebeu o objetivo e mostrou-se entusiasmado. A Lara necessitou de ajuda, uma vez que não sabe ler nem escrever. O Roberto, tal como o Alberto é desembaraçado, no entanto, foi necessária ajuda a representar as suas relações.



## Anexo 35

---

**Nota de campo nº8**

**Data:** 22-04-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** Inclusão Social

**Atividade:** Ecomapa

**Horário:** 14h00 – 15h30

A sessão deu início com a apresentação do “Ecomapa” de cada membro do grupo. Interessante verificar que apenas o Alberto classificou a sua relação com o campo de futebol como stressante, no sentido, em que, antes do início de um jogo fica ansioso e stressado, pois quer sempre ganhar e que tudo corra pelo melhor para a sua equipa. Considera ser uma boa relação, mas stressante, pois causa-lhe essa emoção na medida, em que, é uma competição. De realçar também a Leonor e o Roberto que caracterizaram uma das suas relações com a sociedade fraca, neste caso, a igreja.

Todos os elementos do grupo apresentaram o seu Ecomapa sem dificuldades. Apenas a Leonor se mostrou bastante hesitante na sua apresentação, no seu mapa era visível a escassez de relações sociais.

Por fim, fizemos um *brainstorming* de palavras que os elementos do grupo consideraram essenciais para a caracterização das sessões realizadas, para que, mais tarde, possamos chegar a um consenso do nome a atribuir ao grupo. As palavras sugeridas foram: convívio, amizade, trabalho, direito, ajuda, companhia, aprender, capacidade, problemas, paz, incapacidade, animação e vida/história pessoal.





## Anexo 36

---

**Nota de campo nº9****Data:** 28-04-2016**Local:** Centro C**Temática/Conteúdo:** Inclusão Social**Atividade:** Photo Voice**Horário:** 14h00 – 15h30

O grupo foi para as ruas da aldeia de O, realizar a atividade de *Photo Voice*, que tinha como objetivo fotografar as coisas que mais gostavam na comunidade (flores, campos, ruas, etc.). A Dânia, colaboradora do Centro C acompanhou-nos na atividade.

Desta vez, notei que o grupo não percebeu a intenção da atividade, estavam muito distraídos e em conversas paralelas, talvez por causa do tempo, sol e calor. Foi o caso do Mário, que depois da máquina do Alberto evidenciar um problema técnico, teve de a partilhar e não gostou, mostrando-se irritado, dizendo que não queria tirar fotografia nenhuma.

Inicialmente, existiam 5 máquinas, no entanto, a máquina do Alberto teve um problema técnico, e ficámos apenas com 4, tendo a Mário e o Alberto que partilhar a mesma máquina, bem como a Leonor e o Roberto, que deste o início da atividade se dispuseram a partilhar, fortalecendo deste modo, o sentimento e o valor da partilha.

No final, chegados ao Centro C, ficou evidente que nem todos tinham percebido o conteúdo da atividade, no entanto, ninguém tinha questionado as suas dúvidas, apenas o Alberto. Definitivamente, o Mário mostrou estar em “dia não”, desde o início da atividade que se revelou inquieto e distraído, tendo sido alertado até pela colaboradora do Centro C.

Aproveitámos o tempo, também para fazer um pequeno balanço das sessões realizadas até o ao momento, tendo os elementos do grupo expressado a sua satisfação e aprendizagem pelos assuntos abordados.



## Anexo 37

---

### **Nota de campo nº10**

**Data:** 12-05-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** O Sonho

**Atividade:** PATH

**Horário:** 14h00 – 15h30

Iniciei com o grupo uma nova atividade, o PATH: Um caminho para futuros alternativos e com esperança. Expliquei em que consistia a atividade e o seu objetivo aos elementos do grupo, para que, deste modo, todos compreendessem a tarefa e a sua utilidade.

Nesta sessão, o Mário faltou, uma vez que, tinha uma consulta à mesma hora. Os restantes elementos do grupo trabalharam em conjunto comigo, primeiramente explicava cada passo ao grupo e depois, individualmente ajudava cada um no respetivo passo da atividade PATH. Cada um possuía uma folha de rascunho, para que pudesse escrever o que entendia em cada passo, para no final da atividade, passar a limpo para o esquema do PATH e no mesmo, representar alguns passos em desenhos, consoante a sua decisão e imaginação.

A folha de rascunho possibilitava que cada um pudesse escrever à vontade, sem medo de errar. Aproveitei o fato de todos saberem escrever, exceto a Leontina.

Apesar de, todos terem muitos sonhos que gostavam de ver realizados, apenas disseram um, aquele que mais gostavam que fosse real um dia. O passo número dois foi aquele em que todos mostraram mais dificuldade, porém, nos restantes e mesmo com ajuda os membros do grupo mostraram que apesar de ser um sonho deles próprios, têm dificuldades em definir ações e objetivos no dia-a-dia para, mais tarde, o conseguirem realizar.

O Alberto foi o elemento mais distraído do grupo, ainda estava a explicar o que tinham de fazer em cada passo, já ele estava a escrever.

No fim, agendei com a Dra. Tânia, uma sessão individual com o Mário, para poder realizar individualmente a atividade até ao passo número cinco, passo em que fiquei com o restante grupo, de modo, em que na próxima sessão possam todos começar em pé de igualdade.



## Anexo 38

---

### **Nota de campo nº11**

**Data:** 19-05-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** O Sonho

**Atividade:** PATH

**Horário:** 14h00 – 15h30

Como combinado com a Dra. Tânia, tive a sessão individual com o Mário, e caso, tivesse tempo, prosseguia com os restantes elementos do grupo que se encontravam na sala de convívio.

O Mário, depois da hora de almoço, mostrou-se muito sonolento e desinteressado. Comecei por explicar a atividade, o Mário disse que não tinha sonhos, apenas que gostava de trabalhar com mais regularidade na Banda SENSE, banda em que, quando está disponível ajuda na montagem e desmontagem dos instrumentos musicais, e ainda, faz promoção dos seus espetáculos ao distribuir panfletos pelas localidades limítrofes. Para isso, teria que sair do Centro C, algo que deseja para ter uma vida mais autónoma.

Contou com a minha ajuda em todos os passos, pois mostrou não ter ideias sobre o seu futuro e não sabe o que fazer para conseguir alcançar esse sonho. Uma vez que consegui concluir a atividade até ao passo número cinco, passo em que eu tinha ficado com os restantes elementos. Ainda com tempo pude chamar os outros elementos do grupo, que estavam na sala de convívio e retomar o PATH, concluímos ainda dois passos: o passo número seis e sete, com o mesmo método dos restantes.

O Alberto e o Mário mostraram-se distraídos e conversadores, por vezes, mostraram mais interesse no trabalho dos outros, do que, no seu. O Alberto sempre distraído, mal eu começava a explicar o passo, ele já estava a escrever. Estes últimos dois passos revelaram dificuldades dos elementos do grupo, precisando cada um da minha ajuda individualmente. Em alguns casos, os colegas ajudaram e deram ideias, neste aspeto, mostraram ser solidários e prontos a ajudar o outro.

## Anexo 39

---

**Nota de campo nº12**

**Data:** 20-05-2016

**Local:** Centro C

**Temática/Conteúdo:** O Sonho

**Atividade:** PATH

**Horário:** 14h00 – 15h30

A última sessão com o grupo decorreu normalmente, atividade da sessão passada, o PATH foi concluído. Todos os elementos do grupo revelaram dificuldades em todos os passos, necessitando sempre que necessário da minha ajuda. No final, quando o passaram para o esquema colorido, mostraram-se mais autónomos. A Leonor, o Roberto e a Cristina foram aqueles que conseguiram, sempre com a minha supervisão, escrever sem ajuda, em cada passo. Os restantes, Alberto, Mário e Lara, mostraram-se mais dependentes e necessitaram de um maior apoio em todas as tarefas, incluindo a minha ajuda na parte escrita.

De seguida, terminámos a tarefa do Ecomapa, em que os elementos do grupo, juntaram ao seu mapa algumas fotografias que tiraram na última sessão do *Photo Voice*, fotografias essas de coisas que gostam na sua comunidade e cada um explicou, posteriormente, a razão.

Por último, fizemos um balanço das sessões e decidimos o nome com o qual o grupo irá ficar “Grupo de Amigos Ligados por Projetos e Histórias de Vida”. De realçar, a evolução da Cristina ao longo das sessões: iniciou-se tímida e com medo de falar da sua vida, e acabou, mais desinibida e sem medo de falar sobre si e sobre os seus. O Alberto, por vezes mostrou-se muito distraído, no entanto, foi aquele que mais participou nas sessões, mas também, o que mais perturbou os colegas, uma vez que, sobrepôs muitas vezes a sua fala à dos restantes. O Mário e a Leonor, mostraram-se mais inibidos e com receio de falar. O Mário, uma vez que, as sessões eram sempre às 14h, devido aos medicamentos que toma, encontrava-se muito sonolento. A Leonor, apesar de pouco participativa, foi a que se mostrou mais desembaraçada na escrita. Por seu turno, a Lara e o Roberto, exibiram uma atitude confortável e sempre que interviam na sessão, fizeram-no bem e com consciência daquilo que estavam a dizer.